



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO CAMPUS DE UBERABA MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

KAMILLA RODRIGUES DA COSTA

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA APLICADAS A ALUNOS DE 6º ANO DE ENSINO
FUNDAMENTAL II DE UMA ESCOLA DA CIDADE DE PATROCÍNIO-MG**



PROFLETRAS

UBERABA – MG
2019

KAMILLA RODRIGUES DA COSTA

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA APLICADAS A ALUNOS DE 6º ANO DE ENSINO
FUNDAMENTAL II DE UMA ESCOLA DA CIDADE DE PATROCÍNIO-MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências

Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFTM - Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: II – Leitura e Produção Textual: diversidade textual e práticas docentes

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Eunice Barbosa Vidal

UBERABA – MG.
2019

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C873e Costa, Kamilla Rodrigues da
Estratégias de leitura aplicadas a alunos de 6º ano de ensino fundamental
II de uma escola da cidade de Patrocínio/MG/ Kamilla Rodrigues da Costa.
-- 2019.
154 f. : il., fig., graf.

Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Federal do Triângulo
Mineiro, Uberaba, MG, 2019
Orientadora: Profa. Dra. Maria Eunice Barbosa Vidal

1. Leitura - Estudo e ensino. 2. Gêneros literários. 3. Contos. 4. Língua
portuguesa - Composição e exercícios. 5. Escritos de crianças. 6. Ensino
fundamental. I. Vidal, Maria Eunice Barbosa. II. Universidade Federal do
Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 028(07)

KAMILLA RODRIGUES DA COSTA

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA APLICADAS A ALUNOS DE 6º ANO DE ENSINO
FUNDAMENTAL II DE UMA ESCOLA DA CIDADE DE PATROCÍNIO-MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFTM - Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade textual e práticas docentes

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Eunice Barbosa Vidal

Data de aprovação: 27/ 02 /2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª Maria Eunice Barbosa Vidal
Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
Presidente e Orientador.

Prof^ª Dr^ª Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Prof^ª Dr^ª Fabiana Cláudia Viana Costa
Centro Universitário Moura Lacerda.

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Campus de Uberaba
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

Dedico este trabalho a todos os educadores que transmitem conhecimento, educam e orientam seus alunos para a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Pela minha vida e todas as oportunidades a mim ofertadas.

Aos meus pais,

Meus maiores exemplos, que sempre me incentivam aos estudos. Sempre dispostos a ajudar.

Ao meu irmão,

Sempre com uma palavra amiga, um carinho e uma ajuda durante a formatação.

À Maria Eunice,

Por ser mais que uma orientadora. A você, meu carinho especial, minha admiração e minha gratidão.

À direção da escola,

Por me incentivar e apoiar durante todo o curso.

Às colegas do Mestrado,

Pela amizade e companheirismo ao longo de toda esta caminhada.

Aos professores do curso,

Pelos ensinamentos.

“Tudo no mundo está dando respostas,
o que demora é o tempo das perguntas.”

José Saramago

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo expor e discutir o desenvolvimento e aplicação de uma sequência de atividades de intervenção didática com práticas de leitura e produção de textos a partir de estratégias de leitura no gênero conto, demonstrando a importância de ativação dos conhecimentos prévios para melhor compreensão de um texto. Com o intuito de auxiliar o professor na aplicação das atividades, elaboramos um Caderno de Atividades em, que, além de sugestões de leitura, propomos atividades que poderão ser realizadas antes, durante e após a leitura dos contos. Inicialmente, elaboramos e aplicamos um questionário a fim de analisar qual a opinião dos alunos em relação à leitura, o que é ser um bom leitor, qual a média de livros que eles leem, se têm muita dificuldade em entender o que leem, se os familiares têm hábito de leitura e se seus professores os influenciam a ler diariamente. Baseamo-nos na análise das respostas dos alunos com o intuito de aprimorar o estudo do gênero conto para os alunos do 6º ano de uma escola estadual urbana da cidade de Patrocínio/MG. Na primeira etapa, fizemos análises de várias imagens de residentes de via pública e debatemos sobre esse tema com o propósito de fazer previsões em relação à temática do texto que iríamos trabalhar em sala de aula. Na sequência, realizamos a leitura do conto “Eu nunca vou te deixar”, de Pedro Bandeira, e a leitura da música “Menino de rua”, de Pepe Moreno, a fim de estabelecer relações temáticas entre os dois textos. Eles foram usados como motivação para a primeira produção escrita de um conto elaborado pelos alunos. Fizemos também uma reescrita, visando melhorar ainda mais o domínio da modalidade escrita. Utilizamos como referencial teórico Kleiman (2005), Geraldi (1997), Solé (1998), Lajolo (2000), Soares (2002), Fulgêncio e Liberato (2007), Ruiz (2013), entre outros. Os resultados foram satisfatórios, pois os alunos se envolveram com as atividades, participaram ativamente dos debates, sentiram-se motivados e aptos a elaborarem um texto criado por eles mesmos. Discutir sobre um problema tão vívido em nossa sociedade os fez refletir sobre a capacidade que o ser humano possui de não valorizar o que tem, deixando de lado, em muitos momentos, aquilo que outros gostariam tanto de ter, porém, sem a menor possibilidade de conseguir. Por fim, como dito anteriormente, desenvolvemos um caderno de atividades, como sugestão para professores, caso queira aplicá-las em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino. Gênero conto. Estratégias de leitura. Escrita. Produção de textos.

ABSTRACT

The present dissertation aims to expose and discuss the development and application of a sequence of didactic intervention activities with reading and writing practices from reading strategies in the short story genre, demonstrating the importance of activating prior knowledge for better understanding of a text. With the purpose of assisting the teacher in the application of the activities, we elaborated an Activity Book, which, besides reading suggestions, we propose activities that can be performed before, during and after the reading of the stories. Initially, we developed and applied a questionnaire to analyze the students' opinions about reading, what it means to be a good reader, how many books they read, if they have a hard time understanding what they read, if the family members have a habit of reading and if their teachers influence them to read daily. We are based on the analysis of the students' responses in order to improve the study of the genre tale for students of the 6th year of an urban state school in the city of Patrocínio / MG. In the first stage, we analyzed several images of residents of public streets and discussed this theme with the purpose of making predictions regarding the theme of the text that we were going to work in the classroom. Following this, we read the story "I will never leave you" by Pedro Bandeira, and the reading of the song "Menino de rua", by Pepe Moreno, in order to establish thematic relations between the two texts. They were used as motivation for the first written production of a short story by students. We also did a rewrite, aiming to further improve the mastery of the written modality. We use as theoretical reference Kleiman (2005), Geraldi (1997), Solé (1998), Lajolo (2000), Soares (2002), Fulgencio and Liberato (2007), Ruiz (2013), among others. The results were satisfactory as the students became involved in the activities, actively participated in the discussions, felt motivated and able to produce a text they created. Discussing such a vivid problem in our society has made them reflect on the human being's capacity not to value what he has, leaving aside in many moments what others would like so much to have, but without the slightest possibility of get. Lastly, as mentioned earlier, we developed an activity booklet, as a suggestion for teachers, if you want to apply them in the classroom.

Keywords: Teaching. Genre story. Reading strategies. Writing. Production of texts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem do mural confeccionado em sala de aula.....	52
Figura 2 - Caracterização de personagem.....	66
Figura 3 – Caracterização de personagem.....	67
Figura 4 – Inclusão de outros personagens.....	68
Figura 5 – Inserção de valor.....	68
Figura 6 – Desvio não identificado pelo aluno.....	69
Figura 7 – Mudança de verbos.....	70
Figura 8 – Mudança de verbos.....	70
Figura 9 – Mudança de verbos.....	70
Figura 10 – Mudança de verbos.....	71
Figura 11 – Mudança de verbos.....	71
Figura 12 – Uso de um substantivo próprio caracterizador de um estilo musical.....	72
Figura 13 – Presença de diálogos.....	73
Figura 14 – Exemplo de personagem não citado.....	74
Figura 15 – Desvio não identificado pelo aluno.....	75
Figura 16 – Uso de letras em caixa alta para realçar uma ideia.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **Erro! Indicador não definido.**

1 A LEITURA E SEUS CONTEXTOS

1.1 O que é leitura **Erro! Indicador não definido.**

1.2 Leitura na escola **Erro! Indicador não definido.**

1.3 Estratégias de leitura e conhecimentos ativados no ato de ler.....**Erro! Indicador não definido.**

1.4 Estratégias de leitura: desenvolvendo a competência leitora **Erro! Indicador não definido.**

2 ABORDAGEM DO GÊNERO CONTO

2.1 Diretrizes educacionais e o uso de gêneros textuais.....29**Erro! Indicador não definido.**

2.2 Conceito de conto.....**Erro! Indicador não definido.**

2.3 A prática da produção textual.....33**Erro! Indicador não definido.**

3 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO COM O GÊNERO CONTO

3.1 Procedimentos metodológicos **Erro! Indicador não definido.**

3.2 O olhar dos alunos sobre a leitura.....37

3.3 Atividade de motivação: estratégias incentivadoras antes, durante e depois da leitura.....**Erro! Indicador não definido.**

3.4 Propostas de atividades com o gênero conto.....43

3.5. A importância das atividades para aprimorar o entendimento 44**Erro! Indicador não definido.**

3.5.1 O uso da música como elemento de reflexão **Erro! Indicador não definido.**

3.6 A primeira produção escrita.....52

3.7 A reescrita.....62

CONSIDERAÇÕES FINAIS29

REFERÊNCIAS77

APÊNDICE A – CADERNO DE ATIVIDADES.....	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE B – MODELO DE SOLICITAÇÕES: AUTORIZAÇÃO PARA MENORES ..	116
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MENORES DE IDADE	Erro! Indicador não definido.
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA	Erro! Indicador não definido.
ANEXO B – PRODUÇÕES DOS ALUNOS.....	119
Exemplo 34 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”.....	119
Exemplo 34.1 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”.....	120
Exemplo 34.2 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”.....	120
Exemplo 35 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”.....	121
Exemplo 35.1 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”.....	122
Exemplo 36 de respostas de atividades sobre a música “Menino de rua”.....	123
Exemplo 37 de respostas de atividades sobre a música “Menino de rua”.....	124
Exemplo 38 de respostas de atividades sobre a música “Menino de rua”.....	125
Exemplo 39 de respostas de atividades sobre a música “Menino de rua”.....	126
Exemplo 40 de respostas de atividades sobre a música “Menino de rua”.....	127
ANEXO C – PRIMEIRA PRODUÇÃO DE CONTO.....	128
Exemplo 41 de produção de conto.....	128
Exemplo 42 de produção de conto.....	129
Exemplo 42.1 de produção de conto.....	130
Exemplo 43 de produção de conto.....	131
Exemplo 43.1 de produção de conto.....	132
Exemplo 44 de produção de conto.....	133
Exemplo 45 de produção de conto.....	134

Exemplo 46 de produção de conto.....	135
Exemplo 47 de produção de conto.....	136
Exemplo 48 de produção de conto.....	137
Exemplo 49 de produção de conto.....	138
Exemplo 50 de produção de conto.....	139
Exemplo 50.1 de produção de conto.....	140
Exemplo 51 de produção de conto.....	141
Exemplo 52 de produção de conto.....	142
Exemplo 53 de produção de conto.....	143
Exemplo 53.1 de produção de conto.....	144
ANEXO D – REESCRITAS.....	145
Exemplo 54 de reescrita de conto.....	145
Exemplo 55 de reescrita de conto.....	146
Exemplo 56 de reescrita de conto.....	147
Exemplo 57 de reescrita de conto.....	148
Exemplo 58 de reescrita de conto.....	149
Exemplo 59 de reescrita de conto.....	150
Exemplo 60 de reescrita de conto.....	151
Exemplo 61 de reescrita de conto.....	152
Exemplo 62 de reescrita de conto.....	153
Exemplo 63 de reescrita de conto.....	154
Exemplo 64 de reescrita de conto.....	155
Exemplo 65 de reescrita de conto.....	156

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e os demais documentos que norteiam o ensino das disciplinas nas escolas, as aulas de Língua Portuguesa devem ser ministradas a partir da leitura, da compreensão e produção de textos de diversos gêneros, tanto aqueles associados à realidade do aluno quanto os necessários para o pleno exercício da cidadania. Assim, nosso objetivo primordial é apresentar uma proposta de trabalho realizada em uma escola estadual da zona urbana de Patrocínio/MG a partir de estratégias de leitura e produção escrita baseados no gênero conto.

Com o intuito de auxiliar o professor na aplicação das atividades, elaboramos um Caderno de Atividades, que, além de sugestões de leitura, propomos atividades que poderão ser realizadas antes, durante e após a leitura dos contos.

Não é possível pensar a educação desvinculada da leitura e da escrita, pois são ferramentas indispensáveis, pois compreendemos que através delas os educandos terão várias possibilidades de adquirir conhecimento, informação, lazer, cultura e integração social, possibilitando transformações tanto individuais como coletivas. Além disso, a leitura e a escrita são valores relevantes para o homem tornar-se cidadão consciente do poder que tem. Sem esses valores indispensáveis nos tornamos pessoas incapazes de exercer plenamente nossa cidadania.

Desse modo, justifica-se a pesquisa a intenção de oportunizar aos nossos educandos condições autênticas de interação ao mundo letrado, para que venham a descobrir que a leitura traz, além da ampliação de conhecimentos, prazer e emoção àquele que lê. No entanto, não basta apenas ter a consciência de que a leitura é indispensável à formação da pessoa, mas é necessário criar condições para que o ato de ler venha se tornar uma realidade concreta na vida desse indivíduo. Então, para que isso se efetive de fato, é importante que a escola seja uma instituição comprometida por despertar no aluno o interesse e o prazer de ler. Para Geraldi (1997, p.37) “Se a escola tiver um projeto de leitura, isso pressupõe que ele (o aluno), terá cada vez mais contato com a língua escrita, na qual se usam as formas padrão que a escola quer que ele aprenda.” Portanto, teremos assim um aprendizado uniforme, voltado para as necessidades reais de nossos alunos.

Que todos os sujeitos envolvidos no espaço escolar tenham isso como prática no seu cotidiano, para que possam estimular aqueles que ainda não têm tal hábito.

Assim, trabalharemos com estratégias de leitura, induzindo o aluno/leitor a ter condições de interrogar a sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e seu conhecimento

prévio, questionar seu conhecimento e modificá-lo, generalizar o conteúdo aprendido para outros contextos, entre outras habilidades.

Temos como objetivo propor estratégias didático-pedagógicas para o ensino/aprendizagem de leitura e contribuir no processo de formação do leitor crítico por meio da aplicação de estratégias de leitura em textos do gênero conto.

A presente dissertação foi dividida em três seções. Na primeira seção apresentamos os conceitos relacionados a leitura, como a leitura tem sido vista e discutida na escola, o que é ser letrado na concepção dos alunos, como desenvolver algumas estratégias de leitura em sala de aula. Para discutirmos essas questões utilizamos das ideias de Kleiman, Paulo Freire, Koch, Lajolo, Martins, Grossi e Solé.

Na segunda seção discutimos sobre o gênero conto. O gênero discursivo na sala de aula é apresentado nas perspectivas de Bakhtin e sua transposição para sala de aula é apresentado por Soares, Magalhães Júnior, Abaurre e Cortazar. Ademais, apresentamos os aspectos considerados por Geraldini como necessários para uma adequada produção textual.

Por fim, na terceira seção, apresentamos e descrevemos detalhadamente as atividades realizadas com os alunos e seus respectivos resultados.

É pertinente mencionar que as atividades apresentadas no terceiro capítulo foram realizadas em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental por todos os alunos, porém só divulgamos aquelas atividades autorizadas pelo Comitê de Ética, cujos pais autorizaram os filhos a participar da pesquisa e quem tem um propósito de ser um aliado do professor no trabalho com o gênero conto.

Com o intuito de ajudar os professores de Língua Portuguesa a trabalhar com leitura e escrita em suas aulas, elaboramos um Caderno de Atividades (Apêndice A, p.83) com atividades de intervenção.

Enfim, consideramos que o conto é um gênero indispensável na sala de aula. Infelizmente, diariamente os professores convivem na escola com a desmotivação de seus educandos pela leitura. Oferecer o conto nas leituras pode ser uma alternativa que possibilite ao aluno aproximar-se/ reaproximar-se do texto, podendo criar um vínculo para o resto da vida. Por isso optamos pela leitura do gênero e colocamos à disposição um caderno de atividades voltado para o professor, com propostas de leitura, compreensão e produção de textos.

CAPÍTULO 1

A LEITURA E SEUS CONTEXTOS

1.1 O que é leitura

Quando falamos em leitura, o que nos vem à mente primeiramente é aquele significado de dicionário, “ação ou efeito de ler; ato de apreender um conteúdo de um texto escrito...” (AURÉLIO, 2000, p. 779), como também a decodificação das palavras e dos signos e a atribuição de sentidos ao texto e a capacidade de interpretação. Contudo, sabemos que a leitura nos acompanha desde os primeiros anos de vida, quando começamos a balbuciar as primeiras palavras e logo, a decifrar o que está escrito. Se pararmos para pensar, tentamos compreender o mundo e tudo o que está ao nosso redor, desde a leitura de um livro a um simples passar de olhos em uma imagem, figura, propaganda, etc.

Ler é uma necessidade, é participar ativamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o universo através das palavras, além do fato que ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas ideias, experiências.

Os PCN (BRASIL, 1998, p.53), instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico Prática de Leitura, apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Prosseguindo, os PCN (BRASIL, 1998) afirmam que,

a leitura não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (PCN, BRASIL, 2001, p. 53).

Para Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. Ler não é, pois decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos: é construir uma sequência de entendimentos a partir dos índices deixados pelo autor do texto. Ler é estar conectado com a leitura do outro, é trocar informações, é inserir-se na realidade do outro. Podemos ressaltar que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais, o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo

que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida.

De posse dessas noções, fica claro a nosso ver, que a leitura é de caráter complexo. Entendemos, portanto, que o ensino da leitura na escola requer diversificação das atividades a partir dos textos lidos, levando-se em conta o conhecimento prévio do aluno.

É de suma importância ressaltar que por meio da leitura e de nossa visão de mundo, conseguimos o domínio da palavra, trocamos ideias e conhecimentos, sendo possível entender a realidade na qual estamos inseridos.

A aquisição da leitura é indispensável nas sociedades letradas, sendo considerada uma condição para dar voz ativa aos cidadãos na medida em que auxilia na formação da consciência crítica. No entanto, é necessário preparar o leitor para torna-lo sujeito do ato de ler. Caso isso não ocorra, ele não desempenhará autonomamente a atividade de leitura e, por consequência, será um sujeito excluído nessa sociedade. Nas palavras de Paulo Freire (2000),

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra [...] De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida do mundo, mas por certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2000, p.20).

De acordo com Freire (2000), quem lê constrói significado. Ler implica unir o conhecimento do mundo e esquemas mentais relacionados ao assunto abordado no texto. A leitura é o resultado da interação entre as informações visuais e não visuais, sendo considerado um ato cognitivo.

Sendo assim, ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. “Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido”. (SOLE, 1998, p.44)

A leitura é um ato que depende de estímulos variados e de motivação contínua. Sua prática é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e da formação dos indivíduos, gera sentimentos, formula opiniões críticas, além de exercer sobre o ser humano o poder de expandir seus horizontes. Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto.

Nesse sentido entendemos que a leitura é uma atividade em que cada leitor produz um significado de acordo com a experiência que cada um tem. Segundo Paulo Freire, ler não é apenas um processo de decodificação de palavras escritas.

Assim,

Não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto. (FREIRE, 1998, p.11).

Em se tratando desse aspecto, a escola tem um papel fundamental na aquisição da leitura, uma vez que, esse é o ambiente materializado pela sociedade capaz de fazer o aluno tornar-se um leitor competente.

Para Koch (2009), “a leitura é um ato social entre dois sujeitos, leitor e autor, que interagem entre si, obedecendo aos objetivos e as necessidades socialmente determinados”. Mediante a afirmação de Koch, podemos inferir que a leitura é uma atividade na qual leva-se em consideração o que o leitor conhece, exige mais que o conhecimento do código linguístico, exige participação intensa do leitor, pois, para facilitar a construção de sentidos, ele aplica seus conhecimentos armazenados e adquiridos ao texto.

É por meio de uma ou várias leituras, que o leitor consegue analisar, levantar hipóteses, compreender melhor o que está escrito, formular opiniões, acionar seus conhecimentos prévios acerca do que está sendo discutido no texto.

A leitura é uma atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova visão do mundo. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos livros e a realidade encontrada em seu meio social. A criatividade, a imaginação o raciocínio se sobrepõem diante deste magnífico cenário, criando um palco de possibilidades.

1.2 Leitura na escola

Considera-se que a leitura é uma habilidade que, uma vez adquirida pelos alunos, pode ser aplicada sem problemas a múltiplos textos. Porém, de acordo com nossas vivências em sala de aula, percebemos que isso não é verdade. Podemos perceber isso ao analisar nossos alunos em sala de aula. Há compreensão de alguns textos e dificuldades em outros.

Subjuga-se que a leitura deve ser inserida no contexto do aluno, quando ele começa a frequentar a escola, sendo esse talvez, um das maiores dificuldades do professor em inserir o aluno no mundo da leitura. A escola, dessa forma, toma como prioridade a aprendizagem da leitura, aprender a ler para então, ler para aprender, quer dizer, apropriar-se de uma competência para compreender os diferentes tipos de textos, existentes no seu contexto social, e também fora dele. E o que a escola ensina sobre leitura?

Basicamente, a escola ensina a ler e propõe tarefas para que os alunos pratiquem essa competência. É preciso, contudo, acreditar na ideia de que isso deve ser feito não apenas no início da escolarização, mas num processo contínuo, para que eles deem conta dos textos imprescindíveis para realizar as novas exigências que vão surgindo ao longo do tempo.

Um empecilho que encontramos na escola na prática da leitura é o fato de todos os educadores acreditarem que são os professores de português, essencialmente, quem deve preparar os alunos para a compreensão daquilo que eles leem. De fato, os da área de línguas têm um papel importantíssimo para ajudar os alunos a melhorarem a leitura e a composição de textos no campo de ação da própria língua e da literatura. Contudo, os responsáveis pelas demais disciplinas, por sua vez, podem lidar com textos mais específicos. Aliás, quem leciona também deve aprender progressivamente a compreender e produzir os textos próprios de suas áreas. É necessária a interação de todas as disciplinas, para levar o aluno a entender que a prática da leitura não é apenas para aprender, mas também para pensar. A leitura não é só um meio de adquirir informação: ela também nos torna mais críticos e capazes de considerar diferentes perspectivas. Isso necessita de uma intervenção específica. É preciso planejar estratégias específicas para ensinar os alunos a lidar com as tarefas de leitura dentro de cada disciplina.

Outro ponto importante que não podemos deixar de citar é a família, pois é através dela que normalmente surge o primeiro contato com a leitura. Porém, em uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora, ou não tem acesso à leitura, o tempo para dedicar-se à formação de seus filhos como leitores é cada vez menor. Então, resta à escola a responsabilidade de desenvolver esta habilidade em seus alunos, ressaltando que no âmbito escolar, é o seu caráter interdisciplinar o traço de maior relevo, já que interfere decisivamente no aprendizado de todas as demais matérias do currículo.

Kleiman (2000) nos aponta algumas das concepções da leitura que as práticas na escola legitimam e perpetuam. Somente com o rompimento dessas práticas a escola poderá responder satisfatoriamente ao conceito de leitura. Na escola, em geral, a leitura é concebida de duas formas. A primeira é a leitura como decodificação, atividade composta de automatismos que em nada modificam a visão de mundo do aluno. Essa atividade, muitas vezes denominada pelos livros como "interpretação", exige apenas que o aluno responda a perguntas sobre informações já expressas no texto. A segunda forma é a leitura como avaliação, prática que permitiria ao professor avaliar se o aluno está entendendo ou não o texto. Contudo, é reduzida na maioria das vezes à leitura em voz alta.

Tais concepções “legitimadas” pela escola necessitam urgentemente de serem modificadas, pois acabam produzindo grandes quantidades de leitores capazes de decodificar qualquer texto, porém com enormes dificuldades para compreenderem o que leem. Talvez este seja o maior desafio enfrentado pela escola, segundo Solé (1998). A construção de significados na leitura pressupõe a intervenção de um leitor ativo, que realiza um importante esforço cognitivo durante o processo de leitura. Quando necessário, o leitor intervém para que possa processar e atribuir significado ao que está escrito.

Dentro da realidade escolar, mais particularmente de uma sala de aula, é tarefa difícil contentar os interesses de todos os alunos e fazê-los coincidir com os do professor, mas nesse âmbito “escolar” existem espaços “democráticos” para que isso ocorra, como a biblioteca ou o cantinho da leitura. Dentro da sala de aula, a abordagem metodológica rotineira pode ser um determinante desmotivador. Kleiman apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com sessenta professores sobre a forma como geralmente aborda o texto em sala de aula. Houve unanimidade no modo de orientar a leitura de qualquer texto e do papel secundário que a leitura tinha em relação às atividades em torno desse mesmo texto. O roteiro abaixo apresenta as etapas indicadas pela maioria dos professores na pesquisa de Kleiman:

1. Motivação do aluno, através de uma conversa sobre o assunto; 2. Leitura silenciosa, sublinhando as palavras desconhecidas; 3. Leitura em voz alta por alguns alunos, ou por todos os alunos em grupo; 4. Leitura em voz alta pelo professor; 5. Elaboração de perguntas sobre o texto, por parte do professor, “Como?”, “Onde ocorreu a estória?”, “Quando?”, “A quem?” e outras perguntas sobre elementos explícitos; 6. Reprodução do texto (ou outra atividade de redação ligada ao tema do texto). (KLEIMAN, 2000, p. 24).

Esse roteiro reproduz a proposta de trabalho da maioria dos livros didáticos, nos quais se apresentam unidades em torno de um texto, o que se transforma num pretexto para as atividades acima discutidas. Essa prática não propicia a interação professor /aluno, já que temos primeiro a leitura silenciosa ou em voz alta. Os pontos discutidos posteriormente não levam em consideração se o aluno compreendeu, a aula se transforma em um monólogo do professor e este, por sua vez, transmite sua versão, que passa a ser a autorizada.

Percebemos a importância de uma fundamentação teórica que sustente o trabalho em sala de aula, como também a contribuição de uma ação coletiva que, sem as quais será impossível desenvolver um trabalho de qualidade. Sabemos que não é fácil, já que o próprio sistema não oferece condições para que os professores possam ter essa formação importante para o exercício de sua profissão. Mas não é impossível já que podemos aos poucos ir formando

grupos de estudos para discutirmos e refletirmos a respeito do que se passa na educação e, dessa forma, buscarmos subsídios que possam ampliar a nossa prática educativa.

Precisamos despertar primeiramente nos professores o interesse pela leitura, uma vez que percebemos por parte de alguns a falta de interesse em desenvolver uma prática cotidiana da leitura. Para que seja uma prática concreta, o professor deve ser um leitor efetivo e ter claro que somente aquele que lê e ama os livros é capaz de formar outros leitores. Marisa Lajolo (2004) afirma que:

Se algumas metodologias e estratégias propostas para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaurou-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre os jovens. (LAJOLO, 2004, p.107).

De acordo com a autora, o professor será, sem dúvida, o grande responsável pela busca de estratégias de leitura que melhor atendam aos alunos e a sua ação alicerçará o processo de formação de leitores. Os professores têm, então, o papel de mediadores do conhecimento. Segundo Maria Helena Martins (1984):

A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1984, p.34).

Portanto, sabemos que não é só culpa dos profissionais da educação, estes são frutos de um sistema desorganizado. É preciso a sociedade se mobilizar para melhorar a educação, uma vez que esta não deve ser tratada com desprezo pelos governantes. E todos os educadores devem ter essa consciência porque são eles que trabalham diretamente com os educandos, que devem estar preparados para lutar pelos seus direitos e por melhorias para as suas escolas, principalmente bibliotecas, em que possam ser encontrados bons materiais para a prática da leitura, para assim conseguir uma boa aprendizagem e novos conhecimentos criativos e críticos.

Devemos motivar os alunos para que vislumbrem as diversas e diferentes razões para lerem. O ato de ler faz com que o leitor obtenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. Se há estímulos para a leitura desde pequena, a criança com certeza será um adulto questionador e crítico, levando-nos a entender que o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abria a cabeça.

Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e os respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03).

A leitura proporciona a descoberta de um mundo novo e fascinante. Lemos para obter informações, para receber instruções, para obter e aprofundar conhecimentos, para passatempo, por prazer, por gosto, para estabelecer comunicação com outrem, para melhor compreender o meio em que vivemos, para encontrar, à distância, com quem trocar ideias sobre tudo aquilo que pensamos do mundo exterior e interior. Aponta os PCN (1998) que:

São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, para estudar, ler para descobrir o que deve o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor. É completamente diferente ler em busca de significado – a leitura, de um modo geral – e ler em busca de inadequações e erros – a leitura para revisar. Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos. (PCN, 1998, p. 61).

Nesse sentido, a leitura tem uma função ao mesmo tempo social e individual. E é neste universo que nossos alunos deverão ser convidados se integrar.

Os benefícios que a leitura promove na sociedade são inúmeros: resgate da cidadania, desenvolvimento de um olhar crítico e de competências, integração social, ampliação dos horizontes e do vocabulário, além da formação de profissionais capacitados e competentes. A leitura deve complementar o domínio da escrita e cabe ao professor e aos pais estimular o pensar, o refletir, o participar e o agir desses indivíduos.

A leitura é um dos meios mais importantes para as novas aprendizagens, possibilitando a construção e o fortalecimento de ideias e ações. Ninguém se torna um leitor por obrigação, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos, ou seja, os pais são muito importantes à medida que eles são vistos lendo ou escrevendo perto dos filhos.

1.3 Estratégias de leitura e conhecimentos ativados no ato de ler

De acordo com os PCN (1998), o trabalho com a leitura tem a finalidade de formar leitores competentes, capazes de compreender o que leem e que identifiquem os elementos implícitos, estabelecendo, assim, relações entre o texto que leem e outros que já foram lidos e que estejam atentos à diversidade de sentidos que podem ser atribuídos ao texto.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção e significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma

atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 2001, p.53).

A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa interpretar e compreender o que se lê, segundo Kleiman (2011, p.25) “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio”, ou seja, o leitor utiliza na leitura todo conhecimento adquirido ao longo de sua vida.

Mediante a interação de diversos níveis de conhecimento é que o leitor consegue construir o sentido do texto. Desse modo, entende-se que é importante o conhecimento prévio do indivíduo na prática da leitura, pois é esse conhecimento que possibilita ao leitor fazer a inferência de significados e de construção de sentidos, facilitando a melhor compreensão do texto lido. Ainda segundo a autora, vários são os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura e que são imprescindíveis para o processamento textual.

[...] o conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento de compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado. O mero passar de olhos não é leitura, pois a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos (KLEIMAN, 2011, p.26).

Segundo Kleiman (2011), existem três espécies de conhecimentos, destacados a seguir:

- Conhecimento linguístico: é o conhecimento implícito não verbalizado e nem verbalizável, abrange desde o conhecimento a respeito de como pronunciar português, passando pelo conhecimento das regras da língua, chegando até o conhecimento a respeito do uso da língua. Desempenha um papel central no processamento do texto, permite a identificação de categorias lexicais e das funções das frases, essa identificação é que permite que o processo de leitura continue, até chegar à compreensão do texto. É um componente do conhecimento prévio sem o qual a compreensão não é possível.
- Conhecimento textual: é o conjunto de noções e de conhecimentos a respeito do texto, permitindo que o leitor identifique o tipo e a estrutura do texto no momento da leitura.
- Conhecimento de mundo ou enciclopédico: é a bagagem de informações do leitor, tudo que ele traz na memória, tudo que foi adquirido tanto formalmente como informalmente. Quando um leitor tem em mão um texto para ler, sua primeira expectativa é que compreenda o texto e que sua leitura alcance o sentido proposto. (KLEIMAN, 2011, p.26).

Kleiman (2011) afirma que quanto mais conhecimento textual o leitor obtiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, será mais fácil a sua compreensão. E que para uma leitura satisfatória esses conhecimentos que formam parte do conhecimento prévio devem ser utilizados durante a leitura.

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer 14 inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente (KLEIMAN, 2011, p. 25).

Nesta mesma linha de pensamento, Solé (1998) afirma que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. Esse processo conta com a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto com o objetivo de guiar sua leitura, ou seja, sempre lemos com uma finalidade. Nesta compreensão intervêm tanto a forma e o conteúdo do texto, como o leitor e seus conhecimentos prévios, conhecimentos estes, que possibilitam ao leitor fazer inferências de significados que resultam em uma melhor compreensão do texto. É um processo interno, mas deve ser ensinado.

Conforme indica a mesma autora, a interpretação do texto envolve o esclarecimento das ideias principais que ele contém e que, embora um autor elabore um texto para comunicar determinados conteúdos, a ideia ou as ideias principais construídas pelo leitor dependem dos seus objetivos de leitura e de seus conhecimentos prévios.

Além do que já foi mencionado, é importante destacar que para uma boa leitura é imprescindível que o leitor esteja comprometido, que mantenha um posicionamento crítico e reflexivo a respeito do que lê. Desse modo, o leitor cria um processo de interação com o texto, permitindo-se ultrapassar as barreiras dos códigos e dos símbolos, dando lugar a uma relação da qual não pretende desprender-se. Pois a leitura capacita ao leitor a ampliação de conhecimentos e possibilita a evolução social do indivíduo.

Assim, pode-se dizer que o processo de leitura, compreensão e interpretação de texto é uma atividade a ser praticada com o intuito de abrir o leque do conhecimento do leitor.

O leitor ativo está consciente da sua própria compreensão. A leitura para esse leitor é um processo contínuo de elaboração de inferências, durante o qual este avalia a validade e a significação dos textos em relação a sua experiência, seus conhecimentos prévios (SOLÉ, 1998).

Como o leitor ativo é capaz de atribuir significados ao que lê? Através de seus conhecimentos prévios, diante de uma informação escrita (um título ou uma manchete de jornal, por exemplo). O leitor ativa seus esquemas mentais e elabora hipóteses sobre o conteúdo do texto, isto é, faz previsões acerca das informações que poderá encontrar. Ao iniciar a leitura do texto, o leitor vai confirmando ou rejeitando suas hipóteses iniciais, e elaborando outras ao fazer isso, pois contribuiu com informações que já faziam parte de seus esquemas sobre o assunto e de suas experiências. Esses conhecimentos resultam da interação

social, e através deles criam-se representações da realidade. Segundo Coll (1983 apud SOLÉ, 1998):

Esses esquemas de conhecimento que podem ser mais ou menos elaborados, manter maior ou menor número de relações entre si, apresentar um grau variável de organização interna, representam em um determinado momento da nossa história o nosso conhecimento relativo e sempre ampliável. (COLL, 1983 apud SOLÉ, 1998, p. 40).

É mediante esses esquemas que compreendemos situações nas quais são transmitidas informações. A ativação desses conhecimentos que já possuímos poderá nos ajudar na compreensão do que já conhecemos. Somos, portanto, capazes de estabelecer relações com que estamos lendo. Para que ocorra a compreensão leitora, Solé (1998) nos aponta ainda dois fatores importantes além dos conhecimentos prévios, que ela conceitua como “questões próprias do leitor”. São eles os objetivos e a motivação relacionada à leitura. Os objetivos pretendidos pelo leitor são fatores determinantes tanto na utilização de estratégias responsáveis pela compreensão quanto no controle exercido sobre ela, mesmo que de forma inconsciente, pois “nossa atividade de leitura está dirigida pelos objetivos que pretendemos mediante ela” (SOLÉ, 1998, p.44).

Quando a tarefa da leitura em si corresponde a um objetivo, essa atividade torna-se motivadora para o leitor ativo, já que seus interesses se interligam e, assim, essa motivação agirá como facilitadora do processo de compreensão do texto.

Quando o objetivo é aprender, isso significa, em primeiro lugar, ler para poder se guiar num mundo em que há tanta informação que às vezes não sabemos nem por onde começar. Em segundo lugar, significa não ficar apenas no que dizem os textos, mas incorporar o que eles trazem para transformar nosso próprio conhecimento. Pode-se ler de forma superficial, mas também pode-se interrogar o texto, deixar que ele proponha novas dúvidas, questione ideias prévias e nos leve a pensar de outro modo.

1.4 Estratégias de leitura: desenvolvendo a competência leitora

O termo “estratégia”, assim como a maioria das palavras da língua portuguesa, é polissêmico, isto é, pode ser empregado com diferentes sentidos, dependendo do contexto. Conforme afirma Solé (1998), uma estratégia poderia ser considerada um procedimento, vista na literatura especializada e na tradição psicopedagógica como “estratégias de leitura”. “Procedimento, com frequência chamado também de regra, técnica, método, destreza ou

habilidade, é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas dirigidas à consecução de uma meta” (COLL, 1987, apud SOLÉ, 1998, p.68).

Compreendemos estratégias aqui como um procedimento de cunho elevado que abrange a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento de ações desenvolvidas no intuito de atingi-las, bem como sua avaliação (SOLÉ, 1998).

As estratégias usadas na compreensão de um texto constituem um conjunto de ações mentais desenvolvidas pelo leitor para a construção de um sentido. As estratégias de leitura fazem parte do processo cognitivo da leitura, e constituem as operações mentais que o leitor realiza (na maioria das vezes instintivamente) na interação com o texto para construir o sentido.

Não podemos dizer que o professor aplica estratégias de leitura. Elas são, na verdade, construídas pelos leitores, embora possam ser estimuladas por meio de atividades desafiadoras.

Solé afirma que o professor tem a função de guia, principalmente porque exerce o papel de mediador na construção do conhecimento. Este é um processo de construção conjunta, denominado por Rogoff (1984, apud SOLÉ, 2008, p.75) como participação guiada. Existe uma semelhança entre a participação guiada e o processo de “andaimes” descrito por Bruner. Para Bruner (apud LINS, 2003, p.79) “o aprendiz através de etapas apropriadas de aprendizagem funciona como uma espécie de ‘scaffold’ (andaime), que eleva o conhecimento do aprendiz do nível desenvolvimento real até o nível de desenvolvimento potencial. Solé (2008, p.76), explica a metáfora do andaime, afirmando que a sua localização está um pouco “acima do edifício que contribuem para construir os desafios do ensino, devem estar um pouco além do que a criança é capaz de fazer. Após a construção, o andaime é retirado sem a queda do edifício”. Dessa forma, na medida em que o aluno for adquirindo a competência necessária para controlar a sua própria aprendizagem, garantindo a sua autonomia, o professor retira os “andaimes”.

Vygostky (1987 apud Antunes, 2001, p.28) aborda os andaimes como ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), que pode ser definida “como a distância entre o nível de resolução de uma tarefa que uma pessoa pode alcançar com a ajuda de outra pessoa (pai, professor, colega, etc.) mais experiente nessa tarefa.” O ZDP ajuda o aluno desenvolver outras maneiras de pensar, ou de buscar novas estratégias que irão colaborar na construção do seu conhecimento. As estratégias propostas por Solé (2008) vêm auxiliar o aluno no desenvolvimento de suas habilidades para o processo da leitura. A autora propõe, primeiramente, que o professor incentive o aluno, desafiando-o com leituras desconhecidas, prática de leitura fragmentada, lendo duas páginas por dia. A segunda proposta da autora é traçar objetivos de leitura. O leitor precisa saber os motivos que o levaram a ler aquele

determinado texto. Os bons leitores não leem qualquer texto da mesma maneira, pois cada leitura vai depender do seu objetivo.

Nesse processo, o professor proporciona aos alunos os andaimes necessários para que eles possam dominar progressivamente as estratégias e sejam capazes de utilizá-las mesmo depois da retirada das ajudas iniciais.

Para Kleiman (2000), as estratégias de leitura podem ser classificadas como estratégias cognitivas e estratégias metacognitivas.

As estratégias cognitivas da leitura são as operações inconscientes do leitor, aquelas que não chegam ao nível consciente com perspectivas de utilização das mesmas para o alcance dos objetivos da leitura.

As estratégias metacognitivas, por sua vez, estão diretamente relacionadas à metacognição, ou seja, à capacidade do leitor conhecer o próprio conhecimento, de pensar sobre sua atuação, de planejá-la e regular a atuação inteligente. Assim, as estratégias metacognitivas são aquelas operações sobre as quais temos controle, no sentido de podermos dizer quando lemos sem entender um texto e de sabermos a finalidade da leitura.

Segundo Solé (1998), existem estratégias de facilitação da compreensão leitora, que poderão ser invocadas nas três etapas da leitura: antes, permitindo situar o leitor diante da leitura, instigando-o a assumir papel ativo no processo; durante, permitindo construir uma interpretação que auxilie na resolução de problemas; e depois da leitura, predispondo-se a unificar as etapas anteriores de forma concreta.

Solé apresenta essas estratégias levando em consideração a presença de um leitor ativo e considerando o que pode ser feito para incentivar a compreensão durante o processo de leitura, não podendo essa sequência ser vista como passos rigidamente estabelecidos.

A autora esclarece que as estratégias têm como finalidade ajudar o leitor na escolha de outros caminhos quando se deparar com problemas na leitura, segundo Solé:

Consideramos as estratégias de compreensão leitora como um tipo particular de procedimento de ordem elevada. Como poderão verificar, cumprem todos os requisitos: tendem à obtenção de uma meta, permitem avançar o custo da ação de leitor, embora não a preservem totalmente; caracterizam-se por não estarem sujeitas de forma exclusiva a um tipo de conteúdo ou a um tipo de texto. (SOLÉ, 1998, p.72).

A partir do conhecimento das estratégias da leitura, a escola deve ligar a atividade de ler com as necessidades pessoais e sociais do aluno, destacando a importância da leitura em todos os âmbitos da vida. Assim, ao longo da sua existência, o indivíduo terá condições de lutar por aquilo que realmente almeja, utilizando a leitura num plano pessoal e social, proporcionando

experiências através das quais poderá expandir suas limitações, obtendo conhecimentos profundos de si próprios, de outros seres humanos e da sociedade em que vive.

As abordagens teóricas sobre conto serão apresentadas na próxima seção.

2 A ABORDAGEM DO GÊNERO CONTO

Nesta seção, encontram-se reflexões teóricas que dizem respeito ao gênero conto. Como se lerá adiante, destinaremos alguns itens para tecer considerações a partir de documentos de parametrização escolar, entre outros.

2.1 Diretrizes educacionais e o uso de gêneros textuais

No Brasil, o trabalho com gêneros textuais se tornou mais evidente entre os professores a partir da implementação dos PCN (BRASIL, 1998). Os PCN se configuram em um documento oficial que objetiva orientar a prática docente e este, por sua vez, recomenda a utilização de atividades com diferentes gêneros textuais como um facilitador do ensino de produção e leitura de textos. De acordo com o referido documento, os gêneros textuais constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.

Conforme os PCN (BRASIL, 1998) a linguagem é condição de plena participação social. Se pararmos para analisar, perceberemos o quanto a linguagem é importante para o fazer social. É através dela que expressamos ideias, realizamos pedidos, questionamos, afirmamos. A relação entre a linguagem e o social se dá pelo fato de a possibilidade de haver interação só é possível a partir da existência de indivíduos predispostos a tal ação. Conforme Bakhtin (2014):

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). (BAKHTIN, 2014, p. 116).

Percebemos, então, que a enunciação acontece a partir da interação entre os indivíduos. Assim, ao nos dirigirmos verbalmente ao nosso interlocutor, a enunciação produzida dependerá do grupo social desse interlocutor, da hierarquia social, enfim, o contexto de interação propiciará as mais diferentes variações de enunciados.

A participação de um indivíduo na sociedade implica a partilha da linguagem, assim:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponta lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2014, p.117).

Nesse ponto de vista, a existência da palavra pressupõe a existência de um locutor e um interlocutor, sendo este, o outro, um fator indispensável para que possamos proferir algo.

O ensino de leitura e da escrita deve ser significativo, tanto que os alunos, ao concluírem o ensino básico, possam fazer uso desse conhecimento na participação das práticas sociais que envolvem a linguagem. Conforme os PCN (1998), as aulas de Língua Portuguesa devem centrar-se no texto, especialmente nos gêneros textuais. Obviamente, não estamos afirmando que a gramática é dispensável, contudo, o domínio das normas gramaticais não é suficiente para o desenvolvimento de competências relacionadas às práticas de linguagem. Conforme Bakhtin (2011):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas em cada campo de utilização a língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.¹ (BAKHTIN, 2011, p.261).

O conteúdo temático, o estilo e a composição são características dos gêneros textuais que constituem o enunciado de acordo com a esfera de comunicação. Assim, ao produzirmos um texto, levamos em consideração essas características, ou seja, o assunto que queremos comunicar, a forma de organização, estrutura e a linguagem que utilizaremos, com base em nosso interlocutor.

Nessa perspectiva, nota-se a ênfase dada pelos PCN (BRASIL, 1998) ao estudo e conhecimento das características de cada gênero textual no que se refere à sua estrutura. O referido documento destaca, também, a importância da realização de situações didáticas que possibilitem aos alunos o conhecimento da estrutura formal dos textos em função do eixo uso-reflexão-uso, nas quais devem ser trabalhadas práticas de leitura, práticas de produção de texto e análise e reflexão sobre a língua.

A importância dos gêneros textuais está na profunda relação existente no contexto social, como nos afirma Marcuschi (2005), “Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, 2005, p.19). Assim,

¹ Optamos em adotar o termo “gênero textual” (não “gênero do discurso”), por ser mais adequado aos objetivos deste trabalho.

vemos a presença dos gêneros textuais além da sala de aula, entrelaçado com a cultura de cada sociedade.

2.2 Conceito de conto

Para Soares (1993), conto é a designação de uma narrativa curta e se diferencia do romance e da novela por características estruturais e pelo tamanho.

Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abraçar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo. (SOARES, 1993, p.54).

O conto não possui análises minuciosas, complicações no enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço, diferente do romance.

De acordo com Magalhães Júnior (1972) o conto é uma narrativa linear, não se aprofundando no interior dos personagens nem nas motivações de suas ações. O interior e as motivações se explicam pela conduta dos personagens. A finalidade desse tipo de ficção literária é narrar uma história, podendo ser breve ou longa, obedecendo sempre as características do próprio gênero.

Para Abaurre (2007), o conto é uma narrativa curta que apresenta narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. Ele deve construir uma história focada no desenvolvimento e na resolução de um conflito básico.

Ainda segundo a autora, o conto deve apresentar uma ordem determinada criada pelos elementos da narrativa, sendo esta modificada por um conflito que surge durante a história. A resolução desse conflito restaurará essa ordem inicial. O objetivo do autor do conto é apresentar uma situação ao leitor em que a estabilidade é desestruturada por um conflito.

Abaurre (2007) aponta que os leitores de contos são pessoas que desejam encontrar nas narrativas ficcionais um espaço para refletir sobre a realidade, escapando da realidade estressante que vivem, ou apenas leem pelo prazer, propiciado pelos textos ficcionais. E por ser curtos, os contos são propícios ao mundo contemporâneo, onde a falta de tempo incentiva a busca de textos mais rápidos.

Para Cortázar (2006), o conto deve estalar, pulsar no leitor a cada nova linha, sendo capaz de instigar, emocionar e propiciar uma “ruptura do cotidiano”, quebrando sua moldura, transgredindo seus limites e iluminando para além da escrita. A respeito desse possível “efeito”, o autor também afirma que:

“De um conto assim se sai como de um ato de amor, esgotado e fora do mundo circundante, ao qual se volta pouco a pouco com um olhar de surpresa, de lento reconhecimento, muitas vezes de alívio e tantas outras de resignação”. (CORTÁZAR, 2006, p. 231).

Para Cortázar, um bom conto deve gerar ao seu final uma espécie de abertura, proporcionando ao leitor uma nova visão sobre o que lhe cerca.

Ainda em relação ao gênero conto, Gancho (1995) afirma que “o gênero conto se caracteriza por ser uma narrativa curta que condensa o conflito, o tempo e o espaço, bem como apresenta um número reduzido de personagens”.

Assim, percebemos que o conto pode ser uma narrativa curta, de um enredo simples, proporcionando o interesse e o gosto pela leitura, como também o domínio pleno de sua estrutura, para então a realização da produção final do conto pelos alunos.

Apesar de o conto apresentar uma trama condensada, não é fácil de ser conceituado. Muitos especialistas discorrem sobre o assunto e expõem definições distintas. Zilberman (1998) em “A poética do conto”, já dizia que “o conto é um daqueles gêneros literários que, permanentemente desafiam teóricos e formuladores de conceitos e definições” sobre a dificuldade de formular uma definição para esse tipo de narrativa. Cortázar (1998, p. 6) também nos confirma que o conto é “um gênero de difícil definição, esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos”.

O conto, por ser um texto narrativo curto, pode ser trabalhado na íntegra durante as aulas de língua portuguesa. Essa possibilidade é muito importante, pois especialistas apontam como prejudicial para a compreensão do texto quando se lê somente trechos de obras, visto que os livros didáticos nos oferecem apenas trechos para serem trabalhados com os alunos.

As propriedades já conferidas ao gênero conto nos permitem apontar algumas vantagens na leitura desse gênero em detrimento de outros. Uma das vantagens diz respeito à possibilidade de ser lido de uma só vez; de modo que seja aproveitado na íntegra e também permitirá ao professor realizar uma leitura compartilhada com os alunos. Magalhães Júnior nos esclarece:

O conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia dos personagens nem nas motivações de suas ações. Ao contrário, procura explicar aquela psicologia e essas motivações pela conduta dos próprios personagens. A linha do conto é horizontal: sua brevidade não permitiria que tivesse um sentido menos superficial (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p.10-11).

A leitura de outros gêneros poderia desestimular um leitor iniciante, os contos cativam ao leitor por envolverem assuntos múltiplos de seu conhecimento. Silva (2005) nos confirma que:

A leitura de contos pode estimular o aluno-leitor a encontrar, na leitura literária, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto. (SILVA, 2005, p.93).

O trabalho com o gênero conto na sala de aula pode contribuir para despertar no aluno tanto o desejo pela leitura quanto pela análise textual, levando-o a perceber as marcas linguísticas que contribuem para a textualidade e para interpretação do texto. Atividades que levem o aluno a perceber as características do gênero bem como diferenciar os tipos de conto, por exemplo, podem, efetivamente, desenvolver não só a capacidade de reconhecimento do gênero estudado, bem como propiciar, pelo olhar crítico, a formação das preferências de leitura.

2.3 A prática da produção textual

Nem sempre prática da produção de texto nos é ensinada como processo dinâmico no qual as ideias vêm e vão durante a organização do que se quer dizer por escrito, por entre lembranças, experiências, compreensões e sentidos diversos. Nossos alunos normalmente entendem que a produção de um texto na escola acontece em uma única aula, na qual o produto final já será entregue ao professor.

Essa prática na qual o produto final se sobrepõe ao processo de produção é denominada por Geraldi (1984) como redação, uma vez que os alunos não se colocam como sujeitos que produzem atos de fala concretos, visto que seu único interlocutor é o professor - que por sua vez não é tomado pelo sujeito que escreve como um verdadeiro interlocutor.

Os alunos precisam aprender que durante o processo de produção de um texto algumas ideias permanecem do início ao final do trabalho, outras se perdem pelo caminho, pois talvez não tivessem tanta relevância. E tendo o texto se materializado em uma primeira versão, revisões, ajustes e acertos são feitos: retomam-se passagens já escritas, trocam-se palavras, acrescentam-se algumas, suprimem-se outras, deslocam-se vírgulas.

Assim, nesse processamento da linguagem escrita, mais uma vez tanto a compreensão como a produção depende fortemente de uma interação entre produtor e os interlocutores. Por isso, é possível dizer que a dialogia se dá na interação, mediada pela linguagem, em outras palavras, há uma inter-ação entre os sujeitos que se afetam reciprocamente, assim como destaca Geraldi (1984) ao explicitar que o falar depende não somente dos recursos claros, mas da construção de sentido no momento da enunciação.

Portanto, o processo de produção de texto envolve que o sujeito entre no jogo da linguagem. Tanto o produtor do texto - aquele que enuncia - quanto o interpretador - seu interlocutor - precisam assumir seus papéis de estrategistas. Como peças deste jogo se têm: o

produtor, que recorre a uma série de estratégias de organização do enunciado - texto - e orientação para que o interlocutor - leitor/ouvinte - possa construir as diferentes possibilidades de sentidos; o enunciado - texto - organizado estrategicamente estabelecendo limites para a produção de sentidos - as diferentes leituras possíveis; e o interlocutor - leitor/ouvinte -, que a partir do modo como o enunciado - texto - foi linguisticamente construído vai proceder na construção dos sentidos.

Ao se questionar sobre como ensinar, quando, o quê, e para quê, inevitavelmente há que se considerar na dinâmica da aula, nos modos como instauramos e conduzimos a atividade, toda essa dinâmica envolvida, uma vez que

[...] a linguagem é uma forma de inter-ação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica as ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala. (GERALDI, 1984, p.43)

Assim como para Geraldi (1984), para Koch e Elias (2010) o texto também é lugar de interação de sujeitos sociais que, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem os elementos do discurso e diferentes possibilidades de sentido, num processo de produção textual em que o ensinar e o aprender se constituem dialogicamente.

Levando esses aspectos em consideração, optamos em trabalhar com produções textuais e reescrita que serão analisados na próxima seção.

3 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO COM O GÊNERO CONTO

Nesta seção, encontram-se o processo das atividades de intervenção, a elaboração das atividades e as escritas dos alunos. Como se lerá adiante, destinaremos alguns itens para tecer considerações a respeito da escrita e reescrita dos alunos.

3.1 Procedimentos metodológicos

As atividades que realizamos em sala de aula sobre o gênero conto foram aplicadas em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual da cidade de Patrocínio, MG. Quanto ao contexto escolar, esse estabelecimento de ensino é uma escola pública estadual que oferece aulas referentes aos anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio, e localiza-se na periferia da cidade. É uma escola grande que comporta cerca de 1300 estudantes (matriculados em 2018) diariamente, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Optamos em trabalhar com o gênero narrativo conto por apresentar inúmeras vantagens, entre as quais se destacam: objetividade no discurso, dimensões reduzidas e variações mínimas de espaço e tempo. Não há grande variação de personagens, sendo que apenas alguns participam diretamente do conflito, não havendo, por isso, distrações ou “fuga de pensamento”, o que garante a possibilidade de trabalhar com mais ênfase os conceitos envolvidos nos fenômenos relacionados na história.

Foi feito o estudo de duas obras do gênero conto, do autor Pedro Bandeira. A escolha desse autor se justifica pelo fato de ele conferir aos seus contos temas que se aproximam mais do cotidiano dos alunos. Desse modo, nossa proposta contemplou as seguintes obras: *Eu nunca vou te deixar* e *Um problema difícil*. Além de discussões sobre as características do gênero, pretendemos analisar se o aluno, ativando seus conhecimentos prévios, estabelecendo previsões acerca do que trabalharemos, compreende e sente-se motivado a ler textos.

Pretendemos ainda orientar os alunos quanto às variedades de leitura e torná-lo apto a ser um leitor crítico acerca dos textos que lê e do mundo ao seu redor.

Inicialmente, elaboramos e aplicamos um questionário a fim de analisar qual a opinião dos alunos em relação à leitura, o que é ser um bom leitor, qual a média de livros que eles leem, se têm muita dificuldade em entender o que leem, se os familiares têm hábito de leitura e se seus professores os influenciam a ler diariamente. Baseamo-nos na análise das respostas dos alunos com o intuito de aprimorar o estudo do gênero conto para os alunos do 6º ano.

As atividades de intervenção foram divididas em seis etapas.

Primeiramente, alguns alunos (escolhidos aleatoriamente) fizeram uma breve apresentação sobre o autor Pedro Bandeira para estimular os alunos a conhecer o escritor e

suas obras. Para ativar os conhecimentos prévios dos textos de Pedro Bandeira que seriam trabalhados posteriormente, foram mostradas algumas imagens com o intuito de instigar a curiosidade. Dividimos a turma em grupos e distribuimos uma pergunta para cada grupo, a fim de debatermos sobre o que os alunos sabiam sobre a temática que envolvia moradores de rua e iniciar uma discussão a qual os levaria a refletir sobre questões sociais vivenciadas por eles ou por alguém que eles conhecessem.

Na primeira etapa, fizemos análises de várias imagens de moradores de rua e debatemos sobre esse tema com o propósito de fazer previsões em relação à temática do texto que iríamos trabalhar em sala de aula. Na sequência, realizamos a leitura do conto “Eu nunca vou te deixar”, de Pedro Bandeira, e a leitura da música “Menino de rua”, de Pepe Moreno, a fim de estabelecer relações temáticas entre os dois textos. Eles foram usados como motivação para a primeira produção escrita de um conto elaborado pelos alunos. Fizemos também uma reescrita, visando melhorar ainda mais o domínio da modalidade escrita.

A segunda etapa foi marcada pela leitura dos contos “Eu nunca vou te deixar” e “Um problema difícil” de Pedro Bandeira. Após algumas discussões sobre os contos foi feito o estudo dos elementos essenciais do texto, usando concomitantemente passagens dos textos lidos para exemplificar a teoria, ampliando assim a discussão sobre os pontos teóricos do gênero conto. Buscando reforçar o estudo, foram dadas atividades de fixação e corrigidas no decorrer da aula.

Na terceira e quarta etapas, foram realizadas atividades relacionadas à canção de Pepe Moreno, chamada “Menino de rua”, que faz intertextualidade com o texto “Eu nunca vou te deixar”. Os alunos puderam fazer um paralelo entre a canção e o texto lido, apontando semelhanças e discutindo o quanto o tema do conto é um agravante real e sofrido dentro de nossa sociedade. Nesse momento, por parte dos alunos, houve uma excelente reflexão acerca da realidade que nos permeia, a partir da qual pudemos perceber o quanto falar sobre os problemas vivenciados por quem mora na rua desperta comoção e ao mesmo tempo indignação, levando-os a questionar o porquê de, apesar de vivermos em um país desenvolvido, ainda presenciamos tal situações.

Na quarta etapa, foram dadas duas propostas de produção textual. A primeira visava que os alunos elaborassem uma produção escrita relacionada ao tema que havíamos discutido antes e no decorrer da leitura do conto “Eu nunca vou te deixar”. A segunda proposta tinha como finalidade descobrir quais eram as ideias que os alunos tinham quanto ao problema tratado no segundo conto. Assim, observaríamos se, com a ativação dos conhecimentos prévios que fizemos usando as imagens na primeira etapa, os alunos teriam mais facilidade ao escrever e

consequentemente sentiram-se mais motivados a contar uma história criada por eles, baseando-se no conto que foi lido anteriormente.

Na quinta etapa, seguindo o estudo de gêneros (fizemos o estudo do gênero bilhete, seguindo o plano de estudo anual da escola, embora não tenha sido esse o gênero principal usado no estudo e análise dos textos dos alunos) foi feita uma rápida explicação sobre o bilhete, levando os alunos a escreverem bilhetes motivacionais para Beto, personagem principal do conto “Eu nunca vou te deixar”. Após a escrita, foi criado um mural na sala de aula, onde os alunos puderam colar os bilhetes confeccionados por eles.

Por fim, na sexta etapa, encerramos as atividades de intervenção escolhendo um texto aleatoriamente, criado pelos alunos na quarta etapa. A partir desse texto, os alunos fizeram uma reescrita, inserindo no conto já criado por um colega, elementos que haviam sido estudados, que eram essenciais aos textos do gênero conto, e, contudo, não havia ficado explícito no texto.

3.2 O olhar dos alunos sobre a leitura

Para sabermos qual o parecer dos alunos sobre leitura, ser um bom leitor, se entende o que leem, se os seus familiares praticam o hábito de ler, elaboramos um questionário para diagnosticar o entendimento deles sobre esses aspectos. O questionário foi aplicado em uma turma de sexto ano de uma escola estadual urbana da cidade de Patrocínio/MG, tendo sido respondido por dezesseis alunos, entre dez e doze anos. Os alunos responderam às seguintes perguntas do questionário:

- 1) Em sua opinião, o que é ser um bom leitor?
- 2) Quantos livros, em média, você lê por ano?
- 3) Você têm dificuldades de entender o que lê?
- 4) Seus familiares têm hábito de leitura?
- 5) No decorrer dos anos escolares, seus professores os influenciaram a ler? Se sim, como? Se não, o que faltou para isso acontecer?

Com o intuito de analisar os dados obtidos, retomaremos cada questão para comentarmos as respostas dadas pelos alunos. Na primeira pergunta foi questionado se os alunos sabiam o que é ser um bom leitor. Dos 16 alunos, 56% (cinquenta e seis por cento) responderam que para ser um bom leitor é preciso compreender o que está escrito, entender aquilo que lê. Para 25% (vinte e cinco por cento), ser um bom leitor requer uma leitura exímia, sem gaguejar, ler com facilidade, usando pontuações adequadas. Outros 19% (dezenove por cento), associaram o

fato de ser bom leitor com a quantidade de livros que a pessoa lê, pontuando em suas respostas ser necessária a leitura de muitos livros.

Gráfico 1: Em sua opinião, o que é ser um bom leitor?



Fonte: Turma de sexto ano de uma escola estadual urbana de Patrocínio/MG

Constatamos que, dos 16 alunos, a maioria compreende que para ser um bom leitor precisam entender aquilo que leem, interpretando cada linha lida. Foi visto também que eles percebem a importância da leitura assídua para que se tornem leitores comprometidos e competentes.

Na segunda pergunta questionou-se a quantidade de livros que eles liam, em média, anualmente.

Gráfico 2: Quantos livros, em média, você lê por ano?



Fonte: Turma de sexto ano de uma escola estadual urbana de Patrocínio/MG

Logo, verificamos aqui um grave problema relacionado à leitura. Uma grande quantidade de alunos não tem acesso a nenhum livro durante todo o ano todo. É comum em toda escola estadual de nossa cidade, os alunos terem um horário específico para buscar livros na biblioteca e poderem levá-los para casa com o intuito de fazer a leitura. Contudo, baseado nas respostas obtidas, raramente esse procedimento surte efeito. O livro fica dias dentro da mochila do aluno e ele não sente prazer em iniciar a leitura.

A terceira questão versou sobre o aluno ter dificuldades de entender aquilo que ele lê. Como resposta, 44% (quarenta e quatro por cento) responderam não ter dificuldades, 37% (trinta e sete por cento) disseram que, dependendo do texto, encontram objeções, não interpretando o texto corretamente e 19% (dezenove por cento) relataram ter dificuldades de entender aquilo que lê.

Gráfico 3: Você tem dificuldades de entender o que lê?



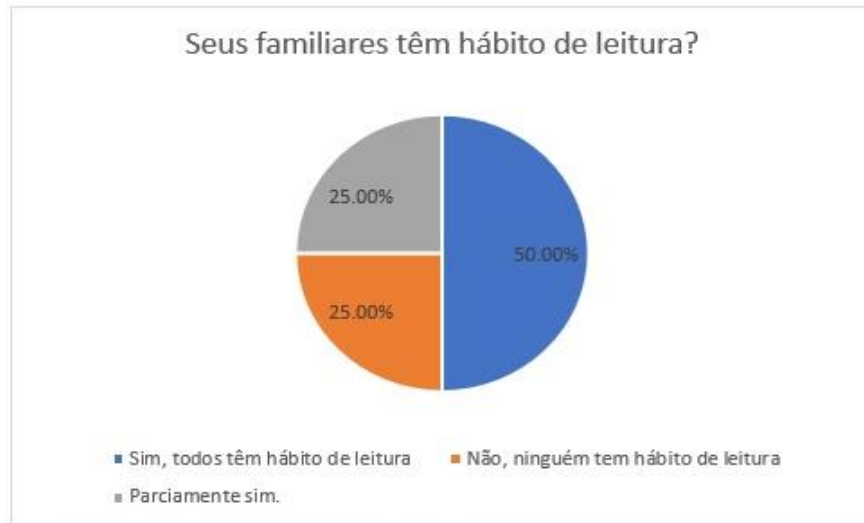
Fonte: Turma de sexto ano de uma escola estadual urbana de Patrocínio/MG

Embora todos os alunos sejam alfabetizados, acreditamos que alguns não foram sinceros ao responder essa questão, por sentirem-se envergonhados em declarar que não estão se esforçando como deveriam, uma vez que seja bem provável que os alunos que não tem contato com nenhum livro durante o ano, apresentem maior dificuldade de compreensão de qualquer texto.

Na quarta questão perguntou-se se os seus familiares possuíam hábito de leitura. Para 50% (cinquenta por cento) a resposta foi sim, 25% (vinte e cinco por cento) disseram que não e 25% (vinte e cinco por cento) responderam que alguns têm o hábito de leitura, esses alunos

argumentaram afirmando ter apenas um familiar bem próximo que faz a leitura de livros regularmente. Dentre as pessoas mais citadas por eles estão as mães e as irmãs.

Gráfico 4: Seus familiares têm hábito de leitura?



Fonte: Turma de sexto ano de uma escola estadual urbana de Patrocínio/MG

A quinta pergunta, por sua vez, questionou se no decorrer dos anos, os professores os influenciaram a ler. Como resposta, 100% (cem por cento) dos alunos disseram que sim.

Gráfico 5: No decorrer dos anos escolares, seus professores os influenciaram a ler?



Fonte: Turma de sexto ano de uma escola estadual urbana de Patrocínio/MG

Ao serem questionados de que maneira eles foram motivados a praticar a leitura, os alunos afirmaram que os professores diziam que melhorariam a leitura, a forma de ver o mundo no qual eles vivem, que seriam mais criativos, escreveriam melhor (teriam um vocabulário mais amplo), interpretariam com maior facilidade qualquer gênero textual. Os alunos disseram que seus professores sempre os levaram à biblioteca, folheavam os livros, pesquisavam autores. Um aluno especificamente relatou ter sempre sido motivado por seus professores, contudo, ele mesmo era quem não demonstrava muita vontade de ler.

Após a análise das respostas, achamos conveniente ressaltar que os alunos, mesmo tão jovens, percebem a necessidade e a importância da prática de leitura em suas vidas. Quando eles citam a mãe ou até mesmo a irmã, eles sempre apontam esses exemplos como sendo as mais inteligentes dentro da casa deles. Fica evidente que motivar os filhos ou alunos a lerem ajudará na formação leitora de cada um. Todos os estímulos, dentro e fora da escola, serão necessários para ampliar a visão leitora dos alunos. O professor tem um papel importantíssimo como mediador desse processo, porque, como vimos nas respostas dos alunos, sua paciência e seus estímulos são os que mais surtem efeito na memória do educando.

A partir do exposto, concluímos que estratégias de leitura serão de suma importância para contribuir no processo de motivação dos alunos na aquisição do hábito de leitura. Conseqüentemente, acreditamos que a prática de leitura e produção de textos do gênero conto possa ser um caminho produtivo para o ensino de Língua Portuguesa. As abordagens teóricas sobre conto serão apresentadas na próxima seção.

3.3 Atividade de motivação: estratégias incentivadoras antes, durante e depois da leitura

Embora Pedro Bandeira seja um dos autores mais lidos por alunos do Ensino Fundamental II, ainda há muitos alunos que não sabem reconhecer isso. Para instigar a curiosidade dos estudantes, propusemos a alguns alunos (aleatoriamente) que fizessem uma pesquisa e apresentasse aos colegas, pontuando fatos marcantes da vida do autor. Com a criatividade aguçada, fizeram cartazes apontando as principais obras (inclusive se preocuparam em citar títulos que havia no acervo da biblioteca da escola), e um dos alunos se apresentou como sendo o próprio autor. Foi feita uma entrevista com ele, respondendo perguntas relacionadas às particularidades de sua vida. Houve muita interação por parte dos alunos, questionando e demonstrando curiosidade acerca da vida do autor.

Aproveitando essa interação entre alunos, aproveitamos para comentar o fato de o autor ser tão preocupado com os problemas sociais existentes em nossa sociedade, sendo essa uma

marca evidente em seus textos. Após a apresentação, e ainda como estratégia motivadora, buscando abordar conhecimento e experiências prévias dos alunos, selecionamos várias imagens de moradores de rua para a sala de aula, com o intuito de fazer previsões sobre o tema que discutiríamos no texto que leríamos a seguir. Para cada imagem mostrada, percebíamos a indignação no olhar dos alunos, e para cada pergunta que formulamos como: “O que vocês observam na imagem?”, “Como vocês acham que eles estão se sentindo?”, “Por que, em pleno século XXI, ainda presenciemos esses fatos?”, “Seria esse o lugar onde eles vivem?”, ouvíamos respostas ávidas e olhares atentos buscando por explicações. Após a reflexão e análise das imagens, a turma foi dividida em grupos, foi dada uma pergunta para cada grupo, como por exemplo, “Como vivem os moradores de rua?”, “Por que vivem assim? Como se sentem?”, “O que eles vendem?” “Quais são os sonhos dessas pessoas?”, “É uma vida sofrida? Explique.” “O que essas pessoas vivenciam nas ruas?”, a qual eles responderam e começaria ali um debate sobre as questões levantadas por cada grupo de alunos. Através das respostas foram surgindo outras perguntas. E a partir daí percebemos que os alunos haviam falado bastante sobre o que sabiam acerca daquela temática, ou seja, os conhecimentos prévios já haviam sido discutidos, passaríamos então à leitura do conto “Eu nunca vou te deixar”.

Para as atividades durante a leitura, resolvemos dividir o texto em três folhas, tomando o devido cuidado em pará-lo justamente em um momento de grande tensão da história, pois, como o texto é longo, sabíamos que não conseguiríamos fazer toda a leitura compartilhada em uma mesma aula. Foi entregue uma cópia para cada aluno, sendo pedido para que fizessem primeiramente uma leitura silenciosa e que, ao final da leitura, os alunos que terminassem primeiro, não fizessem comentários para que não atrapalhasse a leitura do colega. Após os alunos terem feito a leitura, propusemos que fizessem a leitura compartilhada, com o propósito de treiná-la e caso alguém não tivesse feito a primeira leitura, entenderiam a partir de então, o que é retratado no texto. Infelizmente, embora tenha sido uma atividade que proporcionou uma relevante interação entre o grupo estudantil, ainda pudemos identificar alguns alunos que não conseguiram se concentrar durante a leitura silenciosa, dificultando posteriormente, todo o seu entendimento do texto e também das atividades.

Ao final da leitura da primeira parte do conto, a turma ficou ensandecida, uma vez que, todos se sentiram extremamente curiosos para saber o que aconteceria no decorrer do texto. As duas aulas seguintes foram executadas da mesma maneira, e a motivação dos alunos para concluir a história foi a mesma do início da leitura do conto. Ao final, os alunos fizeram observações e demonstraram grande interesse em expor suas opiniões acerca da história.

Através das falas deles, observamos a sensibilidade aguçada pelo fato deles associarem exemplos do texto com fatos do próprio cotidiano vivido por eles ou por algum familiar.

No decorrer das aulas, fizemos um estudo teórico sobre os elementos essenciais do conto e orientamos os alunos a citarem exemplos retirados do texto que havíamos lido. O envolvimento e interesse por parte dos alunos fez com que a teoria se tornasse mais prática e real, tornando a aula mais agradável e cativante.

3.4 Propostas de atividades com o gênero conto

Como foi dito, a parte prática do nosso trabalho consiste em um caderno de atividades para o professor de língua portuguesa (localizada no Apêndice A dessa dissertação) dividido em seis etapas. O caminho completo a ser seguido em cada uma delas será explicado no terceiro capítulo. Aqui, explicaremos nossas escolhas, citando as obras que fazem parte da nossa proposta.

Primeiramente, optamos pelo gênero narrativo conto por apresentar inúmeras vantagens, entre as quais se destacam: objetividade no discurso, dimensões reduzidas, e variações mínimas de espaço e tempo. Não há grande variação de personagens, sendo que apenas alguns participam diretamente do conflito, não havendo, por isso, distrações, o que garante a possibilidade de trabalhar com mais ênfase os conceitos envolvidos nos fenômenos relatados na história.

O primeiro texto escolhido por nós foi o conto **Eu nunca vou te deixar**, de Pedro Bandeira (Anexo A, p.89). Esse conto foi selecionado devido à veracidade transmitida pelo autor ao contar a história de duas pessoas que moram na rua. A sutileza com que o autor aborda os fatos e a maneira como ele os reproduz nos faz mergulhar na história e nos leva a contextualizar o tema trabalhado no conto e a realidade a qual nos cerca.

Antes da leitura dos contos, como motivação para acionar os conhecimentos prévios da turma, trabalhamos com imagens acerca do tema dos textos que leríamos, debatemos, expusemos nossas opiniões e ouvimos tudo que os alunos tinham a falar a respeito do que eles sabiam sobre isso.

Fizemos também a análise dos títulos, orientando os alunos a dizer o que eles esperavam que pudesse acontecer nos textos baseando-se nos títulos propostos. Assim, pudemos analisar as previsões que os alunos faziam e ajustar ao real tema dos contos. Depois dessas motivações, convidamos nossos alunos a comprovar suas hipóteses.

Durante a leitura dos contos, fazíamos pausas estratégicas para descobrir através dos alunos se estava acontecendo o esperado, se as previsões levantadas estavam realmente se cumprindo.

Depois da leitura, debatemos algumas questões como: o que levou os personagens a agir daquela maneira, o que os próprios alunos fariam se tivessem no lugar do personagem principal, que final dariam para a história.

Como a finalidade era levantar hipóteses sobre o que eles sabiam sobre a temática dos textos, a atividade se encaixou perfeitamente na nossa proposta.

Para trabalhar os elementos essenciais do conto, utilizamos fragmentos do texto lido para exemplificar de uma forma mais clara e objetiva.

Posteriormente, ouvimos e fizemos a leitura de uma música chamada **Menino de rua**, de Pepe Moreno (Anexo A, p.100) que nos ajudou a relatar e a ampliar o entendimento dos alunos sobre o tema do conto que se tratava de moradores de rua. Após as discussões e reflexões acerca do conto e da música, elaboramos uma proposta textual no qual os alunos redigiriam um texto abordando o tema trabalhado no conto e logo após fariam a reescrita de um texto selecionado, com o intuito de sanar alguns desvios encontrados no texto do colega.

O segundo conto de Pedro Bandeira trabalhado em sala foi **Um problema difícil** (Anexo A, p.115). É um texto curto, repleto de suspense que envolve o leitor em uma teia de curiosidades, instigando-o a querer ler rapidamente, buscando entender qual será a conclusão do conflito da história.

Esse foi o processo que passamos com nossas atividades e que, por terem sido satisfatórias, compartilhamos com nossos colegas através de um caderno de atividades.

3.5 A importância das atividades para aprimorar o entendimento

Já com o intuito de trabalhar estratégias depois da leitura, entendemos que seria necessário, no decorrer das aulas, elaborar atividades que pudessem estimulá-los a escreverem seus textos. Os conhecimentos prévios dos alunos foram ativados por diferentes estímulos, sendo eles necessários para que pudéssemos também analisar o quanto os alunos haviam entendido sobre a explicação dos elementos essenciais do conto. Compreende-se que alguns estudiosos apontam serem exercícios básicos e algumas vezes, desnecessários; contudo, ressaltamos que além de elaborar um projeto que venha acrescentar ao processo de ensino escolar, podemos também seguir o plano de estudo anual elaborado por cada escola. Vejamos dois exemplos de uma mesma atividade, feita por dois alunos diferentes.

Exemplo 1 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”²

1) O que o conto aborda?

De um avô com seu netinho que moravam na rua, vendendo papelão em sua carroça.

2) O que o título nos sugere?

Eu imaginei que uma pessoas iria morar em um país distante e a outra nunca iria deixá-la.

3) Onde ocorrem os fatos narrados

Embaixo do viaduto.

4) Quando ocorrem?

Em vários horários do dia e da noite.

5) Quem é Beto? Descreva esse personagem a partir de informações do texto.

Beto morava na rua com seu avô, ele sonhava ter uma casa com telhas e tijolos, ele gostava muito de gatos e do ronronar ele gosta pra dormir.

6) Quem são os demais personagens da narrativa?

Policia, Vô Manduca, Doutor, ladrões, gatos.

7) Como esses personagens reagem ao drama de Beto?

O Doutor quis matar Beto, a policial já pegou ele e quis dar um abrigo. Vô Manduca era preocupado com ele.

8) Quando tem início o conflito da história?

Quando o Beto viu as três sombras e ouviu um barulho e assim foi a morte dos ladrões.

9) Que tipo de narrador temos nesse conto?

Narrador observador, 3ª pessoa.

10) Qual a importância de Vô Manduca na vida de Beto?

Ele cuidava dele, dava alimento, ele era o responsável por ele. Vô Manduca era sua família.

11) Como a história é concluída?

Um gato arrangua o rosto do Doutor, a polícia chega e prende Doutor e pega Beto.

12) Qual a relação da figura do gato com o avô do menino?

Que a alma do vô Manduca foi para o corpo do gato que o defendeu na hora de precisão.

Exemplo 2 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”

1) O que o conto aborda?

² As respostas foram transcritas fielmente.

A história de Beto um menino de rua que vive com seu avô e de vez em quando um gato.

2) O que o título nos sugere?

Qua uma pessoa sugere que nunca vai abandonar outra pessoa.

3) Onde ocorrem os fatos narrados

Embaixo do viaduto.

4) Quando ocorrem?

No dia e a noite.

5) Quem é Beto? Descreva esse personagem a partir de informações do texto.

Beto é um menino de rua.

6) Quem são os demais personagens da narrativa?

Beto, Vô Manduca, o gato, os três sombras, o doutor e a policial.

7) Como esses personagens reagem ao drama de Beto?

Com a policial ela reage com consolo já o “doutor” desprezo.

8) Quando tem início o conflito da história?

Quando o Doutor aparece.

9) Que tipo de narrador temos nesse conto?

Narrador observador.

10) Qual a importância de Vô Manduca na vida de Beto?

Para Beto seu vô Manduca é seu pai melhor amigo seu companheiro.

11) Como a história é concluída?

Com Beto sendo salvo do Doutor.

12) Qual a relação da figura do gato com o avô do menino?

Que os dois são ligados.

Exemplo 3 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”

1) O que o conto aborda?

O conto fala sobre um menino chamado Beto que vive com seu avô em uma carrocinha debaixo do viaduto.

2) O que o título nos sugere?

Sugere que alguém não vai deixar uma outra pessoa.

3) Onde ocorrem os fatos narrados

Embaixo do viaduto.

4) Quando ocorrem?

Ocorre em vários horários do dia e da noite.

5) Quem é Beto? Descreva esse personagem a partir de informações do texto.

Beto é o neto do vô Manduca, e era um menino de rua ele sonhava em ter um gato e morar em uma casa com telhas e tijolos.

6) Quem são os demais personagens da narrativa?

O doutor e os comparças, vô Manduca, o gato, os garotos que ele via na porta da escola, policial, a secretária da escola.

7) Como esses personagens reagem ao drama de Beto?

Reagem espantado, agressivo, coitado, de forma agressiva.

8) Quando tem início o conflito da história?

Quando Beto e vô Manduca vê o doutor matando os comparças.

9) Que tipo de narrador temos nesse conto?

Narrador observador 3ª pessoa.

10) Qual a importância de Vô Manduca na vida de Beto?

Era como uma pai para ele, Beto o ama, independente de tudo.

11) Como a história é concluída?

Beto é salvo pelo gato e a policial leva ele para um abrigo.

12) Qual a relação da figura do gato com o avô do menino?

O avô veio na forma de gato para salvar o garoto.

Ao analisarmos os exemplos acima, podemos perceber que, embora haja desvios de ordem gramatical (ortográficos e de concordância), os alunos demonstram entendimento ao responderem adequadamente questões relacionadas aos elementos essenciais do conto (apontando personagens, lugar, tempo, tipo de narrador...). Pudemos constatar também que há alunos com maior dificuldade de caracterizar personagens, pois ao responder a questão 5 fica evidente essa falta de descrição. Contudo, constatamos que os alunos dos exemplos citados conseguiram interpretar o texto, bem como apontar características voltadas à teoria explanada em aulas anteriores.

3.5.1 – O uso da música como elemento de reflexão

Podemos observar hoje, no contexto atual de ensino, muitas dificuldades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem: alunos pouco interessados nas aulas, pais desprovidos de tempo para acompanhar o que seus filhos estudam em casa, façam pesquisas, adquiram o

hábito de ler e professores pouco estimulados para exercer a profissão. Essas dificuldades ansejam a busca de soluções, pelo próprio professor. Dessa forma, vimos na música um instrumento pedagógico capaz de contribuir no ensino de leitura.

Utilizando a música como um recurso didático, podemos, a nosso ver, elaborar aulas mais dinâmicas, interessantes, abordando temas variados, uma vez que nosso país possui uma riqueza artística e cultural muito vasta, devendo ser incorporada em projetos educacionais.

No contexto escolar, a música pode ensinar os alunos a ouvir, a concentrar, a escutar de maneira ativa, embora isso não signifique que a música se torne o único recurso a ser usado para ensinar, mas um facilitador da reflexão, levando em consideração que o aluno convive com ela desde muito cedo.

Soares (2008, p. 209) diz que a “utilização da música como recurso didático foi uma constante (...) considerávamos inovadora a análise de letras de música, e satisfatória a utilização do método ‘ouvir e interpretar’”.

A afirmação da autora nos permite acreditar que a música pode facilitar a compreensão do aluno, pois estabelece empatia entre autor/compositor. A empatia é um sentimento que ocorre quando todos os sujeitos – compositores e alunos – se identificam com o contexto histórico, passando a pensar historicamente, ou seja, colocando-se no lugar do outro. Segundo Felgueiras,

A empatia está associada à simpatia, à projeção de sentimentos ou, mesmo, à identificação com outros personagens (...). Se empatia for entendida como uma disposição para ter em conta os pontos de vista de grupos que, de um modo diferente de nós, acreditaram, valorizaram, e sentiram determinados processos ou eventos, então, podê-la-emos também enquadrar, como alguns pretendem, nas atividades cognitivas. (FELGUEIRAS, 1994, p.57).

Assim, levantando a hipótese de que o aluno, nas situações em que a música é utilizada como recurso didático, identifica-se com o assunto, optamos em trabalhar em sala de aula, como uma estratégia de leitura reflexiva, a música *Menino de rua*, de Pepe Moreno. O contexto da música é todo voltado para a temática do conto “*Eu nunca vou te deixar*”. Para começarmos a atividade, foi dada para cada aluno uma folha constando a letra da música. Com o intuito de deixar a aula mais empolgante, levamos uma caixinha de som e colocamos a música para que eles pudessem ouvi-la. Ao terminar de tocá-la, pediram para que repetíssemos a música, alegando terem gostado da letra. Ressaltamos que já nesse primeiro momento, houve comentários acerca do fato do conto e da letra da música serem tão parecidos. Os alunos ficaram curiosos e perguntas como: “Será que o compositor conhecia o conto do Pedro

Bandeira?”, “Será que ele fez em homenagem ao Beto?”, “Existe mesmo um menino que mora na rua?”, foram ouvidas instantaneamente.

Nesse caso, consideramos a música de extrema relevância no entendimento do texto, uma vez que pudemos levar nossos alunos a associar a temática da música com o contexto do conto, instigando-os a fazerem uma importante reflexão sobre um problema vivenciado em nossa sociedade.

Para sintetizarmos os conhecimentos produzidos acerca dos dois textos (conto e letra da música), elaboramos algumas atividades com o objetivo de entrelaçar a temática das duas histórias e analisarmos se nossos alunos estavam obtendo a compreensão desejada. Abaixo transcrevemos alguns exemplos de perguntas e respostas (escolhidas aleatoriamente) dadas pelos alunos.

Exemplo 4 de transcrição da resposta de atividade sobre a música “Menino de rua”.

1) Na música há presença de um história?

Conta a história de um menino de rua.

2) Há presença de personagens?

Sim, o menino e Pepe Moreno.

3) Em que local se passa a história?

Na rua.

4) Qual o conflito da história?

O menino querendo que uma pessoa famosa ouça sua música.

5) Em que consiste a história?

Um menino cantando uma música para um homem famoso.

6) Como a história é concluída?

A ligação caindo e o Pepe perguntando o nome do menino.

Exemplo 5 de transcrição da resposta de atividade sobre a música “Menino de rua”

1) Na música há presença de um história?

Sim, de um menino de rua que precisa de ajuda.

2) Há presença de personagens?

Sim. Um menino que morava na rua e um famoso.

3) Em que local se passa a história?

O menino estava em um orelhão na rua e Pepe Moreno estava no estúdio.

4) Qual o conflito da história?

Quando ele se perdeu do seu irmão em São Paulo.

5) Em que consiste a história?

De um menino morador de rua que ligou pedindo ajuda, cantando uma música falando basicamente de sua história. Ligou para um famoso lhe ajudar.

6) Como a história é concluída?

A ligação cai e o famoso não consegue lhe ajudar.

Exemplo 6 de transcrição da resposta de atividade sobre a música “Menino de rua”

1) Na música há presença de um história?

Sim, conta que um menino morava na rua e era maltratado pela vida.

2) Há presença de personagens?

O menino de rua e o cantor Pepe Moreno.

3) Em que local se passa a história?

O menino estava em um orelhão na rua e Pepe Moreno estava no estúdio.

4) Qual o conflito da história?

O conflito se inicia a partir do momento que o menino se perde do irmão.

5) Em que consiste a história?

O menino de rua se perde do seu irmão. Após isso, ele vive com sua carrocinha catando latinhas. Depois ele liga para Pepe e começa pedir ajuda em uma canção.

6) Como a história é concluída?

A história com o fim da chamada. Subentende-se que a ligação caiu e Pepe Moreno não conseguiu falar novamente com o menino.

Exemplo 7 de resposta de atividade sobre a música “Menino de rua”

1) Na música há presença de um história?

Sim, conta que um menino morava na rua e era maltratado pela vida.

2) Há presença de personagens?

Sim, o menino de rua e o Pepe Moreno.

3) Em que local se passa a história?

Em um orelhão na rua de São Paulo e o Pepe Moreno em um estúdio.

4) Qual o conflito da história?

O conflito é quando o menino se perde do seu irmão no centro de São Paulo.

5) Em que consiste a história?

O menino de rua se perde do seu irmão. Então, após isso ele vive com sua carrocinha catando latinhas e papelões. Depois ele liga para Pepe e começa pedir ajuda em uma canção.

6) Como a história é concluída?

Com o garoto pedindo ajuda. Pepe oferece sua ajuda e pergunta seu nome e assim que pergunta a ligação cai.

Exemplo 8 de resposta de atividade sobre a música “Menino de rua”

1) Na música há presença de um história?

Sim, conta a história de um menino que vive na rua e se perdeu de sua família.

2) Há presença de personagens?

Sim, o menino de rua e o famoso homem.

3) Em que local se passa a história?

A história se passa em um orelhão da rua de São Paulo e em um estúdio.

4) Qual o conflito da história?

Foi no centro de São Paulo, me perdi do meu irmão. Eu só tenho 9 anos, quero encontrar minha mãe, perdi tudo o que eu tinha, sou catador de latinha, ferro velho e papelão.

5) Em que consiste a história?

Em contar a história de um menino de 9 anos que se perdeu de sua família e hoje mora na rua.

6) Como a história é concluída?

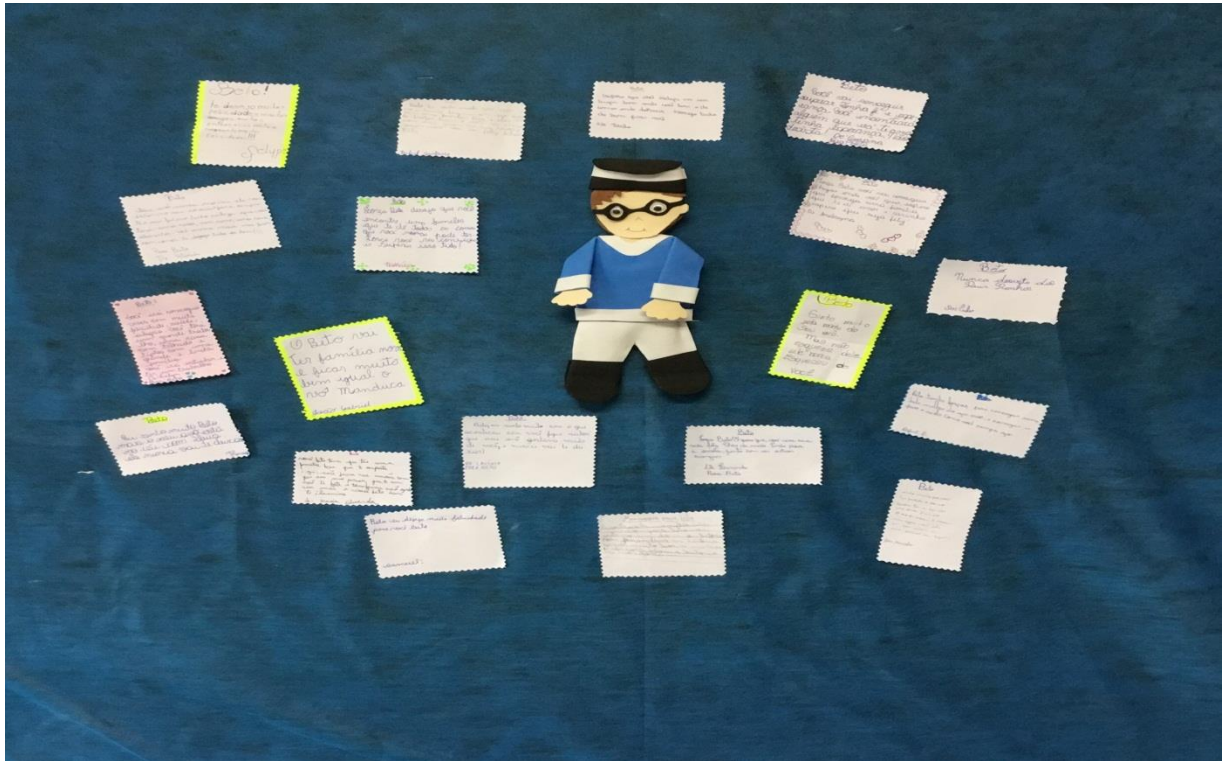
A história é concluída quando o telefone é desligado e o menino vai embora.

Após analisarmos as respostas dado pelos alunos, que se encontra grifado, pudemos inferir que eles compreenderam a relação de ideias que existe entre o texto “Eu nunca vou te deixar” e a música “Menino de rua”. Constatamos também que o estudo da música foi primordial para auxiliar no estudo do levantamento dos conhecimentos prévios relacionados ao tema discutido e debatido em sala.

Assim, depois de muita reflexão sobre o tema, fizemos uma breve explicação sobre o gênero bilhete, visando concluir a aula com a exposição de vários bilhetes escritos pelos alunos. Como motivação, dissemos que teríamos uma imagem simbólica de Beto colado no mural da sala e gostaríamos que todos escrevessem um bilhete motivacional para o personagem principal do conto “Eu nunca vou te deixar”. Entregamos papéis do tamanho e

formato de bilhete e esperamos para que pudessem elaborar um bilhetinho para Beto. Foi uma atividade empolgante e que contou com a participação de todos os alunos. Abaixo, uma foto ilustrando o mural.

Figura 1 – Imagem do mural confeccionado em sala de aula



Fonte: foto tirada pela professora participante da pesquisa, 2018.

3.6 A primeira produção escrita

Conforme exposto, a primeira produção escrita dos alunos foi um conto baseando-se na história “Eu nunca vou te deixar”, de Pedro Bandeira e na música “Menino de rua”, de Pepe Moreno em que os alunos foram orientados a redigir um texto preocupando-se em seguir as características elementares que os contos devem conter, seguindo a temática das histórias trabalhadas em sala.

As propostas de produção e a correção dos textos são detalhes que chamam a atenção, pois é quase sempre uma situação artificial em que o aluno escreve sem pensar em outro destinatário a não ser o professor, que será apenas um mero corretor de seu texto.

Nesse cenário, entra em ação a necessidade da análise linguística. Termo cunhado por Geraldí em 1984 e que surge como complemento às práticas das habilidades leitoras e de produção de texto, permitindo que o aluno reflita sobre as questões ortográficas, normativas, textuais e discursivas que envolvem seu texto.

Os textos dos alunos foram analisados levando em consideração alguns elementos que Geraldi (1997) considera necessários para a produção textual.

Ao produzir textos na escola, e não para a escola, conforme afirma Geraldi, é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 1997, p. 137)

Ter em mente a quem o texto se destina é primordial para que o falante e/ou escritor possa fazer as escolhas de linguagem adequadas ao seu destinatário. Essas escolhas do autor definirão qual será a composição e o estilo do enunciado do gênero produzido.

Os elementos citados por Geraldi são importantíssimos e comumente são observados nas práticas de produção de texto, a começar pela proposta do professor, que deve contemplar esses itens para permitir que o aluno possa enxergar um sentido para produzir os textos que são solicitados na sala de aula.

Ao analisarmos a primeira produção escrita dos contos, percebemos que, para elaborar suas histórias, alguns alunos preferiram manter os personagens (menino e avô), houve alunos que criaram desfechos tristes, cortando de fato laços com o texto original, elaboraram histórias de superação e em outro caso, através do conhecimento de mundo do aluno, simulou sua história a de um cantor de funk brasileiro. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 9 de transcrição de produção de conto

O menino e o restaurante³

A 10 anos atrás vivia o João e seu avô Pedro eles eram muito pobres mas eram muito feliz, eles eram pobres mais tinham uma casa para morar mais era de aluguel e o avô de João não tinha mais condições de pagar mais nada.

Ele implorou para a dona da casa deixar ele morar sem pagar mais ela falou que não tinha jeito de eles ficarem lá.

Eles foram pra rua atrás de um restaurante, pediram cestos de comida mais o dono do restaurante nem deu atenção, e todo dia era assim.

Um tempo depois, os dois sozinhos atrás do restaurante o avô de João deu um infarto e João foi correndo ao dono contar mais e o dono do restaurante nem deu atenção, alguns segundos depois o dono do restaurante foi jogar o lixo fora e viu João chorando sob o avô. O dono do restaurante ficou com muita dó de João e ofereceu para morar com ele e trabalhar no restaurante. Ele ficou muito feliz mais nunca esquecia do seu avô.

³ Todos textos foram transcritos fielmente.

Exemplo 10 de transcrição de produção de conto

Nunca tenha medo de nada

Em um dia de ventania, um garoto chamado João estava com seu tio José, que era a única coisa preciosa dele. Eles estavam com sua carrocinha catando latinhas e papelões, mas o vento foi muito forte e quase todos os papelões voaram. Alguns caíram na rua outros na calçada e outros debaixo de um viaduto.

Embaixo do viaduto havia muitas pessoas moradoras de rua também, João e seu tio ficaram espantados. Um dos moradores disse:

___ Olá, por favor não me machuque.

Aqui embaixo deste viaduto é minha família. Se não for nos machucar você pode ficar nela também, aqui somos todos unidos.

E José respondeu:

___ Eu não vou machucar ninguém. Eu também quero ficar com essa família.

E assim foi, João ficou muito contente, e todos fizeram uma festa com muitos papelões e latinhas. Naquela noite um barulho estranho foi ouvido. O barulho foi ouvido por João, cutucou seu tio mas não acordou. Um homem misterioso começou a andar e ver que estava em um lugar cheio de mendigos e moradores de rua, e o homem disse:

___ Odeio isso, esse povo vem aqui e acaba com meu espaço.

Era o prefeito, tirou sua arma do bolso e atirou para cima. Todos acordaram assustados e o prefeito disse:

___ Posso fazer uma negociação, se todos forem embora eu não matarei ninguém agora se não terei que pensar diferente. Todos levantaram do chão e começaram a discutir com ele dizendo:

___ Mas aqui é nossa casa, não temos para onde ir.

Todos diziam a mesma coisa. Então o prefeito começa a atirar em todo mundo e acerta aquele morador, suas últimas palavras foram:

___ Oi, eu que trusse você aqui. Me desculpe eu só quero dizer mais uma coisa, meu nome é Luccas. E João, Nunca tenha medo de nada.

E logo depois disso o prefeito aponta a arma para João e seu tio e eles morrem.

Exemplo 11 de transcrição de produção de conto

A generosidade é TUDO!

Havia uma mansão perto de minha casa, e lá morava um menino que se chamava Davi, ele era muito mimado e todo chatinho, e olha que ele já tinha 11 anos. Um dia bem ensolarado Davi foi passear com sua família, sua mãe, seu pai ele e seu irmão mais velho Fábio, foram para um parque lindo de se ver, mas Davi não satisfeito queria somente gastar, foi para o centro de sua cidade Belo Horizonte, entrou em uma loja enorme fácil de se perder, cada um foi ver uma coisa quando sua mãe recebeu uma mensagem assim:

___ Acabou pra vocês, roubamos tudo! HAHHAH!

A mãe assustada, foi procurar sua família quando encontrou ficou doida para chegar na sua casa. “Todos” entraram no carro e quando chegaram na porta de sua casa as malas deles estavam do lado de fora.

Sem dinheiro e sem casa só tiveram uma opção, morar na RUA. Fábio inconformado disse:

___ Não é possível eu não vou morar aqui!

E sua mãe já em choque disse:

___ Fábio, se tivéssemos outra opção, nós não estaríamos aqui, por favor, colabore!

Estavam todos chorando, muito tristes quando perceberam uma coisa, onde está o Davi?

Ele estava perdido naquela loja enorme gritando por sua mãe:

___ Mãe onde você está? (Repetitivamente).

De repente o homem aparece, o mesmo homem que tinha roubado sua família. O homem disse:

___ Tudo bem? Sua mãe mandou eu te buscar aqui.

O menino pensando que era um motorista que iria te buscar, foi com o homem. O homem não foi a direção de sua casa. O menino bastante intrigado perguntou:

___ Para onde você está me levando? O homem respondeu:

___ Para a rua, onde agora será sua casa!

O menino ficou pensativo... Quando chegou, todos estavam lá preocupados com o menino.

Depois de uns meses se conformaram com o que tinha acontecido e foram catar latinhas e papelões para vender e ganhar uma micharia.

Todos se arrependeram de ser quem eles era no passado, e não aguendavam mais essa vida de mendigo, tão perigosa...

Passaram-se três meses, a mãe faleceu com uma gripe muito forte, com essa morte Davi ficou muito abalado e prometeu para Deus que se ele desse a vida que ele tinha de volta ele seria um bom menino para todos, porque ele sentiu de sua própria pele.

Chegou a noite, e eles colocaram seus papelões para dormir, quando chegou um homem e disse:

___ O que aconteceu com vocês?

O pai conta toda a história.

O homem queria ser generoso e deu uma casa, comida, emprego e escola para os meninos.

Davi desde então foi sempre generoso com as pessoas.

Exemplo 12 de transcrição de produção de conto

O garoto de rua!!

Em uma noite mais ou menos 20:00 horas, um homem passa na rua de carro e é um carrão bem xique.

Ele passa na rua e vê um menino de rua, o homem viu um garoto sentado na calçada com muita fome, e com um copinho na mão pedindo esmola ele vendo aquilo mexeu muito com ele.

Então ele foi no supermercado compra água, comida e sucos para o menino de rua. Chegando lá na calçada aonde o garoto estava. O homem com muita pena daquele menino se aproximou do garoto e fez várias perguntas para o menino. Aí o homem perguntou para ele: Aonde está a sua família? O menino responde: Eu fugi de casa e não quero voltar nunca mais. Porque? É sempre bom estar perto da família disse o homem. Eu fugi de casa por que minha mãe me obrigava a trabalhar. O homem até.

Você quer passar a noite na minha casa hoje? Claro que quero. Chegando na casa grande do homem. Os 2 desceram do carro e o homem chamou a mulher dele para ver o menino, quando a mulher chegou na sala e o viu, gritou bem alto:

O que esse menino sujo está fazendo na minha casa? Quando o homem foi responder a mulher interrompeu e disse: Vai embora agora se não vou chamar a polícia e o menino continuou a viver na rua.

Exemplo 13 de transcrição de produção de conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto. Catador de latinhas que morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô queria que ele parasse de catar latinhas para ele fazer o que mais gostava que é cantar.

Mas como o avô do menino já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar o avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma pracinha cantar, um cara ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um cara roubou todo o dinheiro dele, mais por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que inscreveram o garoto no programa da farra, e ele foi sortiado, ganhou muitos prêmios, gravou seu CD e hoje ele é um cantor famoso.

Os alunos citados acima, ao produzirem seus textos, colocam em prática todos os aspectos que Geraldi considera necessários para a produção textual. Eles têm o que dizer, uma vez que foram feitas várias atividades antes da leitura como: apresentação do autor Pedro Bandeira, análise de imagens associadas ao tema do texto que seria lido posteriormente, estudo de uma música, com o intuito de formular previsões relacionadas ao conto que leríamos em sala. O levantamento dos conhecimentos prévios foi primordial para aguçar a criatividade do aluno, estimulando-o, como esperado, a redigir seu texto.

Os alunos também sabem que têm para quem dizer o que se tem a dizer. Aliás, também sabiam, ao escrever, que seu primeiro interlocutor, no caso o professor, escolheria um texto que seria entregue à turma toda, com o objetivo de reescrevê-lo, tentando sanar os desvios que houvessem sido encontrados.

Os locutores se constituíram como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz, pois se comprometeram em seguir fielmente à proposta textual, colocando em seu texto tudo o que haviam aprendido sobre os elementos essenciais do conto.

Alguns problemas de ordem gramatical foram encontrados no decorrer de todos os textos, no que se refere à concordância verbal e alguns desvios quanto à pontuação e ortografia. Contudo, é pertinente ressaltar que os desvios apontados não impediram que os alunos atendessem à posposta de produção, pois eles realmente escreveram um texto do gênero conto e colocaram em prática os aspectos que Geraldi diz serem necessários em um texto para que este não seja apenas texto.

Quanto à narração, todos os alunos contaram fatos ocorridos, mencionando quem eram os personagens, e em qual espaço estavam. Uns foram mais descritivos, outros menos.

Outro aspecto que identificamos foi o uso da subjetividade dos autores, pois os alunos escreveram elencando alguns sentimentos advindos de suas percepções voltadas para o fato de que a história poderia estar acontecendo com eles mesmos. Durante os debates em sala, pudemos notar o quase desespero de alguns alunos ao se imaginarem naquela situação, entendendo de maneira mais clara a triste realidade de morar na rua.

Exemplo 14 de transcrição de produção de conto

O que a vida nos faz

Havia um menino chamado Derick ele morava com seus pais á cinco anos. Ele foi andar bicicleta, e ele andou, andou tão longe que se perdeu de sua casa, pegou a rodovia e foi para em outra cidade e quando pensou “Tenho que ir pra casa”.

Quando viu onde estava falou:

___ Ué, onde estou? Será que andei tanto assim? Vou perguntar alguém onde estou, e como voltar para casa.

Como nessa época ele só tinha tinha 4 anos a primeira pessoa que passasse. Passou um homem estranho e ele perguntou:

___ Moço onde estou?

O homem respondeu:

___ Na cidade chamada Solime.

Derick responde:

___ Mas aqui não é Wilows?

O homem responde:

___ Nunca foi e nunca será: Tchau menino.

E assim ele nunca mais encontrou seus pais e hoje vive, sem estudar, sem trabalhar e hoje vive catando latinha e garrafa e ele mora em um beco frio e escuro, triste e sozinho e hoje ele tem apenas 9 anos.

Nesse exemplo, o que surpreende é o desfecho que o aluno escolhe para seu texto. Embora o texto motivacional tenha tido um final feliz, esse aluno optou pelo contrário, fugindo do que esperávamos acontecer. Seguindo as concepções de Geraldí, esse aluno tem razões para dizer o que se tem a dizer, uma vez que através dos elementos motivadores trabalhados em sala antes da leitura do texto, o aluno pôde expor as reflexões sentidas por ele no decorrer da leitura, evidenciando isso em seu próprio texto.

Exemplo 15 de transcrição de produção de conto

O mendigo ator

Bom, tudo começou assim! Um mendigo que se chamava Cláudio. Ele sonhava em ser ator. Ele via as novelas da vitrine das lojas de móveis, lanchonetes e etc. Só que um dia debaixo daquela ponte onde morava Cláudio junto de as carrocinha e seus papelões catados do lixo aconteceu uma coisa muito ruim, com Cláudio. Ele foi atropelado e esse carro que o atropelou saiu correndo e deixou Cláudio lá machucado, até que passou uma pessoa muito humilde de carro. Que o ajudou e o levou para um hospital e lá ele foi cuidado pelos médicos

e também essa pessoa humilde que o ajudou também já tinha sido morador de rua e ganhou na loteria e ficou rico e se dedicou a ser empresário.

E Cláudio contou para essa pessoa que o sonho dele era ser ator. E essa pessoa humilde realizou o sonho dele, e eles foram ensaiar as coisas da nova novela que ia sair á alguns meses e ele Cláudio, se tornou ator, realizou seu sonho e ficou com seu empresário até ficar rico o bastante para ajudar todos os mendigos de sua cidade.

O aluno do exemplo 15 optou pelo discurso indireto, não permitindo que seus personagens se exprimissem livremente, porém, apesar dos desvios cometidos pelo autor do texto, podemos identificar os elementos necessários do conto, como também os usados por Geraldí. O fato de o aluno ser sucinto e rápido para transmitir a ideia de seu texto, não significa que ele tenha fugido da proposta textual. Pelo contrário, observamos tamanha criatividade do aluno ao imaginar um mendigo querer ser ator e apesar das difíceis circunstâncias, conseguir o que almejava no desfecho do texto.

Exemplo 16 de transcrição de produção de conto

O menino de rua

O menino de rua era uma criança que vivia juntado latinha em rua em rua. Ele juntava latinha nos sentro todo lixo que Ele via Ele ia da uma olhada nos lixo para Ele ver si via uma latinha iae todos os dias Ele juntava uma carrocinha de latinha eae no dia seguinte Ele saiu de manhazinha com o dinheiro da latinha. Ele foi compra um pão para Ele começa a jornada aí Ele saiu para ele ir catar latinha aí Ele saiu do centro Em são Paulo para ir para outro barrio aí no outro barrio Ele acho tanta latinha que ele teve que volta no centro para deixa e descarrega o carrinho cheio de latinha aí Ele vouto para o barrio e foi pegar mais para Ele vender e para Ele junta mais porque Ele tinha que vender para fazer o lucro dele aí Ele chamou um homem mais grande do que Ele para compra as latinha aí Ele juntou tanta latinha que ele tava juntando dinheiro a cada compra uma casa aí Ele tava tão feliz que Ele juntado latinha aí Ele olhou para tras e viu a mãe dele tinha muitos anos que Ele não via a mãe dele aí a mãe dele deu um abraço nele e começou a chora aí a mãe dele pegou Ele e a carrocinha dele e vendeu e Eles ficol muito rico aí ele tava tão feliz que ele foi mora com a mãe deles aí Eles ficol rico.

Exemplo 17 de transcrição de produção de conto

O menino de rua

Um menino mora na rua Ele catava latinhas de refrigerante e papelões. Ele mora numa carocinha com o seu a vô todos os dias Ele perguntava sobre seus pais o avô fernando falou sobre seus pais o avô disse: seus pais ti deixaram na rua aí Eu, peguei você e cuidei de você como se fosse meu filho aí o mateus foi pro quarto e chourou aí, mateus disse: isso não pode ser aí o vovô Fernando se alcalme vai dormir amanha convercamos, aí o mateus disse: oi vovô bom dia vou catar latinha de refrigerante e papelões thau vovô até de tarde aí viu um menino numa Escola aí o menino disse qual é o seu nome: meu nome é junior porque você não me leva na sua casa o mateus disse: Eu moro numa carocinha aí, o menino disse: Eu queria estudar numa Escola aí veio um homem aí meninocader sua família Eu moro numa carocinha aí seu avô chegou aí o avô mandou Ele ir para carocinha aí um doutor atirou no avô fernando aí Ele fugiu aí o menino viu seu avô lá no chão, aí o avô disse: vou deixar esse gato pra você por que

onde eu esteja nunca vou ti deixar aí chegou a polícia aí levou para polícia aí a mulher ficou com o garoto!

Nos exemplos 16 e 17, pudemos apontar uma série de desvios de ordem sintática (oralidade, ortografia, pontuação), falta de organização textual (o texto não foi paragrafado, não foi inserido marcações de diálogos), dificultando assim a compreensão do texto.

No exemplo 16, percebemos que apesar dos desvios mencionados, o aluno seguiu os elementos que Geraldi aponta ser imprescindíveis na produção de texto. Nesse caso, os desvios encontrados no texto não interferiram na nossa compreensão do que o autor quis expressar. Interessante destacar o desfecho desse texto, uma vez que, através dele, pudemos notar o quão importante foi para o aluno dar um final feliz ao seu personagem.

No exemplo 17, o aluno não consegue se distanciar do texto motivador, ficando evidente que ele tenha encontrado dificuldades para escrever seu próprio texto. Há pouco acréscimo de informações do próprio autor, fazendo com que o elemento “Ele tem o que dizer”, dos conceitos de Geraldi, não seja encontrado no texto.

Exemplo 18 de transcrição de produção de conto

Londres

Dois detetives investigavam um caso de um ato terrorista na cidade. Era um sexta feira chuvosa e na calada da noite uma sombra um tanto peculiar se aproximava de uma lixeira diferente das outras, a sombra abriu a lixeira e pegou uma maleta, logo em seguida entrou em um carro preto, era um carro de luxo.

Logo em seguida houve uma explosão na praça central.

___ Obrigado rapazinho, disse um dos detetives.

___ Aquele menino de rua foi de muita ajuda no caso, disse o outro detetive intusiasmado.

O menino sabia mais sobre o assunto, sabia onde seria o próximo alvo dos terroristas, a estação de trem. O menino tentou avisar as autoridades mas ninguém iria acreditar em um menino de rua.

No sábado bem cedo os detetives foram investigara cena do crime, bem mais tarde encontraram uma maleta preta a mesma estava na lixeira na maleta estava escrito (19:30 horas), o horário em que o atentado ocorreu.

Vamos falar sobre o tal menino!

Ninguém sabia o seu nome mas era bem conhecido na cidade.

___ Ah e agora o que que eu vou fazer? ___ Não tenho nada pra comer aqui!

Foi quando os detetives apareceram. O menino feis um pedido para os dois.

___ Me dá algo pra comer. Disse o menino. ___ toma fica com o meu hambúrguer.

O menino agradeceu o detetive e rapidamente.

___ Qual é o seu nome? Perguntou um dos detetives.

___ É Michael! Respondeu o menino. ___ Michael você sabe de algo sobre o atentado na cidade?

___ Sim. ___ Eu acho que o próximo atentado vai ser na estação central. ___ Como você sabe? Eu li numa caderneta que achei.

___ Onde você achou a tal caderneta?

___ *Perto de onde durmo, numa lixeira onde também vi um homem paçando uma maleta preta e um tempo depois ouvi uma explosão e bom vocês já devem ter visto né?*

___ *Sim foi uma fatalidade aquela estátua era linda.*

Um dos detetives perguntou algo bem aleatório ao menino.

___ *Qual o seu maior sonho?*

___ *É ser artista de teatro.*

O detetive ficou interessado na história do menino.

No fim o detetive adotou o menino se tornou um astro no teatro.

Mas não me esquecido atentado terrorista.

Eles conseguiram desvendar o caso mas um dos detetives morreu. E o detetive e o menino seguiram desvendando casos, apresentando peças e curtindo a vida.

No exemplo 18, o escritor/aluno opta em usar de um título bastante sugestivo, uma vez que, ao analisarmos seu texto pudemos constatar que a história só poderia ocorrer em um país que não fosse o nosso, pois trata de um atentado terrorista, fato este nunca acontecido no Brasil. Porém, por ser um conto, ele poderia ter usado da ficcionalidade para escrever seu texto, o que talvez pudesse deixar sua história um pouco menos real.

Outro aspecto interessante foi o fato do aluno ter utilizado o personagem, que é menino de rua, para ajudar a desvendar um caso tão importante como esse dos terroristas. É um texto diferente dos demais, no qual o aluno seguiu a proposta textual, seguiu os elementos de Geraldí, e, usou de muita criatividade para criar seu conto.

No desfecho do texto, o aluno usa a voz do narrador para concluir uma parte da história que o leitor esperava ansiosamente para saber, se os crimes seriam ou não desvendados. Ele retoma, no último parágrafo, para responder aos leitores e concluir com um final feliz.

Exemplo 19 de transcrição de produção de conto

O menino sonhador

Pedro era um menino morador de rua.

Ele morava em uma construção abandonada.

Ele sempre sonhava em ter uma moto mas só tinha 13 anos e não tinha dinheiro. Mas só que um dia ele parou e pensou? Mas se eu quero ter uma moto e tenho que arrumar algum serviço!

Aí ele saiu pela cidade catando latinha ferro velho e papelão.

Todo dia as 6:00 da manha ele saia e catava latinha pela cidade.

se passou 4 anos ele nessa rotina.

Ele nesses 4 anos ele conheceu a Maria!

Pedro e maria começaram a namorar e Pedro foi morar na casa dela. depois de um mês de namoro Pedro pegou um pouco do dinheiro que Tinha juntado e comprou uma aliança e deu para ela. Maria ficou muito feliz! O pai de Maria tinha oficina de motos aí um dia pai de maria arrumou um cerviso na oficina e ele trabalho dois anos la ate um dia passou um cara vendendo uma Titaan 160 por 4.000 reais Pedro 5.000 ele comprou a moto e o resto do dinheiro ele alugou uma casa e esta morando com ela até hoje!

Nesse caso, o aluno tinha o que dizer, o que atrapalhou o andamento do seu texto foi uma série de desvios, principalmente relacionado à estrutura. Ele se mostrou bastante criativo e conhecedor de elementos (como o nome da motocicleta, o valor que ela custaria ao seu personagem) o que trouxeram veracidade à sua história.

Exemplo 20 de transcrição de produção de conto

O mendigo e sua vida

Em um dia ensolarado debaixo de um viaduto na grande São Paulo havia um mendigo que vivia do seu trabalho honesto como catador de latinha, vidro papel e papelão e seu nome é Juca. Juca era um menino bom onesto e trabalhador seu sonho era de ter uma casa carro e uma família. “Á” mas não podemos esquecer do gato, o gato preto se chama dadinho é, é seu melhor amigo todos os dias Juca é dadinho saem de manhã para trabalhar e Juca viu uma mulher é ele foi correndo pedir um agasalho então Juca falou:

___ *Nossa espere, é a moça respondeu:*

___ *O que você quer menino? é Juca respondeu*

___ *Um agasalho é tudo que é preciso! é a moça respondeu*

___ *Não posso te dar agora mas volte mais tarde. é então Juca respondeu,*

___ *Sim obrigado por me dar um minuto do seu precioso tempo. Então a mulher entra no carro e na frente avia uma possa de água suja então a mulher acelerou e vouo água suja nele. Então Juca pensou “Eu não posso pedir ajuda a ninguém”. Eu queria tanto que minha mãe e meu irmão estivesse aqui espero que um dia posso achalos de novo.*

Único exemplo em que o aluno usa de um animal de estimação. Apesar de ser um elemento crucial no texto de Bandeira, os alunos optaram em não falar sobre ele. Observamos, mais uma vez, uma forte ligação com o texto original, embora tenha ficado refletido no texto, no trecho onde diz “... Então a mulher entra no carro e na frente havia uma poça de água suja então a mulher acelerou e voou água seja nele.”, o entendimento do aluno em relação à temática trabalhada sobre o conto, levando-o a escrever sobre esse tratamento cruel que alguns seres humanos têm com os menos favorecidos.

Exemplo 21 de transcrição de produção de conto

Um pequeno anjinho

Em um dia ensolarado, um garoto foi passear com seus avós no shopping. Era um dia de sábado, e como todos os sábados estava lotado de pessoas. Algumas com pressa, outras irritadas, isso já era uma coisa normal aos olhos do menino.

Enquanto ele ficava observando as pessoas, notou que já não estava com seus avós. O menino procurou, procurou, e procurou mas não conseguiu encontrar eles. Ele estava com medo, pois nunca tinha ficado sozinho, junto a tantas pessoas que ele nunca viu. Então o garoto correu para o estacionamento onde seu avô tinha estacionado o carro, pelo menos, ele achou que o carro estava lá, mas se enganou. Saiu correndo sem orientação alguma, já chorando e totalmente perdido ele se deu conta de que estava sozinho, sem seus avós, sem seus pais, sem ninguém, em que ele pudesse confiar.

Desde então o menino vive na rua, já mais velho ele se lembra de como ele perdeu as pessoas que ele mais amava. Ele vive com um menino, ele é como seu irmão mais novo. O pequeno tem exatamente a idade de quando o menino se perdeu. O menino não convive com o pequeno a tanto tempo, não sabe nem o nome do mesmo, ele o chama de anjinho, pois tem traços angelicais, e as vezes é super responsável, até mais que o menino.

O anjinho, também não sabe o nome do menino, às vezes ele até tenta perguntar, mas nunca recebe uma resposta decente. Ele sempre recebe uma resposta como “Por que o interesse” ou “Você não precisa saber o meu nome!”

Mas o anjinho também se pergunta “Qual é o meu nome?” e “Será que eu tenho um?” E o menino sempre responde “Você tem um nome, mas não se lembra qual é.”

Alguns dias depois os dois meninos estavam andando na rua, e um casal, que parecia ter bastante dinheiro gritou “Miguel!?” os dois meninos se assustaram, afinal quem é Miguel? Eles ficaram se olhando assustados, até que o homem se aproxima do pequeno anjinho e o abraça, a mulher faz o mesmo, e olha para o garoto mais velho e diz “Gustavo?” o menino arregalou o olho e responde “Como você sabe o meu nome?” a mulher sorri e diz, “Você é o filho da minha irmã!” e continua “Eu ainda me lembro, do dia em que você sumiu no shopping. A nossa família ficou desesperada!” a mulher abraça Gustavo, e diz com toda a sua sinceridade “Vamos voltar para casa, e reviver todos os anos que ficamos sem você!” Gustavo a abraça, com seus olhos cheios de lágrimas, mas não de tristeza, e sim de alegria por ter encontrado sua família. Graças a um pequeno anjinho chamado Miguel.

No exemplo acima o aluno segue a proposta textual, os elementos de Geraldini e as características básicas do conto.

Observamos aqui a qualidade textual advinda da imaginação do escritor. Ele cria um texto envolvendo primos, não fugindo da temática trabalhada. A maneira como entrelaça a história dos garotos demonstra habilidade e perspicácia ao inventar seu conto.

O título foi bastante conivente com a história, revelando ao leitor que teríamos um personagem com características semelhantes a de um anjinho, o que aguçou nossa curiosidade a querer saber quem seria e como seria esse personagem.

3.7 A reescrita

Visando sanar alguns desvios apontados na primeira escrita dos contos feita pelos alunos, propusemos a eles que fizessem a reescrita. Como critério de correção das reescritas dos alunos, utilizamos da proposta de Ruiz (2015), no qual o professor tece comentários acerca dos desvios encontrados no texto, chamados pelo autora de “bilhetinhos”. Esses "bilhetes", em geral, têm duas funções básicas: falar acerca da tarefa de revisão pelo aluno (ou, mais especificamente, sobre os problemas do texto), ou falar, metadiscursivamente, acerca da própria tarefa de correção pelo professor. Acreditamos que esse tipo de correção incentiva o trabalho de reescrita pelo aluno, reforçando positivamente a revisão realizada, revelando também a existência de uma certa afetividade entre os sujeitos envolvidos.

Para direcionar o trabalho de reescrita de textos, os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) esclarecem que:

“[...] o objetivo é que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos, o conteúdo a ser ensinado deverá ter procedimentos de revisão [...]. A seleção deste tipo de ensinar já traz, em si, um componente didático, pois ensinar a revisar é algo que depende de se saber articular o necessário (em função do que se pretende) e o possível (em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento). Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo professor que pretende ensinar procedimentos de revisão quando o objetivo é muito mais do que a qualidade da produção – a atitude crítica diante do próprio texto.” (PCN, BRASIL, 1998, p. 80).

A importância do ato de reescrita reside no fato de que provoca o diálogo do sujeito-autor com o seu produto-criado, possibilitando uma maior interação com seu próprio texto. O aluno sai, ao reescrever, do estágio inspirativo, que gera a primeira escrita, e passa ao estágio de maior racionalização sobre o que foi escrito.

Neste encontro de “escritor” e “reescritor”, que só pode acontecer no que Bakhtin chama de “cadeia da comunicação verbal”, o aluno não é um mero receptor, pois, ao receber [seu texto, com apontamentos do professor], tende a compreender:

“[...] a significação linguística de um discurso e adota, simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 289-290).

Esse processo possibilita que o aluno veja o que antes não via em seu texto. Portanto, quanto mais o aluno praticar o ato de reescrever, mais ele perceberá que todo o texto poderá ser modificado. Assim, vai ganhando domínio da modalidade escrita, melhorando seu desempenho redacional.

Esperando esse resultado, escolhemos, aleatoriamente, um dos textos que os alunos haviam escrito. Digitamos o texto (porque não queríamos que soubessem de quem era o texto que havíamos escolhido), e entregamos uma cópia a cada aluno, pedindo para que o escritor do texto não se pronunciasse. O texto escolhido foi entregue ao aluno assim:

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto. Catador de latinhas que morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô queria que ele parasse de catar latinhas para ele fazer o que mais gostava que é cantar.

Mas como o avô do menino já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar o avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma pracinha cantar, um cara ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um cara roubou todo o dinheiro dele, mais por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que inscreveram o garoto no programa da farra, e ele foi sortiado, ganhou muitos prêmios, gravou seu CD e hoje ele é um cantor famoso.

Logo após os alunos estarem com o texto em mãos, pedimos para que fizessem a leitura do conto e reescrevessem a história, a fim de preencher as lacunas que ficaram abertas. Pedimos para que observassem minuciosamente o que pudesse ser acrescentado, se havia todos os elementos textuais do conto estudados no decorrer das aulas.

O texto escolhido para ser reescrito pelos alunos, apesar de sucinto, apresenta os elementos essenciais do gênero conto: narrador, personagem, enredo, tempo, espaço, conflito e desfecho.

O aluno, escritor do texto, não especificou o tempo exato em que aconteceu a história, mas deixou claro que foi no passado quando disse “A algum tempo atrás”, apontando em seguida, o lugar onde se passa a narrativa.

Quanto aos personagens da história, ele não os nomeia, deixando transparecer a distância do narrador (3ª pessoa) dos personagens. Apesar disso, o enredo não foi afetado, pois todas as ações acontecem numa linha coerente de fatos. As ações acontecem de forma breve, contudo, o aluno/escritor cria um conflito e um clímax paralelos “... Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para a pracinha cantar, um cara ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar./ Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um cara roubou todo o dinheiro dele, mais por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o menino”.

Ou seja, em dois parágrafos já nos deparamos com esses dois elementos importantes do conto.

Embora um grupo de policiais tenha ajudado o menino do conto, antes de ler o último parágrafo, que conclui a narrativa, não sabemos ao certo qual será o desfecho da história (uma característica importante do conto), deixando-nos atentos e curiosos para que se revele logo.

Para concluir o conto, o aluno detém-se em um final feliz, realizando o sonho do personagem principal. Porém, ficamos sem saber o que aconteceu com o avô do menino.

Em se tratando dos elementos citados por Geraldini como essenciais na escrita de um texto, todos os alunos têm o que dizer, pois foi trabalhado até aqui várias estratégias de leitura

com o intuito de acionar os conhecimentos prévios da turma relacionados ao tema que seria trabalhado no conto.

Os alunos têm razões para dizer o que se tem a dizer. Realizar uma tarefa de reescrita de um conto de um dos colegas da sala, escolhido pelo professor, buscando sanar desvios que eles tenham encontrado no texto do colega.

O grupo de alunos/escritores sabia que tinham para quem dizer o que se tinha a dizer, pois, além de saber que o professor leria os textos, já havia sido combinado que trocariam entre eles mesmos seus textos, para que o colega pudesse ver o que ele havia acrescentado no conto e se ambos tinham a mesma visão sobre as mudanças.

Os locutores se constituem como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz pois se comprometeram a seguir a proposta textual, buscando sanar os desvios encontrados por eles durante a leitura do texto do colega.

Analisando todos os textos pudemos observar vários desvios de ordem sintática, desvios relacionados à concordância e ortografia, contudo, apesar disso, ao lermos os textos percebemos que esses desvios não afetaram o sentido dos contos, levando-nos a entender tudo o que os alunos se propuseram a contar em suas histórias.

Após esse processo, obtivemos as seguintes reescritas:

Exemplo 22 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado João catador de latinhas. Ele morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô chamado Beto, queria que ele parasse de catar latinhas para ele fazer o que mais gosta, que é cantar.

Mas como Beto já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o mais gostava para ajudar o avô.

Na manhã seguinte, João arrumou um tempo e foi para uma pracinha cantar.

Enquanto ele cantava passou um homem de terno branco muito rico que ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando João conseguiu bastante dinheiro, passou um cara que ficou com muita inveja roubou todo o dinheiro de João!

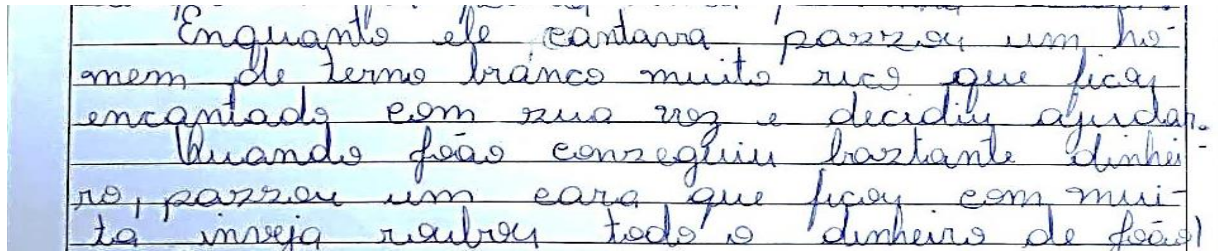
Por sorte, um grupo de policiais viu o acontecido e ajudou João, e prendeu o ladrão.

Os policiais gostaram tanto do João que inscreveram o João no programa da farra, ele foi sorteado, ganhou muitos prêmios, gravou seu primeiro CD e hoje é um cantor famoso, mais conhecido como João da carrocinha.

Pudemos constatar nesse primeiro exemplo que o aluno, diferente do que acontece no texto original, nomeia os personagens (tanto o menino quanto o avô), preocupa-se em dar um nome ao cantor famoso, tenta diferenciar através de características “o cara” do quinto e sexto

parágrafos (porque no texto original ficou confuso, nos levando a creditar que era a mesma pessoa).

Figura 2 – Caracterização de personagem



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 23 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo havia um garoto chamado Felipe. Ele mora em uma carrocinha embaixo de um viaduto bem antigo e mora com seu avô, Tião.

Ele sonha em ser um cantor famoso, ele tem uma voz incrível.

Quando Felipe tinha um tempo ele pegava o seu violão, e ia para o centro de São Paulo cantar. O avô de Felipe queria que ele parasse de catar latinhas, para o menino fazer o que mais amava que é cantar.

Mas como o avô de Felipe já estava cansado e velho, não conseguia mais carregar a carrocinha sozinho. O neto se Tião gostava muito de seu avô que deixava de fazer o que mais gosta para ajudar o seu avô Tião.

Na manhã seguinte ele tinha um tempinho vago, então o menino foi para o centro para poder ganhar dinheiro para comprar comida para ele e pra o avô.

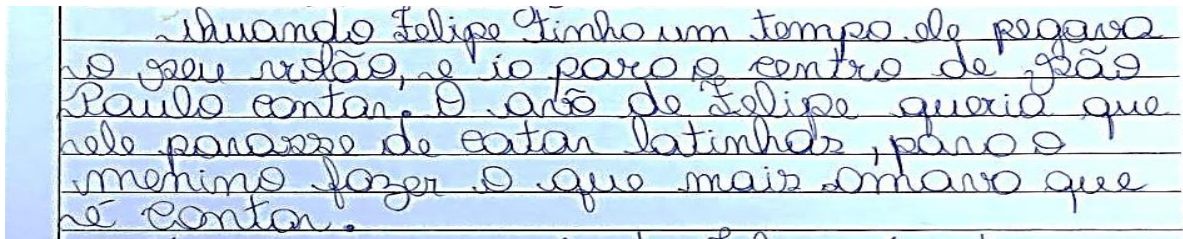
Passou um moço e ficou encantado com o seu canto e decidiu ajuda-ló.

Quando Felipe conseguiu bastante dinheiro e estava a caminho do supermercado chegou um bandido armado e roubou todo o dinheiro de Felipe, e andando e chorando avistou uns policiais e foi correndo chama-lós. Chegado aos policiais ele contou tudo para eles, os policiais com pena escreveu ele no Programa da Fama.

Felipe ansioso para o sorteio começou a chorar pensando que não ia ser ele o sortiado, ele levantou da cadeira pensando que ia ter que voltar para rua e viver cantando no centro. Ao chegar na porta da saída ele ouviu o nome dele ser sortiado começou a chorar mais ainda. Ganhou mitos premios. E hoje é um cantor muito famoso. Gravou o seu CD e ficou mais famoso e rico.

Nesse exemplo o aluno/escritor nomeou os personagens. Uma característica diferente foi dada ao garoto Felipe, observemos:

Figura 3 – Caracterização de personagem



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Apesar de no texto original o personagem principal ser um cantor, apenas esse aluno pensou na hipótese do personagem tocar um instrumento.

O aluno conseguiu desenvolver seu texto de forma clara, coerente, deixando de ficar totalmente preso ao conto original.

Os desvios cometidos pelo aluno não afetaram o sentido do texto.

Exemplo 24 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás, na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado João Kaleb ele era de uma família muito rica e eles ficaram pobres e nessa família tinha a mãe, o pai, o filho e o avô.

Um dia se separaram o pai e a mãe foram para um lado e o avô e o filho foram para outro, e eles nunca mais se encontraram, e hoje João Kaleb e seu avô vivem na rua.

Desde pequeno João Kaleb tinha o sonho de ser cantor, e ele tinha uma linda voz e ele tentou um dia cantar em uma praça e ele fez muito sucesso, e seu avô queria que ele seguisse o seu sonho.

Mas ele tinha que ajudar o seu avô a catar latinha. Seu neto o amava tanto que deixava de seguir seu sonho para acompanhá-lo.

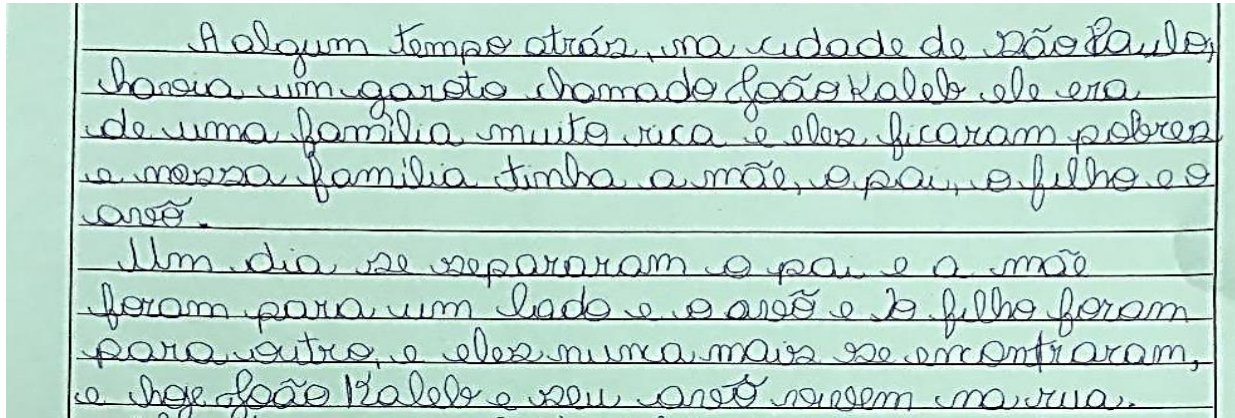
No dia seguinte ele foi cantar na mesma praça e ele começou a cantar, um homem ficou encantado com sua voz e ajudou ele.

Quando o garoto conseguiu muito dinheiro um ladrão foi roubar o seu dinheiro mas sorte que tinha um vigilante prendeu o ladrão e ajudou o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que os policiais escreveram ele no programa da farra, e ele ganhou 800 mil reais ele comprou uma casa, gravou um CD e ele ficou conhecido como JK.

Nesse caso, o aluno optou em nomear apenas o garoto, contudo, no texto original havia apenas o personagem chamado de avô, nesse exemplo, foram acrescentados mãe, pai, e um irmão do personagem principal. O interessante é que o aluno entrelaça a história do garoto com esses personagens, surgindo a partir daí o motivo do menino e do avô viver na rua. Vejamos:

Figura 4 – Inclusão de outros personagens



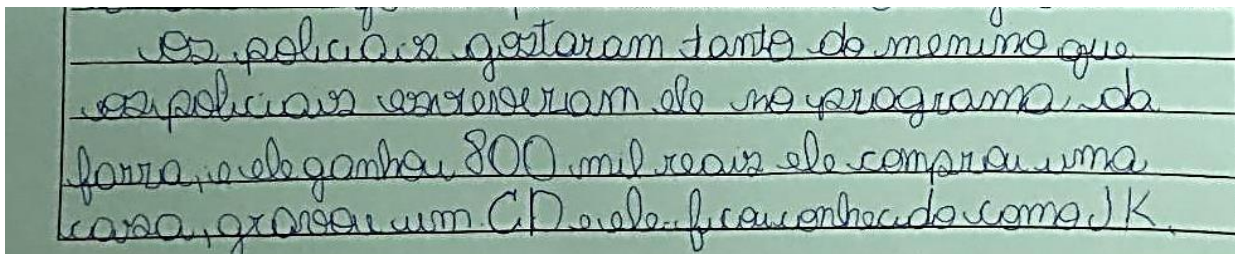
A algum tempo atrás, na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado João Kaleb. ele era de uma família muito rica e eles ficaram pobres e nessa família tinha a mãe, o pai, o filho e o avô.

Um dia se separaram o pai e a mãe foram para um lado e o avô e o filho foram para outro, e eles nunca mais se encontraram, e hoje João Kaleb e seu avô vivem na rua.

Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Outro aspecto interessante é o valor do dinheiro ganhado pelo garoto do texto. Podemos notar que para o aluno esse seria um valor muito alto (mediante seu senso comum), levando o personagem João Kaleb a conseguir bens materiais através disso.

Figura 5 – Inserção de valor



Os policiais gostaram tanto do menino que os policiais escreveram ele no programa da farra, e ele ganhou 800 mil reais ele comprou uma casa, gravou um CD e ele ficou conhecido como JK.

Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 25 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás, na cidade de São Paulo, havia um garoto. Catador de latinhas que morava em uma carrocinha, embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô que ele parasse de catar latinhas para ele fazer o que mais gostava, cantar.

Mas como o avô já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gosta para ajudar o avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma praça cantar, um cara ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

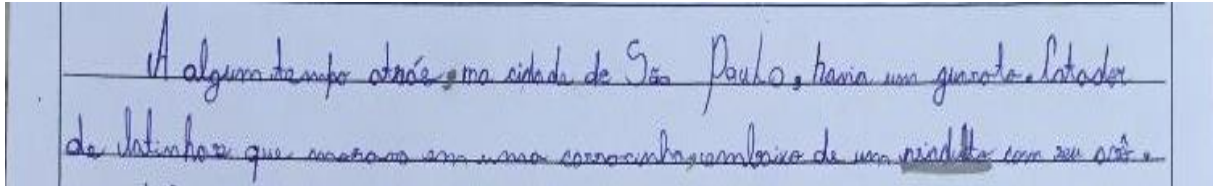
Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro, um cara roubou todo o dinheiro dele, mais por sorte um grupo de policiais que viram o que tinha acontecido e decidiram ajudar o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que escreveram o garoto no programa da farra, e ele foi sortiado, ganhou muitos prêmios, gravou seu CD e hoje ele é um cantor famoso.

Nesse exemplo pudemos observar pouquíssimas mudanças em relação ao texto original. O aluno não se preocupou em tentar fazer mudanças coerentes que pudessem melhorar o texto.

Havíamos notado até aqui que todos os alunos mudaram o início do texto, uma vez que no texto original a primeira oração do primeiro período não tinha sido bem redigida, atrapalhando o andamento do texto. Talvez por falta de uma leitura adequada, o aluno não tenha percebido o desvio, levando-nos a pensar que ele não se deteve a fazer a atividade com a devida atenção pedida pela professora.

Figura 6 – Desvio não identificado pelo aluno



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 26 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto morador de rua. Catador de latinhas é papelão ele morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava ser cantor, ele tinha uma voz incrível, é ele cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô gostaria que ele parasse de catar latinhas é papelão para o menino fazer o que mais gostava que é cantar.

Mas como seu avô já estava velho, é não conseguia levar a carrocinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gosta para ajudar o avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempinho e foi para o centro de São Paulo cantar, um cara ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um ladrão roubou todo o seu dinheiro, mais por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o garoto.

Os policiais adoraram o menino que eles o escreveram em um programa de música, e ele foi premiado vencedor do concurso de música, e ganhou vários prêmios, gravou seu primeiro CD e hoje ele é um cantor famoso.

Exemplo 27 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado Carlos e seu avô chamado vô Madruga. Os dois catavam latinha, eles moravam em uma carrocinha debaixo de um viaduto.

O menino sonhava em ser cantor, ele tinha uma voz incrível, cantava nas ruas. Todos os dias quando tinha ele cantava. O seu avô madruga queria que ele parasse de catar latinha para fazer o que mais gostava de fazer, que é cantar.

Mas o de Carlos já estava velho, não conseguia carregar mas a carrocinha sozinho. Carlos gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava de fazer para ajudar o avô Madruga.

Na manhã seguinte Carlos arrumou um tempo e foi para a pracinha cantar, uma pessoa ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar. Quando o Carlos conseguiu bastante dinheiro

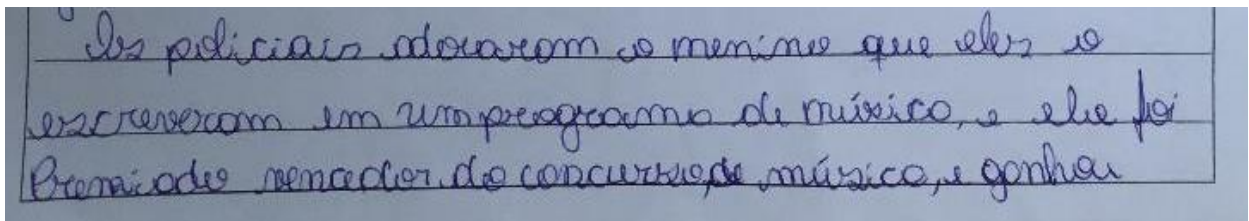
um ladrão muito perigoso roubou todo o dinheiro dele mas, por sorte um grupo de policiais viu e ajudou Carlos.

Os policiais gostaram tanto de Carlos que inscreveram o garoto no programa da farra, e ele foi o ganhador, ganhou muitos prêmios, gravou um CD e hoje Carlos é um cantor muito famoso.

Aqui, os alunos também não se preocupam em nomear os personagens. Assim como no exemplo acima, cometem os mesmos desvios e também se detêm bastante ao texto original.

Um desvio cometido por esses alunos, e por mais três colegas, que nos chamou a atenção foi a troca do verbo inscreveram pelo verbo escreveram, no último parágrafo do texto. Embora no texto original esteja escrito corretamente, alguns alunos fizeram confusão e trocaram um verbo pelo outro, não observando a diferença de sentido que há entre os dois.

Figura 7 – Mudança de verbos



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Figura 8 – Mudança de verbos

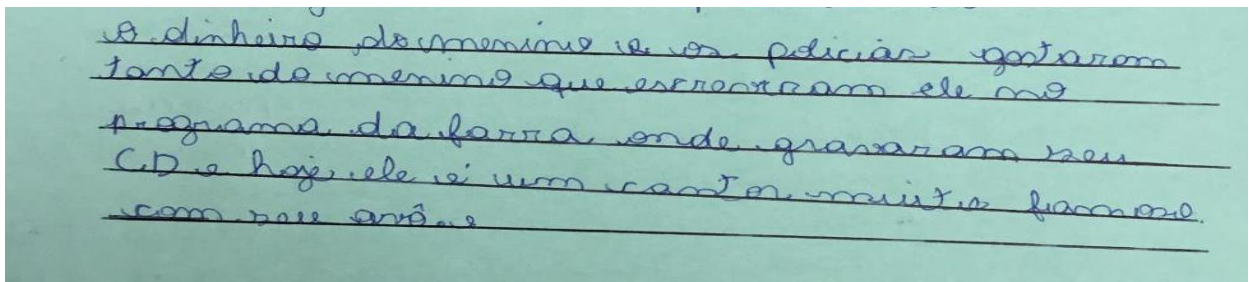


Figura 9 – Mudança de verbos

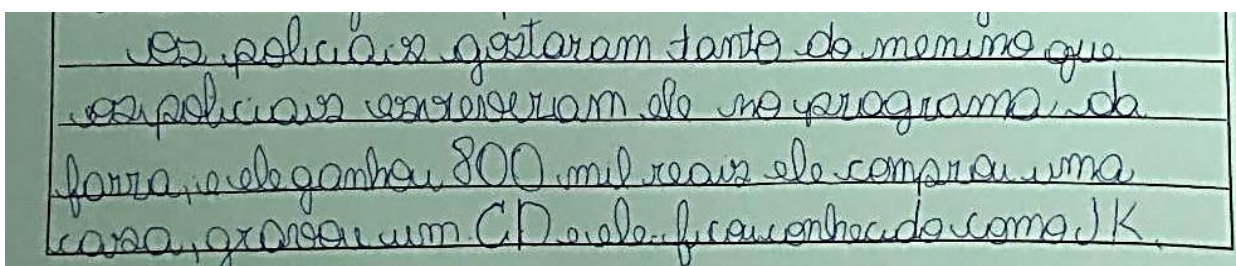


Figura 10 – Mudança de verbos

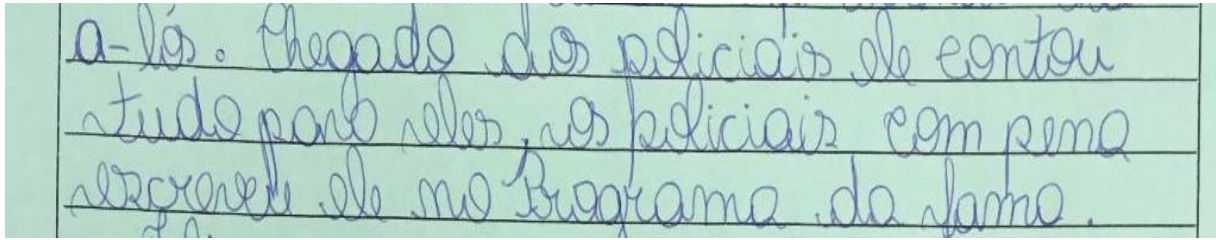
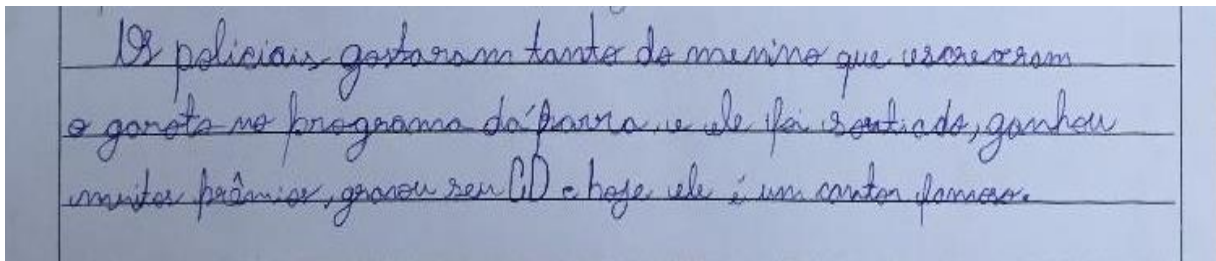


Figura 11 – Mudança de verbos



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 28 de transcrição de reescrita do conto

Pedrinho o Cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de Rio de Janeiro havia um garoto que se chamava Pedrinho. Catador de latinha que morava em humilde casinha perto de um viaduto, com seu pai.

Ele sonhava ser mc. Tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu pai queria que ele parasse de catar latinha para ele fazer o que mas gostava que era cantar para ajudar o pai.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma pracinha cantar, um cara que era dono da Kondzilla estava na pracinha viu o menino cantando e decidiu fechar um contrato.

Uma semana depois dele ser contratado ele fez um show.

Na hora que ele foi receber o dinheiro do show passou um homem e pegou o dinheiro dele mas por sorte tinha um grupo de policiais que viu e ajudou o menino.

Depois de várias músicas gravadas ele virou um Mc. O Mc Pedrinho.

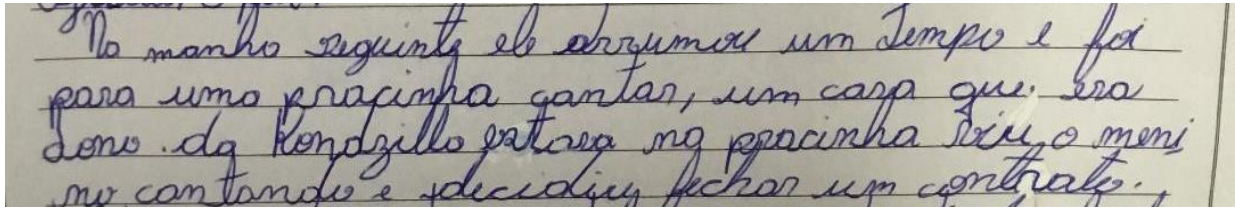
Acima, temos um exemplo de um aluno muito criativo. Ele buscou escrever o conto baseando-se em seu próprio gosto musical. É interessante observarmos como o aluno/escritor consegue com maestria unir sua ideia com a ideia do texto original.

Verificamos também que no conto no qual eles se baseavam para redigir a reescrita, os personagens são o menino e o avô. Aqui, o aluno optou em substituir o avô pelo pai.

O tema original do conto não foi mudado e embora em nenhum dos outros textos os alunos tenham comentado qual o estilo musical do garoto, nesse caso, o uso do substantivo próprio Kondzilla e da sigla MC foram fatores predominante, ficando claro (através do

conhecimento de mundo que o aluno demonstrou ter) que o garoto do texto se tornou um cantor de funk.

Figura 12 - Uso de um substantivo próprio caracterizador de um estilo musical



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 29 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo havia um garoto chamado Diego ele era catador de latinhas que morava e uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava ser jogador de futebol, tinha um talento muito bom ele jogava todos os dias no campo o seu avô queria que ele parasse de catar latinhas para fazer o que mais gostava que é ser um jogador de futebol.

Mas como o avô do menino já estava velho não conseguia carregar a carrocinha sozinho seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gosta para ajudar o avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma pracinha jogar futebol um cara ficou emprenhado com seu talento.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um cara roubou todo dinheiro dele mas por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que eles o inscreveram o garoto no grupo de futebol e ele foi confochado pra um campeonato e ele ficou muito feliz e seu sonho foi realizado.

Nesse exemplo o aluno optou em mudar o sonho de seu personagem. Manteve as características do conto original, porém, acrescentou algo que não esperávamos: o sonho em ser jogador de futebol. Todo o texto foi ajustado a essa mudança, inclusive, o vocabulário, com termos do campo futebolístico.

O que de fato deveria ser mudado nesse caso seria o título, pois o título do texto original não condiz com o tema da história contada pelo aluno.

Exemplo 30 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado David. Catador de latinhas e papelão que morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto em uma carrocinha onde eles dormiam e passavam a maior parte do tempo.

O David sonhava ser cantor, ele tinha uma voz incrível, cantava nas ruas e praças quando tinha tempo. O seu avô muito bom para o garoto queria que ele parasse de catar papelões e latinhas para David fazer o que mais gostava que era cantar.

Mas como o avô de David estava já idoso, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. E David gostava tanto de seu avô que deixava de cantar para ajudar seu avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi cantar em uma praçinha, uma pessoa chamado José ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar David:

___ *Que voz linda você nasceu para ser cantor!*

___ *É o que mais sonho! Diz David feliz e José responde:*

___ *Bom, trabalho com descoberta de talentos e te descobri você aceita fazer um teste?*

___ *Claro! Nem estou acreditando, obrigado e tem pagamento?*

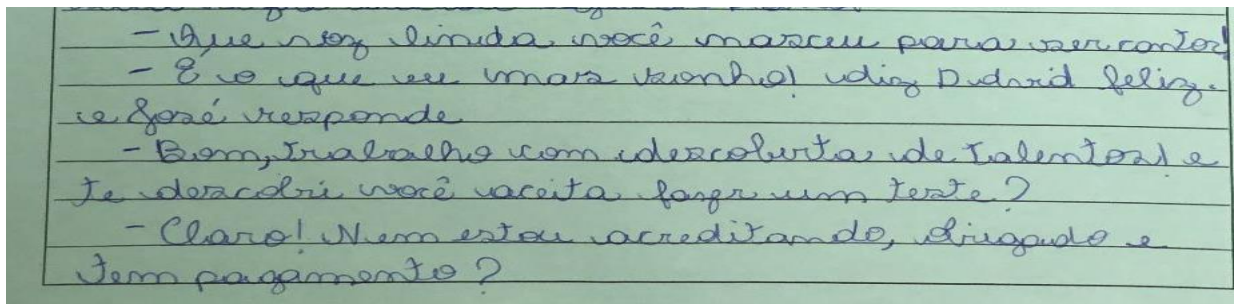
___ *Sim você vai receber R\$ 100,00. Pode ser? Fala José.*

___ *Sim, vamos estou pronto para o teste.*

David passou no teste e ganhou muito dinheiro! E passou uma pessoa muito má e roubou todo o seu dinheiro. E depois de alguns dias o menino procurou a polícia e em algumas horas a polícia encontrou o dinheiro do menino e os policiais gostaram tanto do menino que escreveram ele no programa da farra onde gravaram seu CD e hoje ele é um cantor muito famoso com seu avô.

O que pudemos observar nesse texto, no que difere dos demais, são os usos de diálogos. O aluno opta em um tipo de discurso que não existiu no texto original. Apesar de haver desvios relacionados à pontuação, isso não se torna de fato um problema, pois o texto continua apresentando sentido ao leitor.

Figura 13 - Presença de diálogos



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Um aspecto que talvez tenha deixado o texto um pouco confuso pode ser verificado no primeiro parágrafo, uma vez que o aluno nomeia o personagem principal (o garoto), mas não cita o avô. Contudo, no decorrer do parágrafo utiliza o pronome pessoal eles, nos levando a inferir que há outro personagem, que é citado no segundo parágrafo (o avô).

Figura 14 - Exemplo de personagem não citado

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado David. Catador de latinhas e papelões que morava embaixo de um viaduto em uma carrocinha onde ele dormia e passava a maior parte do tempo.

O David sonhava em ser cantor, ele tinha uma voz incrível, cantava nas ruas e praças quando tinha tempo. Seu avô muito bom para o garoto queria que ele parasse de catar papelões e latinhas para David fazer o que mais gostava que era cantar.

Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 31 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado Marcos. Catador de latinhas que morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô José.

O menino sonhava em ser cantor e tinha uma voz incrível, cantava nas ruas sempre que podia. O seu avô queria que ele parasse de catar latinhas e sim que cantasse para as pessoas, que era o que Marcos mais gostava.

Mas como seu avô já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Marcos gostava tanto dele que deixava de cantar para ajudar o seu avô.

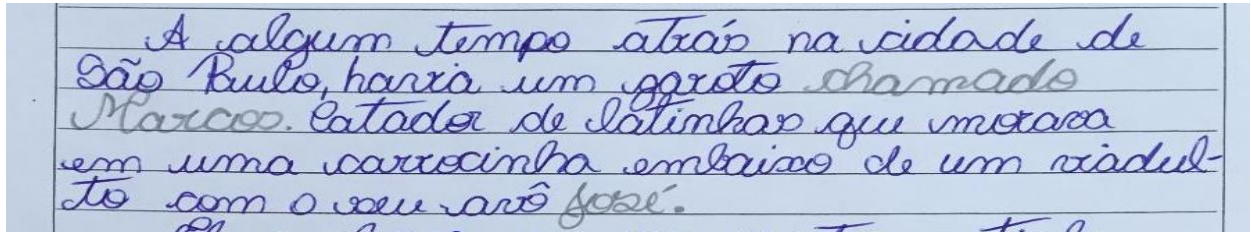
Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para a praça cantar, um homem ficou encantado com sua voz.

. Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um homem misterioso roubou todo o dinheiro, mais Marcos teve tanta sorte que um grupo de policiais viu e ajudou o menino. A partir daí teve mais esperança em seu sonho.

Os policiais gostaram tanto de Marcos, que inscreveram ele no programa da farra, e ele foi aceito lá, ganhou muitos prêmios, gravou seu CD e hoje Marcos é um cantor muito famoso.

Nesse caso, houve poucas mudanças, o aluno nomeou os personagens, porém, o nome do avô (José) só foi dito uma vez durante todo o texto. O substantivo avô foi mantido no decorrer da história. Mais uma vez, o desvio encontrado no primeiro parágrafo não foi percebido pelo aluno/escritor.

Figura 15 – Desvio não identificado pelo aluno



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 32 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um menino que se chamava André. Ele catava latinhas e morava em uma carrocinha, embaixo de um viaduto, com seu avô João.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, quando tinha tempo cantava na rua.

Seu avô João queria que ele parasse de catar latinhas, para ele fazer o que mais gostava, CANTAR. Mas seu avô já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho, e seu neto com muita dó, do seu avô largava de cantar para lhe ajudar.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma praça cantar. A praça estava bem movimentada, então passou um homem e foi conversar com André, o homem disse:

— Olá, meu nome é Roberto, e trabalho com Descoberta de Talentos, você se interessa em entrar em um programa?

O menino respondeu!

— Claro! Mas tem pagamento?

— Sim! Venha comigo. --- disse Roberto.

Chegaram lá! Ele tinha ganhado muito dinheiro.

Todos conheciam André, mas tudo aquilo era um roubo. André foi roubado.

Os policiais chegaram e prenderam os ladrões.

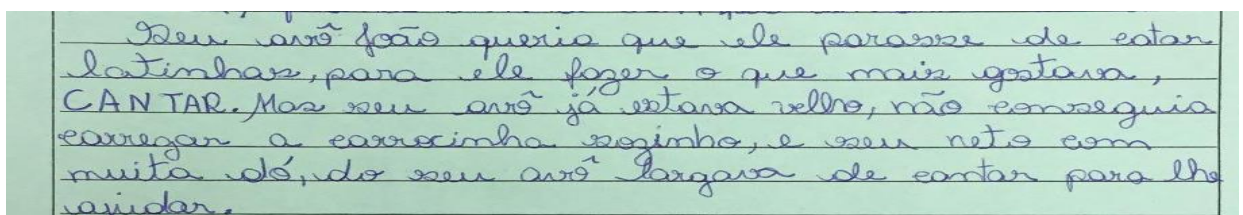
André estava muito triste com o que tinha acontecido então os policiais decidiram inscrever o menino no Programa da Farra. Ele ganhou vários prêmios, gravou seu CD, e hoje ele é um cantor super famoso.

Temos aqui um exemplo de conto bem desenvolvido. O aluno se preocupa em esclarecer algumas ideias que ficaram vagas no texto original.

Também utiliza de diálogos, nomeia os personagens e não comete muitos desvios.

O aluno lança mão do uso de letras em caixa alta, com o intuito de realçar algo que o personagem principal do texto gostava bastante.

Figura 16 – Uso de letras em caixa alta para realçar ideia



Fonte: produção elaborada por aluno (a) participante da pesquisa, 2018.

Exemplo 33 de transcrição de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado Gustavo. Ele era catador de latinhas, e morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, ele tinha uma voz incrível, e cantava nas ruas quando tinha tempo. Seu avô queria que Gustavo parasse de catar latinhas para ele realizar seu sonho.

Mas como o avô do Gustavo já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Gustavo gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar seu avô.

Na manhã seguinte Gustavo arrumou um tempo e foi para uma praça cantar, um cara que estava no local ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o menino conseguiu bastante dinheiro, um cara passou e roubou tudo o que ele tinha conseguido. Por sorte tinha um grupo de policiais rondando pela praça, eles viram o que tinha acontecido e foram atrás do homem que roubou Gustavo.

Ele conseguiu recuperar seu dinheiro e os policiais gostaram tanto do garoto que inscreveram ele no programa da farrá. Gustavo foi sorteado, e ganhou muitos prêmios, gravou seu CD e hoje ele é um cantor muito famoso.

Nesse último exemplo, o aluno não fez grandes mudanças. Nomeou apenas o personagem principal, contudo, o desvio que havia sido cometido no primeiro parágrafo pela colega do conto original, foi sanado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento das atividades descritas e analisadas na terceira seção, os alunos fizeram uma reescrita do conto estudado “Eu nunca vou te deixar”. Ao longo da pesquisa, foi proposto uma reescrita, ocorrendo após as atividades sobre o conto, da música e do estudo dos gêneros discursivos música e bilhete, cujo objetivo era que os alunos reescrevessem o conto de um colega (escolhido aleatoriamente) a fim de sanar alguns desvios identificados na escrita da primeira versão do conto. Houve certa competição por parte dos alunos para ver quem conseguia identificar quais os elementos essenciais do gênero conto que não estavam presentes no texto escrito pelo colega. Embora os alunos tenham, em alguns momentos, aversão à reescrita, nesse momento observamos o contrário acontecer. Os alunos ansiavam pela reescrita em busca da melhora da escrita do texto e dos encontros dos desvios que poderiam e deveriam ser modificados.

Analisando essa etapa da reescrita, percebemos que os textos apresentaram melhores resultados para a aprendizagem do gênero conto, visto que a partir dela os alunos ampliaram as descrições de seus textos e ajustaram os elementos que são necessários aos contos. O interessante foi ver a reação dos alunos ao perceber que de certo modo “corrigiriam” o texto do colega, levando-os assim a fazer uma leitura atenta do texto em busca de “erros” e, principalmente, em redigir o novo texto com muita cautela, para que os desvios fossem de fato sanados.

Ao término das análises de nossas atividades, surgiu a ideia de uma segunda reescrita. Porém, o fato de escrever mais de uma vez o mesmo texto pode causar certa estranheza em relação aos alunos. Com isso, sugerimos que atividades como essa sejam feitas várias vezes ao ano, com a finalidade de se tornar algo convencional, esperado com vontade pelos alunos.

Quando usamos estratégias de leitura, convidamos nossos alunos a adentrarem em um mundo do qual eles fazem parte e sabem de muitas coisas. Na maioria das vezes, nossos alunos não se interessam pelos textos porque já acreditam que não vão entender aquilo que lerão nas páginas dos livros. Ativar os conhecimentos prévios que eles possuem sobre determinados temas, os instigarão a ler com vontade, com curiosidade. Também os motivará a participar da aula e conseqüentemente, melhorará sua autoestima em relação a todo tipo de conhecimento que lhes for ofertado.

Quanto aos elementos que compõem o gênero conto, os alunos não precisaram realizar muitas correções, pois eles não demonstraram ter dúvidas. Quando solicitamos a proposta de reescrita de um conto escrito por um colega, percebemos que eles já dominavam os elementos

da narrativa e já colocavam em prática todos os aspectos que Geraldi considera necessários para uma adequada produção textual.

Sabemos que escrever não é uma tarefa fácil, não basta ter criatividade, ao contrário do que diz o senso comum. Para escrevemos bem, é necessário muita leitura, releitura e reescritas daquilo que foi escrito. Por isso a reescrita é imprescindível não apenas nas aulas de língua portuguesa como também aulas das demais disciplinas.

Durante nossa pesquisa, também concluímos que a proposta de apresentar aos alunos textos do gênero conto permitiu que eles estudassem o gênero de fato, se apropriassem do seu estilo e composição temática, e, além de tudo, praticassem a escrita e a reescrita de seus textos com produtividade. Ressaltamos que os resultados das atividades em geral foram satisfatórios por diversos motivos que julgamos necessários ressaltar. O primeiro deles foi o envolvimento e a curiosidade dos alunos pelo que liam e/ou e pelo o que o colega tinha escrito em sua primeira versão do conto.

A segunda questão que permitiu o bom andamento da pesquisa foi a postura da direção e dos supervisores da escola em que esta foi realizada. A escola providenciou cópias dos contos para os alunos, de forma que cada aluno pôde ficar com sua cópia durante o período das leituras. Ressaltamos que no período da aplicação das atividades, o livro didático não foi seguido na íntegra. A supervisão da escola foi flexível nesse sentido e em momento algum nos cobrou que seguíssemos o conteúdo programático do livro adotado. O fato de termos afastado do livro didático acabou mudando também a nossa visão, pois percebemos que não é preciso seguir o livro na íntegra para que os alunos se apropriem de determinados conhecimentos.

As atividades de leitura, compreensão e produção de textos propostos possibilitaram maior interação dos alunos com o que propomos do que quando seguíamos o livro para estudar determinado gênero, por exemplo. Porém, quanto à fuga do livro didático, acreditamos que o maior desafio do professor de Língua Portuguesa é providenciar os textos ou outros materiais para que todos os alunos tenham acesso.

O projeto que elaboramos e colocamos em prática teve uma contribuição significativa para a formação de alunos leitores, pois a maioria leu com muito entusiasmo todos os textos, chegando a pedir para que trabalhássemos mais textos daquela maneira. Tal ação não foi possível nesse ano, devido ao curto tempo, mas já ficou como sugestão para o planejamento anual do próximo ano.

Tão ação demonstrou o quão é possível e necessário incentivar e desenvolver a leitura na sala de aula. É muito comum ouvirmos professores de todos os conteúdos dizerem que os alunos não têm um vocabulário mais elaborado nem argumentos porque não têm o hábito de

leitura. Sabemos que é muito difícil alguém desenvolver esse hábito sozinho e como na maioria dos casos os alunos não tem esse exemplo em casa, a escola é o local em que se espera que essa prática aconteça.

Além de permitir o desenvolvimento da leitura, o projeto foi responsável pelo incentivo da escrita, visto que os alunos sentiram-se capazes de colocar suas ideias no papel, dando asas à sua imaginação e explorando seu conhecimento acerca do que havia sido explicado durante as aulas. Por isso, o estudo do gênero conto foi importante e eficaz tanto para a leitura como para escrita.

As atividades desenvolvidas também nos permitiram perceber que o aluno aprende determinado gênero. Para que a aprendizagem realmente se efetive e ele se aproprie do gênero textual estudado, é necessário que o professor ofereça ao aluno acesso a textos do gênero, permitindo também a possibilidade de produzi-lo em uma situação que faça sentido às suas vivências e que essa produção circule de alguma forma pelo menos dentro da sala de aula.

É óbvio que tivemos algumas adversidades nesse período de desenvolvimento da pesquisa, alguns alunos faltam muito, não conseguindo acompanhar o andamento das atividades, outros são mais dispersos, uns ficam mais agitados durante a realização de algumas atividades, quando, por exemplo, tinham que ler as partes do conto numa leitura silenciosa e, ao terminar, ficavam querendo comentar o texto sem que todos os colegas tivessem terminado a leitura. Porém, os aspectos positivos foram preponderantes, o que demonstra que valeu o esforço e nos inspira a continuar o projeto nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília/ DF: MEC/ SEF, 1998.
- CORTAZAR, Júlio. **Histórias de cronópios e de famas**. 6. ed. Trad. Glória Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1998.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Pensar a história, repensar o seu ensino**. Porto: Porto Editora, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se complementam**. 39. ed. [S.L]: Cortez, 2000.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.
- KIEFER, Charles. **A poética do conto**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender o texto: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo. Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2011.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MAGALHÃES, Júnior. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula**: da teoria à prática escolar. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**; trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

APÊNDICE A – CADERNO DE ATIVIDADES

CADERNO DE ATIVIDADES PARA O PROFESSOR

Professor, as atividades abaixo versam sobre leitura, compreensão e produção do gênero conto e foram elaboradas e aplicadas por nós em uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental. Assim, além das sugestões de leitura, propomos atividades que poderão ser realizadas antes, durante e após os alunos lerem os textos. Ressaltamos que são apenas sugestões, pois outras ideias poderão surgir e poderão ser acrescentadas e/ou reformuladas mediante o perfil da turma e o andamento das aulas. Logo, esse caderno também poderá ser adaptado para outras turmas do Ensino Fundamental, uma vez que as obras de **Pedro Bandeira** se justificam precisamente para esse fim.

1ª ETAPA

Na primeira etapa, escolha um grupo de cinco alunos e peça que façam uma apresentação para que os colegas conheçam o autor Pedro Bandeira. Eles se reunirão e poderão optar em fazer cartazes com as obras do autor que houver na biblioteca da escola, podem falar também de outras obras conhecidas e publicadas. Caso desejem, também podem fazer uma entrevista com o autor, sendo um dos alunos o próprio Pedro Bandeira e responder as perguntas que uma das colegas fizer, perguntas essas referentes à sua vida, carreira, obras publicadas e algumas curiosidades relacionadas ao autor que os próprios alunos do grupo pesquisarem. No final da apresentação, debatam com os alunos de toda a classe sobre as obras do autor que eles já haviam lido ou ouvido falar. A tarefa pode ser realizada em um horário, cinquenta minutos de aula.

Com o intuito de ativar os conhecimentos prévios dos alunos perante o tema principal do texto que será lido “Eu nunca vou te deixar”, você pode optar em analisar algumas imagens. Elas podem ser impressas em tamanho A3 e coladas no quadro. Você pode pesquisar outras imagens, desde que não fuja ao tema do conto (moradores de rua).

Para a discussão das imagens, você gastará dois horários de cinquenta minutos, sendo ela toda feita oralmente.

Durante o debate das imagens, divida a turma em cinco grupos (o número de alunos de cada grupo vai variar, dependendo da quantidade de alunos que houver em sua sala) e entregue uma pergunta (relacionadas às imagens) para cada grupo. Foi dado dez minutos para eles

responderem num papel (cada turma vai exigir uma quantidade de tempo, portanto professor determine o tempo que você julgar adequado). Cada grupo terá a oportunidade de ler e responder sua questão. Há interação entre os grupos, no fim, todos comentam e debatem sobre o tema.

PERGUNTAS USADAS PARA DEBATE

- 1) Como vivem os moradores de rua?
- 2) Por que vivem assim? Como se sentem?
- 3) O que eles vendem?
- 4) Quais são os sonhos dessas pessoas?
Refleta.
- 5) É uma vida sofrida? Explique.
- 6) O que essas pessoas vivenciam nas ruas?



Professor, você pode acrescentar mais perguntas e dividir a sala em grupos com a quantidade de alunos que julgar adequado. Vale ressaltar que é uma atividade que deixam os alunos agitados, tentando acalmá-los, entregue uma folha e peça para que escreva a resposta de sua questão, baseada na opinião do grupo. O grupo haverá de se concentrar para refletir acerca da sua questão.

IMAGENS PARA SEREM TRABALHADAS EM SALA



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

2ª ETAPA

Depois de toda a discussão, utilizando de estratégias para fazer previsões do que os alunos lerão a seguir, trabalhe o texto “Eu nunca vou te deixar”, de Pedro Bandeira. Para ler e discutir o texto abaixo, você gastará aproximadamente três aulas de cinquenta minutos, levando em consideração que você parará a leitura em partes (xeroque o texto e o divida em partes estratégicas, dando ao aluno cópias parando em trechos específicos, que haja suspense) com o intuito de deixar os alunos curiosos para saber o que acontecerá a seguir. Colocaremos aqui o texto dividido como foi dado em sala, porém, o professor deve fazer como for mais viável à sua aula e à sua turma.

Ao entregar o texto, peça que inicialmente façam a leitura, pois, provavelmente os alunos já estarão ansiosos para lerem, já imaginam (mediante as estratégias utilizadas antes da leitura) do que se trata o conto.

À medida que os alunos forem terminando a leitura é certo que eles vão querer expor sua opinião relacionada ao conto, portanto professor esteja preparado para intervir e pedir aos alunos que esperem até que todos terminem a leitura. Como optamos em parar o texto em trechos específicos, a turma ficou agitada se perguntando o que aconteceria a seguir.

Fizemos a leitura compartilhada também, contudo, fica a critério do professor. Achamos necessário porque tivemos alunos que não fizeram a leitura silenciosa e dessa forma, com a leitura compartilhada eles puderam ouvir o conto e saber do que se tratava a história.

TEXTO: EU NUNCA VOU TE DEIXAR – PEDRO BANDEIRA

(Fonte: <https://www.google.com.br/eununcavoutedeixar/pedrobandeira>)

1ª PARTE:

Fazia frio naquela noite. Muito frio.

Debaixo de um viaduto qualquer, num cantinho mais escuro, Beto e Vô Manduca aconchegavam-se em meio ao monte de papelões que os dois haviam empilhado dentro da carrocinha, depois de todo um dia a empurrá-la pelos quarteirões dos depósitos e dos armazéns, o melhor lugar para encontrar boas pilhas de papelão.

Logo que amanhecesse, aquilo tudo seria vendido a alguma fábrica de papel e eles teriam dinheiro para sobreviver por mais um dia. Mais um dia para empurrar novamente a carrocinha, catando mais papelão para vender e sobreviver por mais um dia, para catar mais papel...

No meio do papelão amontoado na carrocinha, o frio quase não penetrava, e Beto começou a adormecer, ouvindo os mesmos sons de todas as noites, o barulho dos carros que passavam, o tempo todo, ao lado e em cima do viaduto sob o qual estava estacionada a carrocinha.

Em noites como aquela, costumava haver mais um hóspede dentro da carrocinha: um gato. Um gato qualquer, pobre e sujo como eles. Qualquer gato fosco, de indefinida cor e sem nome, que às vezes aparecia para filar uns restos do jantar e acabava pegando uma carona no meio dos trapos, dos papelões e dos dois seres humanos que o acolhiam.

Quase todas as noites, Beto procurava arranjar um gato como aquele. De manhã ele sumiria, como sempre somem os gatos sem dono. Mas pelo menos durante a noite teria sido uma companhia para ele. Um pedaço vivo, magrelo, quente. Um brinquedo bom de acariciar enquanto o sono não vinha.

Muitas vezes, principalmente quando fazia frio, abraçado com o gato vagabundo que acolhera, Beto sonhava com um gato só dele:

– Sabe, vô Manduca? Eu queria um gato que ficasse com a gente. Um gato que aprendesse a me reconhecer. Que todos os dias comesse na minha mão. Que olhasse para mim quando eu o chamasse pelo nome. O nome que eu mesmo daria para ele...

Vô Manduca sorria seu sorriso sem dentes, acariciava a carapinha do menino e mostrava sua sabedoria das ruas:

– Durma, Beto. Gatos vagabundos não faltam. Enquanto você tiver algum resto de comida para oferecer, sempre encontrará um gato para comer na sua mão.

Vô Manduca dissera uma vez que gatos não se apegam às gentes. Só se apegam às casas, onde recebem comida. Toda vez que se lembrava disso, Beto sonhava com uma casa. Uma casa onde morassem os três: ele, vô Manduca e o gato. De tijolos e telhas. Um sonho bom de se sonhar.

Só os gatos pretos nunca dormiam no abraço do menino. Vô Manduca não deixava.

Dizia que eles davam azar.

– Gatos pretos não são gatos, Beto – dizia vô Manduca com um estranho brilho no olhar. – São almas penadas, fugidas do inferno. Quando cruzam o caminho de uma pessoa, essa pessoa está danada. Sete coisas ruins vão acontecer pra ela. Fuja dos gatos pretos, menino!

– Mas você também é preto, vô Manduca. E eu também sou...

– Nada disso! A gente é gente. Gatos pretos nada têm a ver com gente preta. Gato preto dá azar por sete anos inteirinhos!

– E a gente, vô Manduca?

– A gente tem sorte, menino. Eu tenho a você e você tem a mim. Quer melhor sorte do que essa?

Não. Beto não podia querer melhor sorte do que aquela. Muitas vezes ficava distraído, olhando os outros meninos, bem-vestidos, de nariz limpo e empinado, sendo levados à escola em carros bonitos. Mas Beto já se acostumara a pensar que aqueles meninos eram mesmo diferentes dele.

Ele bem que gostaria de... de quê? De andar naqueles carros, de estudar naquelas escolas?

De poder passear livremente dentro do shopping de onde ele fora expulso aos pescoções na única vez que tentou entrar para olhar as vitrinas iluminadas?

Tinha sido perto do Natal e ele... Naquele dia, Beto havia chorado muito, abraçado ao velho trapeiro:

– Não me deixe, vô Manduca! Não me deixe!

– Eu nunca, nunca, vou te deixar, Beto, meu menino... Eu sempre vou estar ao seu lado. Confie em mim...

Beto só sabia que era Beto. Não sabia muito mais do que isso. Sabia também que não estava sozinho no mundo. Tinha vô Manduca para cuidar dele.

Pouco mais do que isso Beto possuía. Nem a própria idade sabia e não tinha certeza se vô Manduca era ou não seu avô de verdade. O velho desconversava cada vez que ele tentava saber quem tinham sido seus pais.

Beto frequentara a escola pública durante algum tempo. Lembrava-se muito bem do dia em que os dois estavam na secretaria da escola às voltas com o problema de preencher a folha de matrícula.

– Hum... – fizera vô Manduca. – Aqui diz que eu devo escrever o seu nome completo, Beto.

O menino era pequeno e, até aquele momento, “Beto” tinha bastado como nome para ele. Só naquela ocasião ele tomara consciência de que, para existir nos papéis, era preciso alguma coisa mais que “Beto”.

– Nome completo... Como é o seu nome completo, Beto?

– Eu... eu... você não sabe, vô Manduca?

– Eu? Quem deve saber do seu nome é você. Afinal, seu nome tem de ser seu, não tem de ser meu. Vamos ver... Hum, acho que Beto deve ser o mesmo que Alberto...

– Alberto? Não pode ser Roberto?

– Pode. É claro que pode. Então vai ser Roberto. Mas Roberto de quê? Todo Roberto precisa ter sobrenome, menino!

O menino lembrava-se daquele dia como se aquele fosse o dia do seu nascimento.

– Acho que tem de ser um sobrenome igual ao seu, não tem?

– Igual ao meu? Mas eu sou só “vô Manduca”, não sou nada mais.

– Então eu tenho de ser Roberto Manduca.

– Ótimo! Roberto Manduca! Está resolvido. E aqui? Aqui nós temos de escrever a data do seu nascimento. Quando é o seu aniversário, Beto?

– Eu não sei. Você não sabe, vô Manduca?

– Que tal hoje? Hein? Que tal fazermos seu aniversário hoje?

– Pode ter doce?

– Claro que pode! – respondeu vô Manduca, batendo no bolso. – Eu tenho até um dinheirinho aqui!

E foi assim que surgiu no mundo um certo Roberto Manduca, matriculado na escola e comemorando seu nascimento na padaria, com guaraná e sonhos cheios de mingau amarelo.

A escola exigira que fosse apresentada uma certidão de nascimento. Vô Manduca foi logo dizendo que a certidão estava em casa e que a traria depois. Casa? O velho e o menino moravam na única propriedade dos dois, a carrocinha que transportava papel velho catado no lixo. Dormiam debaixo da carrocinha, ou dentro dela, quando chovia e quando fazia frio, espremidos um contra o outro, aproveitando o calor de seus corpos. A carrocinha podia estacionar em qualquer lugar onde eles estivessem quando resolvessem parar de revirar latas de lixo.

Assim, em que casa estaria a tal certidão de nascimento? O velho foi empurrando a promessa, adiando, cada vez que o menino trazia uma cobrança da secretaria da escola a respeito da tal certidão. E Beto estudou sem certidão nenhuma, até que teve de abandonar os estudos e dedicar-se o dia todo a ajudar vô Manduca, que envelhecia e já não podia empurrar sozinho a carrocinha.

Sua vida era mesmo aquela, junto com vô Manduca, catando papéis e dormindo debaixo de viadutos. O que ele poderia querer mais? Talvez um gato só dele, para sempre dele. E uma casa para ter o gato.

Uma casa! Um sonho feito de tijolos e de telhas. Ah, sim: sua casa haveria de ter tijolos e telhas! Nada daqueles barracos feitos com cacos de madeira e pedaços de plástico, como os da favela. A sua casa haveria de...

Beto sonhava mais ou menos os mesmos sonhos todas as noites. Mas eram melhores as noites em que algum gato dividia a carrocinha com eles. Aconchegado ao seu peito, o ronronar do gato era um som gostoso, um carinho que o animalzinho devolvia em troca dos afagos do menino. E o menino acabava adormecendo, embalado pelo ronronar do companheiro e pelo ressonar de vô Manduca. Naquelas noites, Beto sentia-se feliz.

Só que, desta vez, não havia gato na carrocinha para adormecer no seu abraço. Nenhum gato tinha aparecido e... Bem, havia um gato. Um gato preto, daqueles que vô Manduca tentava enxotar benzendo-se e murmurando esconjuros, com aquele estranho brilho no olhar. O gato pareceu perceber que não devia aproximar-se e ficou meio de longe, sentado, olhando fixamente o pobre jantar dos dois.

Beto deixara sobrar boa parte da comida que o velho tinha arranjado para eles naquela noite. Colocou a comida em cima de um jornal dobrado e levou-a até o gato. O animalzinho olhou-o fixamente com aqueles olhos amarelos e em seguida concentrou-se na comida.

Vô Manduca nada disse. Recolheu-se no meio dos papelões da carrocinha, ajeitando-se para deixar espaço para o menino.

Beto ocupou o seu lugar. Aconchegou-se ao lado do velho, enrodilhando-se de frio.

Pela fresta entre as tábuas da carrocinha, viu o gato preto, sentado no mesmo lugar, imóvel. Os olhos do gato brilhavam no escuro.

Sentindo o peso do sono, aquecido pela proximidade de vô Manduca, Beto adormeceu.

Não viu o gato, que se aproximava da carrocinha e entrava debaixo dela, mesmo sem ser convidado.

Um murmúrio externo mostrou que eles não estavam mais sós, debaixo daquele viaduto.

Era um barulho de quase nada, mas Beto acordou e olhou pela fresta da carrocinha.

2ª PARTE:

Três vultos reuniam-se perto deles, na sombra mais escura do viaduto, protegendo-se da iluminação noturna da avenida, sem perceber que havia gente debaixo daquele monte de papelão e jornais velhos.

Falavam baixo, aos cochichos e, embora estivessem sentados quase ao lado do Beto, não dava para entender direito o que diziam.

– Deu certo! Ih, ih, ih! Deu mais que certo.

– Quanto será que tem aí?

– Monte de grana...

– Tomara que o Doutor chegue logo...

– O Doutor deu a dica direitinho. Ele sabe bolar um assalto...

Um carro acercava-se lentamente, com os faróis apagados. Parou. A porta foi aberta e mais um vulto recortou-se contra a fraca iluminação que vinha da avenida.

– É o Doutor...

– Como planejamos...

Beto segurou a respiração. O que fazia aquela gente?

– Deu tudo certo, Doutor... – começou uma voz. A resposta do recém-chegado, que chamavam de Doutor, veio mais baixa ainda, sussurrante:

– Tudo certo mesmo?

– Mais que certo, Doutor. Uma grana das grandes...

– E os papéis?

– Tudo aqui. Isso vale dinheiro, Doutor?

– Por que quer saber?

– Se vale grana, a gente quer a nossa parte...

Depois de uns segundos de silêncio, a voz do Doutor veio mais forte:

– Pois aqui está a parte de vocês!

Três vezes um brilho de fogo surgiu mais ou menos da altura da barriga do recém-chegado. Quase nenhum barulho saiu junto. O revólver do Doutor tinha silenciador.

Um a um, os três vultos desmoronaram, desaparecendo na escuridão do asfalto.

O Doutor deu dois passos, apontou a arma para baixo, em direção à cabeça do primeiro.

Outra vez o brilho, quase sem som. Sob o impacto da bala, a cabeça atingida deu um tranco.

A arma foi apontada para o segundo, e outra cabeça tremeu sob o brilho da pequena explosão. Faltava o último, que caíra bem próximo à carrocinha. Gemia, agonizante. O Doutor apoiou uma das mãos na carrocinha, enquanto estendia o outro braço para o chão, na direção dos gemidos. Beto mordeu o lábio, segurando um grito de pavor. Uma mão apertou-lhe o braço: vô Manduca também acordara e procurava transmitir calma ao menino. Estavam os dois tão mudos quanto o monte de papelão.

A arma brilhou mais uma vez. O volume atingido foi sacudido pelo impacto da bala.

Algo esguichou na direção da carrocinha, como se alguém urinasse para cima. O esguicho de sangue entrou pela fresta e respingou no rosto do menino.

Beto não conseguiu mais conter um grito, meio abafado, mas o suficiente para que o rosto do Doutor se voltasse para a carrocinha.

Os faróis de um carro que fazia a curva iluminaram brevemente a cara do Doutor. Dois olhos de ódio fixaram-se por um momento no olhar apavorado de Beto.

Foi apenas um instante. No momento seguinte, surgindo do meio do papelão, um braço girou no ar e foi encontrar em cheio a cara do Doutor.

– Fuja, Beto! Corra!

O velho e o menino saltaram do meio dos papelões, como bonecos de mola pulando para fora de uma caixa de surpresas.

Atingido pelo punho do velho vô Manduca, o Doutor caíra para trás, atordoado.

Os dois tiveram aquele breve momento para correr. Saíram sem rumo, pela avenida deserta.

O menino podia correr mais, mas agarrou-se à mão do velho, puxando-o.

– Me larga, Beto. Corra, menino!

Mas Beto não o largava.

– Venha, vô Manduca! Força! Eu não vou deixar você!

O velho levou a mão ao peito. Apoiou as costas em um poste. Um esgar de dor crispava-lhe o rosto enrugado. Vô Manduca gemeu e caiu para frente, como um fardo pesado.

Beto ajoelhou-se, aflito, e girou o corpo do velho.

– Vô Manduca! Vô Manduca! Levante, vamos!

Mal iluminado pelas luzes do poste, vô Manduca olhava o rosto de Beto, suplicava que se falasse, sem nada dizer.

Um ruído gorgolejante saía de sua garganta.

– Vô Manduca! Vamos, vô Manduca! Você tem de levantar!

Um pequeno vulto estranhamente acompanhara os dois na fuga. O gato. O mesmo gato preto que testemunhara a cena brutal.

Beto não tinha tempo de perguntar-se por que aquele gato estava ali, ao lado do velho, como se também se desesperasse com a situação, como se pressentisse a morte próxima, mais uma para somar-se aos três assassinatos covardes que eles haviam testemunhado.

– Vô Manduca! Por favor! Você prometeu vô Manduca! Você prometeu que nunca, com a rouquidão da morte:

– Eu prometi, sim, Beto, meu menino... Eu nunca, nunca vou te deixar... Olhe, este gato preto... este não vai dar azar.

Vai dar sorte, muita sorte pra você... Meu menino, eu prometi... Nunca, nunca vou te deixar...

Havia uma terna expressão de amor nos olhos daquele velho. Naqueles olhos que se imobilizaram, vitrificaram-se, enquanto os braços afrouxavam-se e caíam moles na calçada.

Os outros olhos, os do gato, brilharam, refletindo a fraca iluminação da avenida.

– Vô Manduca! Vô Manduca!

O menino não pôde gritar mais. Um braço forte colheu-o por trás e ergueu-o do chão, como se ele fosse recheado de penas. Beto quis gritar, desta vez de dor e horror, mas a mão fechava-se em torno do seu pescoço, espremendo-lhe o pedido de socorro.

Aquela cara assustadora estava a um palmo do rosto do menino e aqueles olhos assassinos encaravam-no, decretando sua sentença de morte.

A outra mão aproximou-se com o revólver, e o cano, ainda quente das mortes que havia causado, colou-se à sua têmpora. O dedo premeu lentamente o gatilho, saboreando o momento em que a cabecinha de Beto explodiria, espalhando sangue e miolos para todos os lados.

Mas foi somente um clic que se ouviu. O Doutor gastara todas as balas assassinando duas vezes aqueles três bandidos que tinham acabado de entregar-lhe o produto do grande roubo realizado sob seu comando.

O Doutor soltou um urro de desapontamento. Mas não precisava de balas para liquidar aquela frágil testemunha. Era só apertar um pouco mais a pequenina garganta do menino. Era só esmagar devagarinho, arrancando a vida com a ponta dos dedos.

Ouviu-se um espécie de grito. Não um grito humano, mas um berro animal, agudo e furioso, sobre-humano. Uma sombra negra pulou do chão e atracou-se à cara do Doutor.

O gato! Era o gato que cravava as unhas na cara assassina.

O Doutor urrou de dor, tentando arrancar a negra massa vingadora que o agredia, que o unhava sem piedade. Os dedos largaram a garganta do menino e Beto caiu na calçada.

Tossindo, retomando a custo a respiração, puxando em largos haustos o ar para os pulmõezinhos vazios, engasgando, Beto recuperou-se um pouco. Levantou-se, cambaleou um instante sem rumo mas, junto com a vida que voltava a correr-lhe pelas veias, voltou-lhe a consciência do perigo. Sem olhar pra onde, pôs-se a correr.

O Doutor caíra para trás, lutando com o gato. Com um repelão, conseguiu afastá-lo do rosto, jogando-o longe. As garras do gato saíram-lhe do rosto arrancando pele, tirando sangue, dilacerando.

O Doutor gemeu. Por um momento, apertou o próprio rosto, lanhado pelo gato. Mas ergueu os olhos e viu o menino já a uns bons metros, correndo o mais que podia.

Virou-se e correu para o carro. Em um minuto engatava a primeira marcha e atirava o carro, a toda velocidade, na direção do garoto.

Beto percebeu o que fazia o assassino. Era preciso correr, correr tudo o que pudesse, e tentar livrar-se da morte certa.

Uma sombra corria ao seu lado.

O gato. O gato, que facilmente o ultrapassou e correu para uma esquina. Correu e parou, voltando os olhos para o Beto. Eram dois pontos amarelos, que pareciam apontar-lhe alguma coisa. Parecia que o gato indicava-lhe para onde correr.

Não havia tempo para pensar. Os pneus do carro do Doutor já cantavam, aproximando-se dele.

O menino dobrou a esquina. O gato correu à sua frente, disparou como um raio negro e parou novamente, na esquina da próxima rua. Mais uma vez, parecia indicar-lhe o caminho.

O carro perseguidor guinchou ao fazer a curva, no encalço do fugitivo.

Beto corria como um louco, seguindo o caminho apontado pelo gato.

Mas suas pernas já não aguentavam mais. Faltava comida em seu organismo, faltava-lhe a força que centenas de refeições fracas, de refeições ausentes, tinham reduzido.

Beto diminuiu um pouco a corrida e caiu, exausto.

Tentou levantar-se e caiu de novo.

Estava em frente a uma construção iluminada. Levantou a cabeça, tonto, arfando, o corpo doendo, ardendo, o coração sofrendo, chorando, a mente confusa, nublada, desesperada.

À frente das luzes que vinham de uma porta dupla de vidro, estava o gato. Atrás dele, Beto pensou distinguir alguns vultos, mas não teve tempo de assegurar-se de nada. O carro perseguidor freara guinchando a seu lado e já o corpo do Doutor debruçava-se sobre ele.

3ª PARTE:

Não pôde esboçar a menor resistência. As mesmas mãos envolveram-lhe novamente a garganta. O menino cerrou os olhos, apertado. Nada mais havia a fazer. Ele partiria também. Junto com vô Manduca. Quem sabe não reencontraria seu querido velhinho, talvez num lugar mais bonito, onde meninos não precisassem catar papelão no lixo, onde não houvesse sofrimento, onde não houvesse dor? Um lugar onde houvesse uma casa com tijolos e com telhas, onde ele poderia ter, finalmente, o seu gato de estimação?

Estranhamente, as mãos abriram-se e seu corpo sentiu-se novamente solto, caindo na calçada.

Surpreso, Beto abriu os olhos.

Dois ou três homens agarravam o Doutor e o puxavam fortemente para trás, afastando-o do garoto, envolvendo-lhe o pescoço, torcendo-lhe os braços atrás das costas.

Beto olhava a cena, tentando a custo compreender o que acontecia. Na porta dupla de vidro, atrás daqueles homens que não tinham dificuldade em dominar o assassino, havia alguma coisa escrita em grandes letras de forma.

Beto saíra da escola, mas saíra pelo menos sabendo ler.

Naquela porta estava escrito “DELEGACIA”!

Recuperou o fôlego aos poucos. Viu o Doutor ser arrastado á força para dentro do prédio iluminado.

“Vô Manduca...”, chorava a sua alma por dentro, “Vô Manduca”...

Alguma coisa roçou-lhe o braço, que se apoiava na calçada.

O gato. Era mais uma vez o gato, agora trazendo-lhe um agrado, depois de lhe ter salvado a vida.

Beto pegou-o no colo e apertou-o contra o peito.

– Vô Manduca! Você não me abandonou, vô Manduca!

Uma moça de uniforme policial abaixou-se ao seu lado. Passou ternamente o braço em volta do seu ombro.

– Venha menino. Venha comigo. Não precisa ter medo. Nós vamos cuidar de você. Primeiro um banho, depois uma sopa bem quentinha e, depois... cama! Venha. Você não está mais sozinho.

Beto sorriu. Levantou-se, sempre com o gato no colo, e encarou o rosto simpático da policial.

– Não, senhora. Eu nunca estive sozinho!

Ao terminar a leitura, inicie o estudo dos elementos essenciais dos textos do gênero conto. Todo o conteúdo foi transcrito no quadro negro. Professor, caso você tenha a possibilidade de passar em slides, também vai dar certo. Em outra hipótese, os alunos podem fazer a cópia no caderno.

ENTENDENDO O GÊNERO

CONTO:

É uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. O conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. É conciso.

QUAIS OS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM UM CONTO?

- | | |
|----------------|-------------|
| 1. Narrador | 5. Espaço |
| 2. Personagens | 6. Conflito |
| 3. Enredo | 7. Desfecho |
| 4. Tempo | |



1) Narrador (foco narrativo)

São classificados em:

- Narrador observador: conhecedor da ação, mas não participa da história.
- Narrador personagem: o narrador é um dos personagens.
- Narrador onisciente: conhece a história e todos os personagens envolvidos nela.

2) Personagens

Indivíduos que participam da narrativa, sendo classificados, dependendo do foco em: personagens principais ou personagens secundárias. Por ser uma narrativa curta, o conto poucos personagens.

3) Enredo

Trata-se da história propriamente dita, na qual os fatos são organizados e narrados. Mesmo em se tratando de fatos ficcionais (inventados), o discurso requer certa coerência, visando proporcionar no leitor uma impressão de que os fatos, situados em um dado contexto, realmente são possíveis de acontecer.

4) Tempo

Indica a ordem dos fatos na história. Podendo ser:

- Cronológico: Aquele que segue a ordem dos acontecimentos de forma linear, como: começo, meio e fim.
- Psicológico: Aquele em que há uma interrupção (quebra) na sequência lógica dos acontecimentos.

5) Espaço

Local onde as personagens circulam, onde as ações se realizam. Podem ser:

- Físico: É o lugar onde acontecem os fatos.
- Social: É o espaço relativo às condições socioeconômicas, morais e psicológicas que dizem respeito às personagens.



6) Conflito

Talvez seja a parte elementar de toda história, pois é ele que confere motivação ao leitor/ouvinte, instigando-o a se envolver cada vez mais com a história.

7) Desfecho

Depois de conferidos toda a tramitação da história, é chegado o momento de partir para a solução dos fatos apresentados. Lembrando que esse final poderá muitas vezes nos surpreender, revelando-se como trágico, cômico, triste, alegre.

Após a explicação teórica e com o intuito de auxiliar a compreensão dos alunos em relação aos elementos essenciais do conto, elaboramos algumas atividades que podem ser feitas tanto oral quanto escrita (fique a vontade em acrescentar outras atividades). Optamos em responder as atividades no caderno, se preferir, faça oralmente.

ATIVIDADES SOBRE O CONTO “EU NUNCA VOU TE DEIXAR”

- 1) O que o conto aborda?
- 2) O que o título nos sugere?
- 3) Onde ocorrem os fatos narrados?
- 4) Quando ocorrem os fatos?
- 5) Quem é Beto? Descreva esse personagem a partir de informações do texto.
- 6) Quem são os demais personagens da narrativa?
- 7) Como os personagens reagem ao drama de Beto?
- 8) Quando tem início o conflito da história?
- 9) Que tipo de narrador temos nesse conto?
- 10) Qual a importância de Vô Manduca na vida de Beto?
- 11) Como a história é concluída?
- 12) Qual a relação da figura do gato com o avô do menino?



Enquanto corrigir as atividades, entrelace a teoria com as respostas dos alunos. Assim, os alunos prestam atenção, conseguem responder todas as questões e memorizam os elementos

essenciais do conto. Utilizamos de três horários de cinquenta minutos para passar a teoria no quadro, fazer a explicação e corrigir as atividades.

3ª ETAPA

Para intensificar o estudo do conto, professor, trabalhe com a música com o mesmo tema trabalhado no conto “Eu nunca vou te deixar”. A música escolhida foi “Menino de rua”, de Pepe Moreno. Leve uma caixinha de som para a sala, entregue uma cópia com a letra da música para cada aluno e deixe-os ouvirem por duas vezes (o plano era tocar só uma vez, contudo, eles pediram muito para que repetíssemos), fica a critério do professor decidir quantas vezes os deixarão ouvi-la.

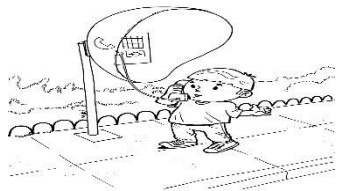
Após ouvirem a música, faça um debate pontuando as semelhanças entre as duas histórias.

Usamos de dois horários de cinquenta minutos, pois após discutirmos a história narrada na música, optamos em elaborar umas atividades para reflexão acerca da letra. Passamos a atividade no quadro negro e pedimos para que os alunos copiassem no caderno.

Você professor, pode optar em digitar as atividades e entregar uma cópia para cada aluno.

Dê um tempo para os alunos responderem as atividades. Finalizando esse tempo, faça a correção, tomando o cuidado de sempre recorrer ao conto, apontando semelhanças e diferenças existentes entre os dois textos.

Professor, você pode utilizar seu método de correção, aquele que julgar mais conveniente.



LETRA DA MÚSICA
MENINO DE RUA (PEPE MORENO)

Tô ligando pra você
de um orelhão aqui da rua
Pra pedir para o senhor que me tire
da rua
Você tem muito valor
Pepe Moreno, por favor,
Conto com ajuda sua.

Cê tá me ouvindo Pepe Moreno?
Num desliga não.

Não, canta vai tá legal vai.

Foi no centro de São Paulo
Me perdi do meu irmão
Eu só tenho nove anos
Quero encontrar minha mãe
Perdi tudo que eu tinha
Sou catador de latinha
Ferro velho e papelão.

Pepe Moreno, cê tá gostando?
Você vai me ajudar
Pode cantar, eu tô gostando vai!

Quando eu ando pelas ruas os carros
me jogam lama
Bate em minha carrocinha todo
mundo só reclama
Ninguém que ser meu amigo vivo
correndo perigo
Sinto que ninguém me ama.

Garotinho lindo oh, eu tô gravando
tá?
Me dá uma força, me tira da rua
Pepe Moreno
Canta pra mim vai, eu tô ouvindo
canta!

Minha vida é desse jeito não escondo
de ninguém
A tristeza no meu peito machuca e
fere também
Meus olhos choram fumaça, durmo
no banco da praça.
Enquanto o guarda não vem.

Tenho fé na mãe de Deus
Toda noite eu peço a ela
Pra mudar o meu destino
Me dar outra vida bela.

Pra mim volta a sorrir
Me leve embora daqui
Em nome do filho dela.

Tenha fé em DEUS que você vai
encontrar
A sua mãe e seu pai tô rezando por
você
Vou lhe ajudar!

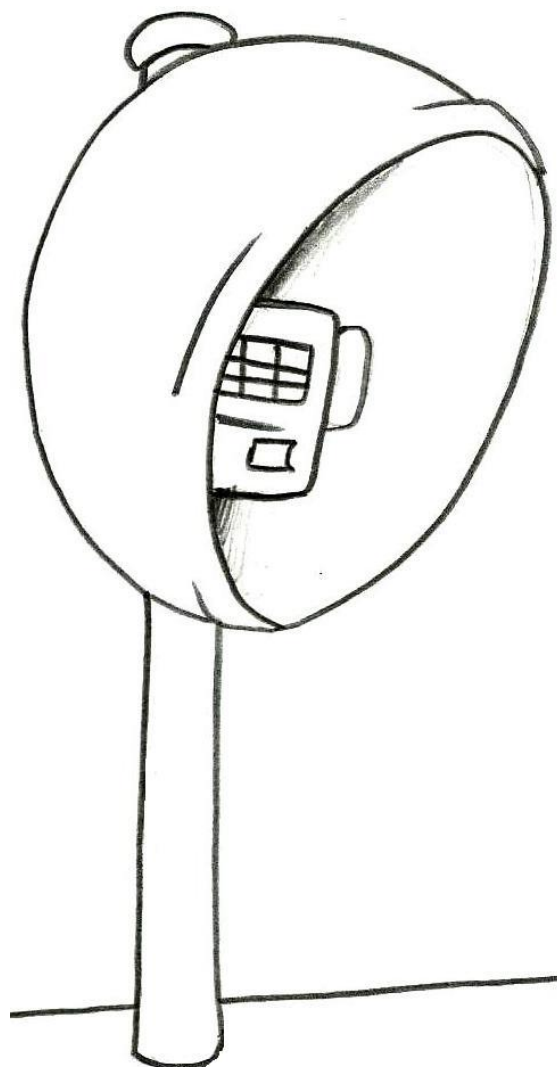
Você vai me ajudar?

Venha logo me buscar me faça esse
favor
Sou um garoto de rua sei que não
tenho valor
Se você me ajudar eu prometo
estudar
E um dia ser doutor
Se você me ajudar eu prometo
estudar
E um dia ser doutor

Vou te ajudar olha
Como é teu nome?
Alô, alô menino, menino?

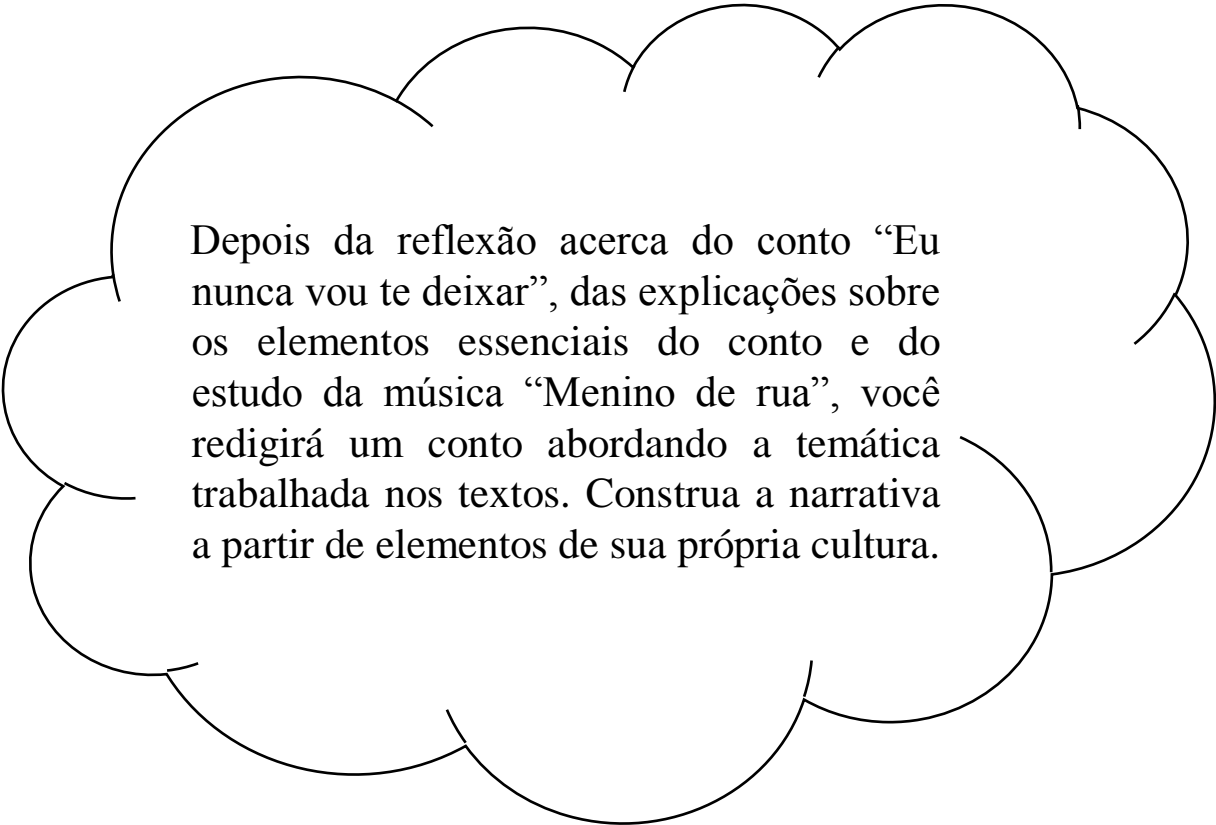
ATIVIDADES PARA REFLEXÃO DA MÚSICA

- 1) Na música, há presença de história?
- 2) Há presença de personagens?
- 3) Em que local se passa a história?
- 4) Qual o conflito da história?
- 5) Em que consiste a história?
- 6) Como a história é concluída?



4ª ETAPA

Após essa série de atividades acionando conhecimentos prévios dos alunos, lance a seguinte proposta textual:



Depois da reflexão acerca do conto “Eu nunca vou te deixar”, das explicações sobre os elementos essenciais do conto e do estudo da música “Menino de rua”, você redigirá um conto abordando a temática trabalhada nos textos. Construa a narrativa a partir de elementos de sua própria cultura.

Professor, durante o registro do texto, a sala precisa ser um ambiente favorável à sua escrita. Para que isso aconteça, converse com os alunos e mostre a eles o quão importante é a sala manter-se em silêncio nesse momento. Cada um fará uma breve reflexão de tudo o que foi estudado até aqui e baseando-se em seus conhecimentos, escreverão seus textos. Escolhemos um dia de aula com dois horários seguidos de cinquenta minutos cada um, para que nossos alunos tivessem tempo para escrever sem preocupações e sem correria. Sugerimos que faça o mesmo.

5ª ETAPA

Com o propósito de fazer um mural em sala, com bilhetes motivadores para o personagem principal do conto “Eu nunca vou te deixar” (Beto), apresente aos alunos o gênero textual bilhete.

Optamos em fazer slides com a teoria e mostramos aos alunos vários exemplos desse gênero textual. Portanto professor decida qual a melhor maneira de trabalhar com sua turma, se prefere passar no quadro e pedir aos alunos para copiarem, ou fazer uma explicação oral com exposição de exemplos (como fizemos), ou pedir a um grupo de alunos que pesquisem e faça uma apresentação (com sua ajuda no momento da explicação). Sabemos que cada professor enfrenta um turbilhão de dificuldades em sala de aula, por isso, cada um possui um método diferente de apresentar sua aula. Fique a vontade para adequar as atividades às suas aulas.

Professor observe que selecionamos vários exemplos, de contextos diferentes, para mostrarmos aos alunos. Um dos exemplos citados fez muito sucesso em uma determinada rede social, o qual uma criança escreveu para sua mãe dizendo ser sua professora. Comente com seus alunos como o bilhete está presente em diversos contextos, e sendo usado por pessoas de todas as idades.

A teoria exposta abaixo foi mostrada em slides, e os exemplos, comentados individualmente.

Logo após a explanação, entregue papéis para os alunos e peça para que façam um bilhete para Beto.

Crie um mural dentro da sala de aula, com um boneco feito em EVA, por exemplo, (simulando ser Beto) e cole todos os bilhetes criados pelos alunos ao redor do personagem.

Para a criação do mural e dos bilhetes e explanação da parte teórica, gastamos três horários de cinquenta minutos.

ENTENDENDO O GÊNERO

BILHETE:

É um tipo de **texto cotidiano** muito frequente, empregado em contextos informais e escrito entre pessoas que possuam um grau de afetividade. Em resumo, são textos comunicativos que contém **mensagens simples** os quais são escritos em pequenos papéis e enviados para amiga de escola, irmão, mãe, dentre outros.

Ainda que sua principal função seja informar alguém sobre algo, os usos dos bilhetes são muito amplos e pode ser escritos para fazer um convite, relatar um fato, solicitar ou avisar algo, dentre outros.

Por ser um texto que apresenta um grau de intimidade entre o emissor (quem escreve) e o receptor (quem recebe), os bilhetes admitem abreviações, apelidos, repetições, gírias, vícios de linguagem.

CARACTERÍSTICAS DO BILHETE:

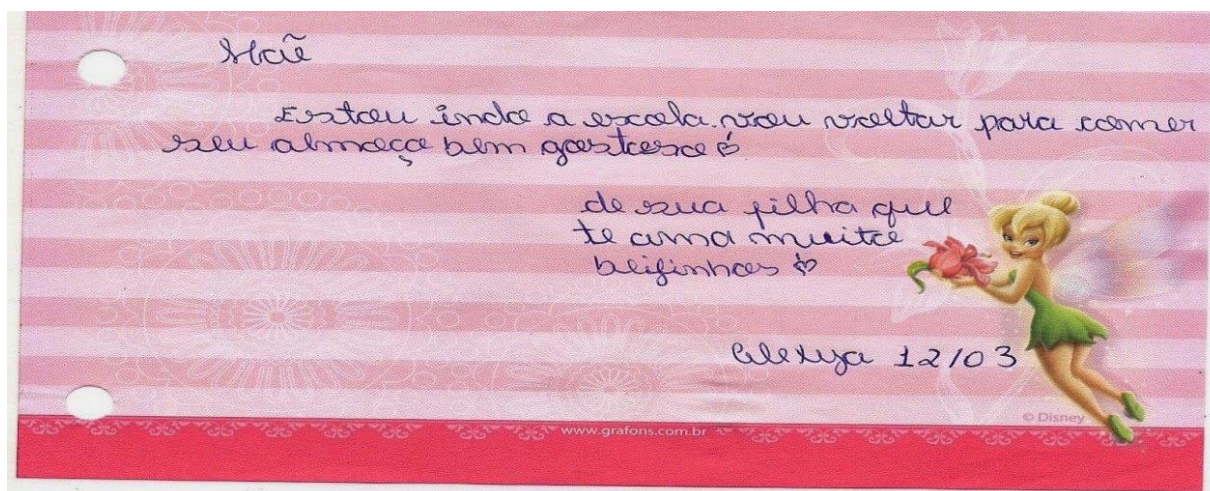
- Textos breves;
- Escritos em 1ª pessoa;
- Linguagem coloquial;
- Marcas de oralidade;
- Estrutura livre;
- Caráter informativo;

ELEMENTOS DO BILHETE:

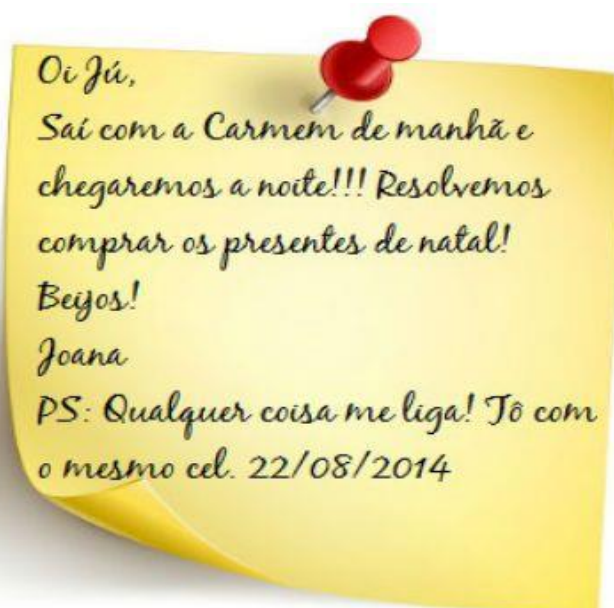
- Destinatário: pessoa a quem se destina o bilhete.
- Corpo do texto: mensagem curta que será transmitida. Inclui, portanto, o assunto.
- Despedida: na linguagem informal pode ser: beijos, abraços, se cuida, dentre outros.
- Data: dia em que o bilhete foi escrito.



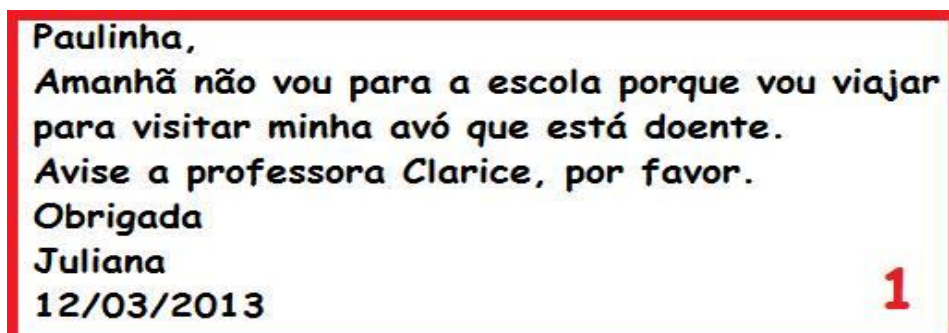
EXEMPLOS DE BILHETES:



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

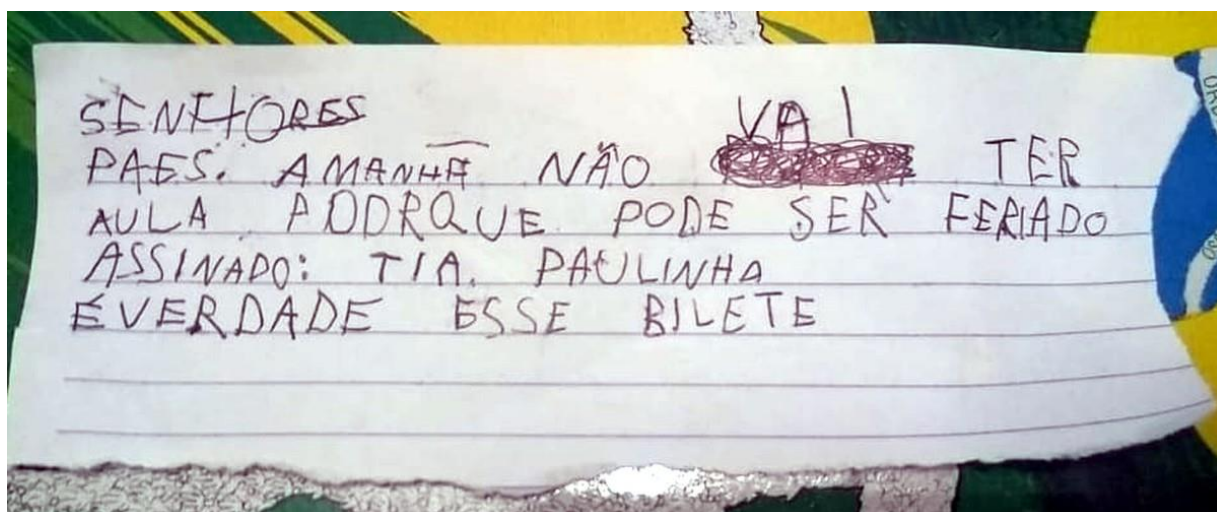


(Fonte: <https://www.google.com.br>)

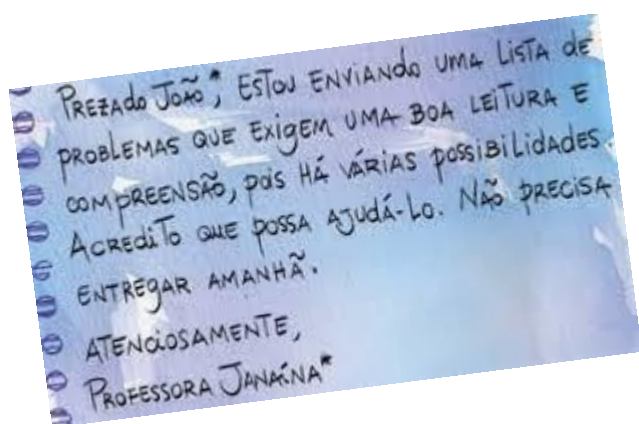


1

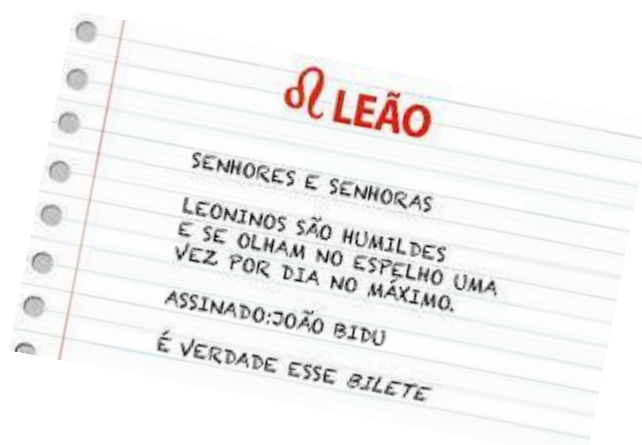
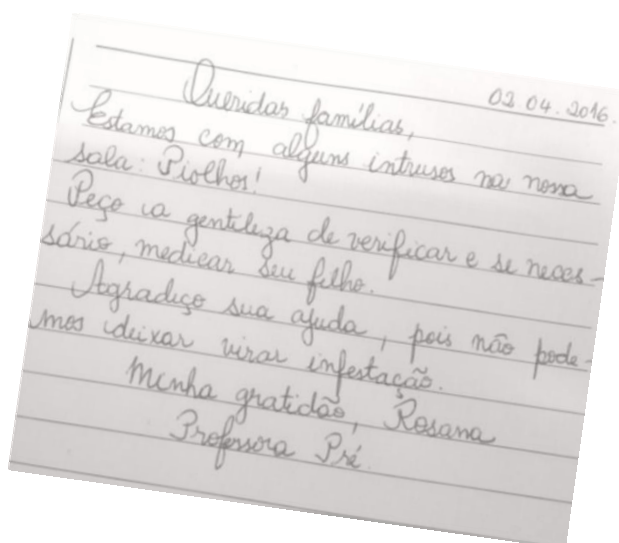
(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

6ª ETAPA

Para concluir as atividades, escolha um texto de um dos alunos da sala, e o digite, seguindo fielmente à escrita do aluno. Optamos por digitar porque não queríamos que os alunos soubessem de quem era o texto, pra evitar toda aquela euforia dentro de sala. O texto ficou assim:

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto. Catador de latinhas que morava em uma carrocinha embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô queria que ele parasse de catar latinhas para ele fazer o que mais gostava que é cantar.

Mas como o avô do menino já estava velho, não conseguia carregar a carrocinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar o avô.

Na manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma praça cantar, um cara ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um cara roubou todo o dinheiro dele, mais por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que inscreveram o garoto no programa da farra, e ele foi sortiado, ganhou muitos prêmios, gravou seu CD e hoje ele é um cantor famoso.

Com seu texto escolhido em mão, entregue uma cópia do conto para cada aluno. Na reescrita, proponha que reescrevam, acrescentando trechos que na opinião deles possa melhorar o conto. Peça para que analisem a narrativa a partir dos elementos essenciais do conto. Oralmente, faça uma revisão desses elementos, instigue-os a encontrá-los no conto do colega que foi entregue a eles.

Usamos de três horários de cinquenta minutos para esse momento: entrega dos textos, reflexão das características do conto e elaboração da reescrita.

Professor, colocamos em prática uma das várias ideias que tivemos relacionado à reescrita. Você pode propor que os alunos se imaginem como um dos personagens citados na obra. Peça para eles escolherem qual deles gostariam de ser e escrevam como seria o dia deles vivendo no lugar de um dos personagens. Após a escrita, eles podem compartilhar seus textos com a turma.

Nessas reescritas, os alunos podem fazer suas próprias correções. Você pode dividir a turma em duplas, de forma que um que tenha mais facilidade possa ajudar o outro que não tem. É interessante incentivá-los a corrigirem sozinhos, pois assim o aluno estará refletindo sobre o desvio cometido na 1ª escrita. Caso você ainda deseje fazer outra correção, poderá usar a análise linguística, proposta por Geraldí, ou a proposta de escrita de bilhetes aos alunos, sugerida por Eliana Donaio Ruiz.

7ª ETAPA

O segundo conto a ser trabalhado é “Um problema difícil”.

Para levantar previsões acerca do tema a ser trabalhado no conto, utilize de imagens, e como elemento motivador, faça perguntas que aguce a curiosidade dos alunos.

As imagens devem ser expostas, seja impressas ou através de slides.

Apresente aos alunos uma por vez, para cada imagem, faça uma pergunta:

IMAGENS E PERGUNTAS QUE FORAM EXPOSTAS EM SALA



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

1) Sobre o que falaremos nesse conto? O que esse ponto de interrogação na imagem nos sugere?



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

2) Nosso conto fará referência a esse lugar. O que é? O que fazemos ali?



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

3) Quem utiliza esses objetos? Para que servem?



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

4) Conhecem de política? O que esse da imagem faz?



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

5) Quem trabalha aqui?

DEPUTADOS ESTADUAIS

(Fonte: <https://www.google.com.br>)

6) Vocês conhecem os deputados?

DEPUTADOS FEDERAIS

(Fonte: <https://www.google.com.br>)

7) O que eles fazem?

GOVERNADOR



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

8) A quem o governador recorre, quando ele precisa resolver um problema?



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

9) Que lugar é esse? Em que estado ele fica situado? Alguém trabalha lá? Quem?



(Fonte: <https://www.google.com.br>)

10) Quem é esse? O que ele faz no país?

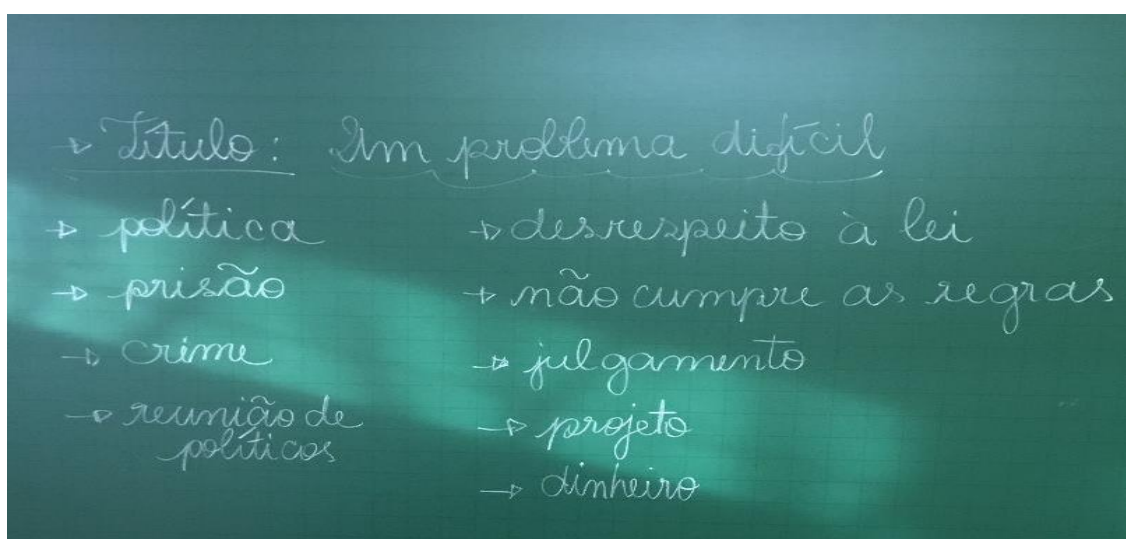


(Fonte: <https://www.google.com.br>)

11) Depois de decretado, algo pode ser mudado?

Os alunos vão participar bastante, por isso professor esteja preparado para ouvi-los.

Depois de ouvir os comentários acerca das imagens, escreva o título do conto no quadro. Peça a eles que digam qual a associação que eles fazem das imagens com o título que eles estão vendo escrito. Abaixo do título, escreva a ideia que eles estão sugerindo. Na nossa sala ficou assim:



Para a análise das imagens e a discussão do título gastamos dois horários de cinquenta minutos. Fizemos questão de aplicar atividade em um dia que tivemos dois horários seguidos.

Posteriormente, entregue o texto aos alunos e diga a todos que após a leitura vocês comprovarão se as hipóteses sugeridas por eles de fato se confirmam.

TEXTO: UM PROBLEMA DIFÍCIL – PEDRO BANDEIRA

Era um problema dos grandes. A turminha reuniu-se para discuti-lo e Xexéu voltou para casa preocupado. Por mais que pensasse, não atinava com uma solução. Afinal, o que poderia ele fazer para resolver aquilo? Era apenas um menino!

Xexéu decidiu falar com o pai e explicar direitinho o que estava acontecendo. O pai ouviu calado, muito sério, compreendendo a gravidade da questão. Depois que o garoto saiu da sala, o pai pensou um longo tempo. Era mesmo preciso enfrentar o problema. Não estava em suas mãos, porém, resolver um caso tão difícil.

Procurou o guarda do quarteirão, um sujeito muito amigo que já era conhecido de todos e costumava sempre dar uma paradinha para aceitar um cafezinho oferecido por algum dos moradores.

O guarda ouviu com a maior das atenções. Correu depois para a delegacia e expôs ao delegado tudo o que estava acontecendo.

O delegado balançou a cabeça, concordando. Sim, alguma coisa precisava ser feita, e logo! Na mesma hora, o delegado passou a mão no telefone e ligou para um vereador, que costumava sensibilizar-se com os problemas da comunidade.

Do outro lado da linha, o vereador ouviu sem interromper um só instante. Foi para a prefeitura e pediu uma audiência ao prefeito. Contou tudo, tintim por tintim. O prefeito ouviu todos os tintins e foi procurar um deputado estadual do mesmo partido para contar o que havia.

O deputado estadual não era desses políticos que só se lembram dos problemas da comunidade na hora de pedir votos. Ligou para um deputado federal, pedindo uma providência urgente. O deputado federal ligou para o governador do estado, que interrompeu uma conferência para ouvi-lo.

O problema era mesmo grave, e o governador voou até Brasília para pedir uma audiência ao ministro.

O ministro ouviu tudinho e, como já tinha reunião marcada com o presidente, aproveitou e relatou-lhe o problema.

O presidente compreendeu a gravidade da situação e convocou uma reunião ministerial. O assunto foi debatido e, depois de ouvir todos os argumentos, o presidente baixou um decreto para resolver a questão de uma vez por todas.

Aliviado, o ministro procurou o governador e contou-lhe a solução. O governador então ligou para o deputado federal, que ficou muito satisfeito. Falou com o deputado estadual, que, na mesma hora, contou tudo para o prefeito. O prefeito mandou chamar o vereador e mostrou-lhe que a solução já tinha sido encontrada.

O vereador foi até a delegacia e disse a providência ao delegado. O delegado, contente com aquilo, chamou o guarda e expôs a solução do problema. O guarda, na mesma hora, voltou para a casa do pai do Xexéu e, depois de aceitar um café, relatou-lhe satisfeito que o problema estava resolvido.

O pai do Xexéu ficou alegríssimo e chamou o filho.

Depois de ouvir tudo, o menino arregalou os olhos:

– Aquele problema? Ora, papai, a gente já resolveu há muito tempo!

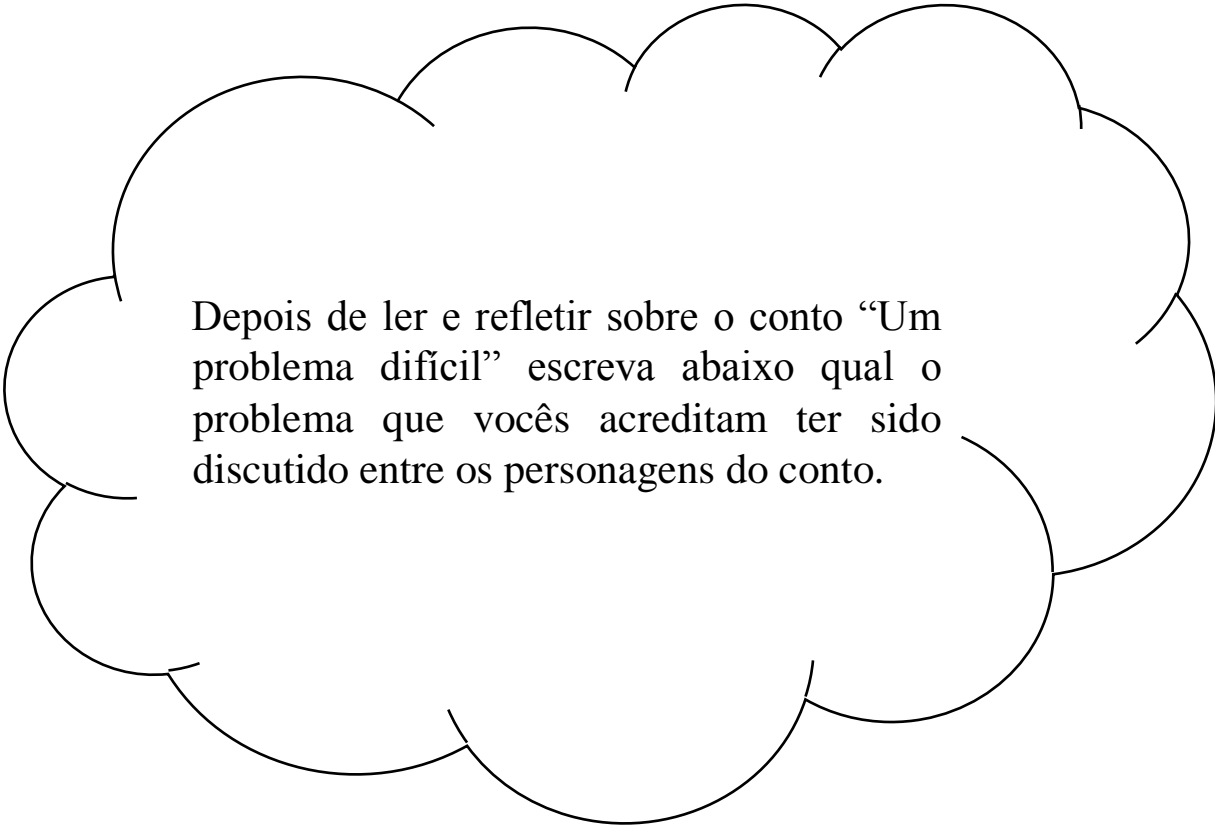
Converse com os alunos e pergunte a eles se aconteceu o que esperavam.

- A história foi interessante?
- Vocês ficaram curiosos?
- O que acreditam ser o problema do qual eles falavam?
- O título realmente nos sugere algo que acontece no texto?

Professor lembre-se, atividades orais geram tumulto. Nesse conto, optamos em trabalhar assim, se preferir, peça aos alunos para responderem no caderno. Você pode fazer a correção das questões fora da sala de aula.

Após a leitura, faça a recapitulação dos elementos essenciais do gênero conto (narrador, personagens, enredo, tempo, espaço, conflito, desfecho) oralmente. À medida que os alunos forem respondendo, escreva no quadro e no fim das perguntas, peça a eles que escrevam as respostas no caderno.

Para concluir a atividade, lance a proposta textual e deixe que a criatividade deles aflore.



Depois de ler e refletir sobre o conto “Um problema difícil” escreva abaixo qual o problema que vocês acreditam ter sido discutido entre os personagens do conto.

Esperamos que seu trabalho tenha sido produtivo e que nossas ideias tenham contribuído para isso.

APÊNDICE B – MODELO DE SOLICITAÇÃO: AUTORIZAÇÃO PARA MENORES

**MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO - TCLE PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E/OU
ADOLESCENTES COMO PARTICIPANTES DE PESQUISA**

Título do Projeto: **Estratégias de Leitura aplicadas a alunos do 6º ano do Ensino
Fundamental II**

TERMO DE ESCLARECIMENTO

A(O) criança (*ou adolescente*) sob sua responsabilidade está sendo convidada(o) a participar do estudo **Estratégias de Leitura aplicadas a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II** por ser aluno da Educação Básica em escola pública. Os avanços na área do **Ensino de Língua Portuguesa** ocorrem através de estudos como este, por isso a participação da criança (*ou do adolescente*) é importante. O objetivo deste estudo é enriquecer a competência textual dos alunos e professores de Língua Portuguesa da escola básica e, para isso, será produzido um material destinado a esse público. Caso a criança (*ou o adolescente*) participe, será necessário que ele (o aluno) desenvolva atividades de leitura e de escrita propostas pela professora pesquisadora, que serão por ela recolhidas. Essas atividades serão realizadas na escola durante as aulas e ao longo do primeiro e segundo semestres de 2018. Nessa pesquisa, não serão realizadas gravações nem de áudio nem de vídeo. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida da criança (*ou do adolescente*). Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir para melhorar o ensino de língua portuguesa em nossa região e formar estudantes que escrevam e leiam de forma exitosa. Como risco, temos consciência de que a técnica utilizada – coleta de textos/atividades e posterior análise –, às vezes, pode ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que sua escrita será analisada. Por isso, solicitamos a permissão do responsável legal (respeitando-se o previsto na Resolução 466/12 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa não terão seus nomes divulgados.

Você e a criança (*ou o adolescente*) sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; a criança (*ou o adolescente*) poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento pode ser retirado a qualquer momento. Pela participação da criança (*ou do adolescente*) no estudo, você nem a criança (*ou o adolescente*) receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome da criança (*ou do adolescente*), como já mencionado, não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ela (*ou ele*) será identificada (o) por um número ou por uma letra ou outro código.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **Estratégias de Leitura aplicadas a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II**

Eu, _____ li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a qual procedimento serei submetida(o). As explicações que recebi, a saber, que não serão divulgados os nomes dos participantes e que não serão atribuídas notas às atividades recolhidas esclarecem os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com minha participação voluntária no estudo *Estratégias de Leitura aplicadas a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II*, por isso assino este Termo de Consentimento. Após assinatura, receberei uma via (não fotocópia) deste documento.

__Patrocínio,.....//.....

Assinatura do participante voluntário: _____

Documento de Identidade: _____

Assinatura do pesquisador orientador: _____

Telefones de contato:

Pesquisador: Maria Eunice Barbosa Vidal

Telefone: (34) 99300.1033

E-mail: mariaeunice_vidal@yahoo.com.br

Pesquisador aluno: Kamilla Rodrigues da Costa

Telefone: (34) 98808.1462

E-mail: kamillaprofessora@yahoo.com.br

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3700-6776.

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Avenida Frei Paulino, 30 - Abadia 38025-180 – Uberaba(MG) - (034) 3318-5010 - iftm@uftm.edu.br

Uberaba, _____ de _____ de 20_____.

À Direção da Escola _____

Assunto: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Solicito autorização da direção desta escola para que _____,

mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), colete dados, nesta unidade escolar, para sua pesquisa de mestrado, desenvolvida sob minha orientação. Ressalto que o nome da escola e de todos os participantes da pesquisa não serão divulgados, pois serão tratados por letra ou números.

Caso a autorização seja deferida, solicito, respeitosamente, que, neste documento, seja assinalado o resultado (abaixo) e conste o carimbo e a assinatura do responsável pela unidade escolar. Conto com o apoio da direção da escola e coloco-me a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Ass. Orientador: _____

Resultado:

() deferido

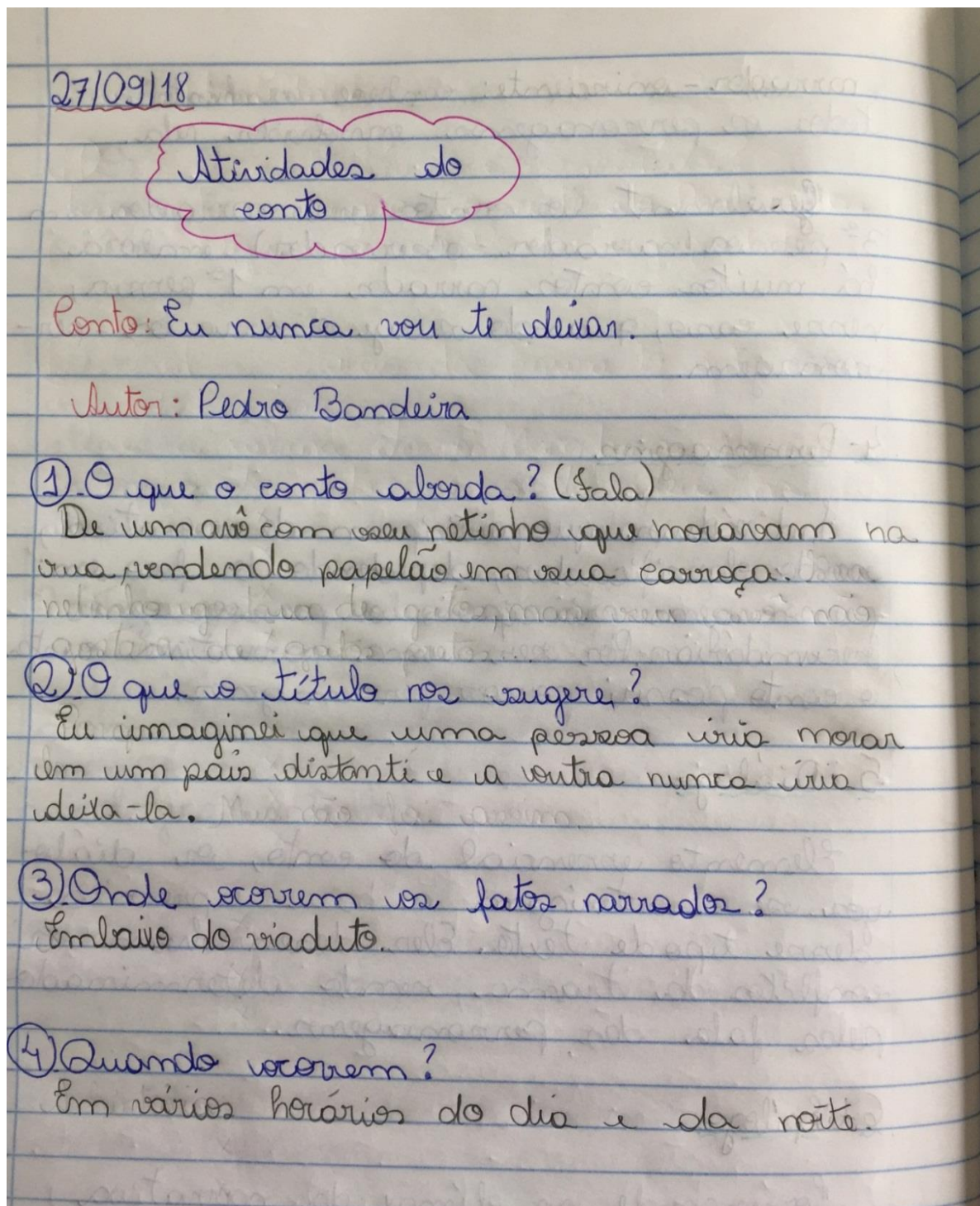
() indeferido

Assinatura e carimbo do responsável pela unidade escolar:

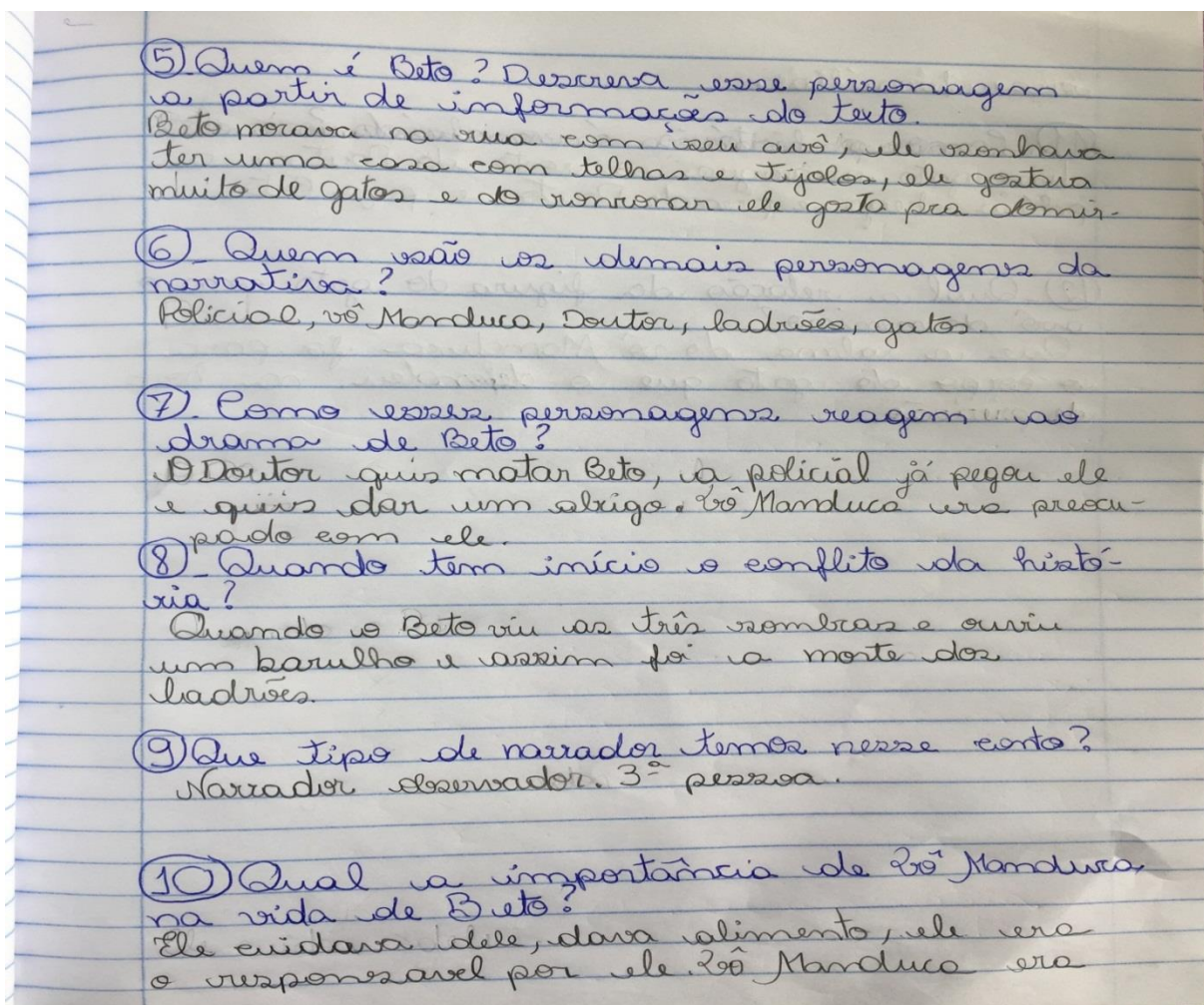
Data da autorização: / /

ANEXO B – PRODUÇÕES DOS ALUNOS
ATIVIDADES DO CONTO EU NUNCA VOU TE DEIXAR

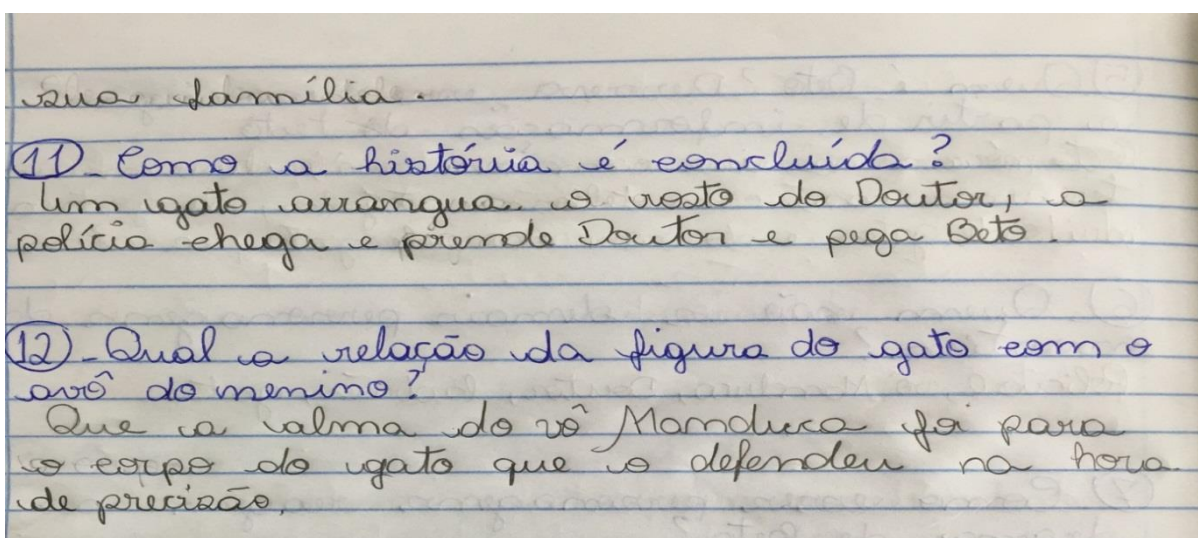
Exemplo 34 de respostas de atividades sobre o conto “Eu nunca vou te deixar”



Exemplo 34.1 de respostas de atividades sobre o conto "Eu nunca vou te deixar"



Exemplo 34.2 de respostas de atividades sobre o conto "Eu nunca vou te deixar"



Exemplo 35 de respostas de atividades sobre o conto "Eu nunca vou te deixar"

Atividades do conto

Conto: Eu nunca vou te deixar
 Autor: Pedro bandeira

1. O que o conto aborda?
 Há história de Beto um menino de rua que vive com seu avô e de vez em quando um pato.

2. O que o título nos sugere?
 que uma pessoa sugere que nunca vai abandonar outra pessoa.

3. Onde ocorrem os fatos narrados?
 Em baixo de um viaduto.

4. Quando ocorrem?
 No dia e a noite

5. Quem é Beto? Descreva esse personagem a partir das informações do texto.

MAXIMA

Exemplo 35.1 de respostas de atividades sobre o conto "Eu nunca vou te deixar"

Beto é um menino de rua.

6 - Quem são as demais personagens da narrativa?
Beto, Vô Manduca, o pato, as três sobrinhas, o doutor, os três policiais e a polícia.

7 - Como essas personagens reagem ao drama de Beto?
Com a polícia ele reage com considerável "doutor" e desprezo.

8 - Quando tem início o conflito da história?
Quando o Doutor aparece.

9 - Que tipo de narrador temos nesse conto?
Narrador-observador.

10 - Qual a importância de vô Manduca na vida de Beto?
Para Beto vô Manduca é seu pai, melhor amigo e companheiro.

11 - Como a história é concluída?
Com Beto sendo salvo do doutor.

12 - Qual a relação da figura do pato com o avô de menino?
Seus sonhos são ligados.

MÁXIMA

ATIVIDADES DA MÚSICA MENINO DE RUA

Exemplo 36 de resposta de atividade sobre a música "Menino de rua"

LETRA DA MÚSICA: Menino de rua
(Pepe Moreno)

Tô ligando pra você de um orelhão aqui da rua
Pra pedir para o senhor que me tire da rua
Você tem muito valor Pepe Moreno, por favor
Conto com ajuda sua

Cê tá me ouvindo, Pepe Moreno?
Num desliga não!

Não, canta, vai, tá legal, vai!

Foi no centro de São Paulo
Me perdi do meu irmão
Eu só tenho 9 anos
Quero encontrar minha mãe
Perdi tudo que eu tinha
Sou catador de latinha
Ferro velho e papelão

Pepe Moreno, cê tá gostando?
Você vai me ajudar?
Pode cantar, eu tô gostando vai!

Quando eu ando pelas ruas os carros me jogam lama
Bate em minha carrocinha todo mundo só reclama
Ninguém que ser meu amigo vivo correndo perigo
Sinto que ninguém me ama

Garotinho lindo oh, eu tô gravando ta?
Me da uma força, me tira da rua Pepe Moreno
Canta pra mim, vai, eu tô ouvindo, canta!

Minha vida é desse jeito não escondo de ninguém
A tristeza no meu peito machuca e fere também
Meus olhos choram fumaça duro no banco da praça
Enquanto o guarda não vem

Oh Pepe Moreno! Me ajuda!
E rapaz, num chora não, moço
Oh a sua musica é muito bonita, viu?

Tenho fé na mãe de DEUS
Toda noite eu peço a ela
Pra mudar o meu destino
Me dar outra vida bela.

A de volta a sorrir
Me leve embora daqui
Em nome do filho dela

Tenha fé em DEUS que você vai encontrar
A sua mãe e seu pai tô rezando por você
Vou lhe ajudar

Você vai me ajudar?

Venha logo me buscar me faça esse favor
Sou um garoto de rua sei que não tenho valor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor

Vou te ajudar olha
Como é teu nome?
Alô, alô menino, menino?

Para reflexão...

Musica: menino de rua

1. Na musica, há presença de uma história?
canta a história de um menino de rua.
2. Há presença de personagens?
Sim. O menino de rua e o pepe moreno.
3. Em que local se passa a história?
Na rua.
4. Qual o conflito da história?
o menino querendo que sua família e sua mãe o procurem.
5. Em que consiste a história?
Um menino de rua que tem musica para ajudar os outros.
6. Como a história é concluída?
A ligação e o indo do pepe perguntando o nome do menino.

Exemplo 37 de resposta de atividade sobre a música "Menino de rua"

Para reflexão...

música: Memino de rua

- ① Há música, há presença de uma história?
Sim. De um menino de rua que precisa de ajuda.
- ② Há presença de personagens?
Sim. Um menino que morava na rua e um famoso.
- ③ Em que local se passa a história?
O menino estava em um ônibus na rua e Pepe Moreno estava no estúdio.
- ④ Qual o conflito da história?
Quando ele se perdeu do pai em São Paulo.
- ⑤ Em que consiste a história?
De um menino morador de rua que ligou pedindo ajuda, contando uma música falando basicamente de sua história. Ligou para um famoso lhe ajudar.
- ⑥ Como a história é concluída?
A ligação cai e o famoso não consegue lhe ajudar.

Exemplo 38 de resposta de atividade sobre a música "Menino de rua"

LETRA DA MÚSICA: Menino de rua
(Pepe Moreno)

Tô ligando pra você de um orelhão aqui da rua
Pra pedir para o senhor que me tire da rua
Você tem muito valor Pepe Moreno, por favor
Conto com ajuda sua

Cê tá me ouvindo, Pepe Moreno?
Num desliga não!

Não, canta, vai, tá legal, vai!

Foi no centro de São Paulo
Me perdi do meu irmão
Eu só tenho 9 anos
Quero encontrar minha mãe
Perdi tudo que eu tinha
Sou catador de latinha
Ferro velho e papelão

Pepe Moreno, cê tá gostando?
Você vai me ajudar?
Pode cantar, eu tô gostando vai!

Quando eu ando pelas ruas os carros me jogam lama
Bate em minha carrocinha todo mundo só reclama
Ninguém que ser meu amigo vivo correndo perigo
Sinto que ninguém me ama

Garotinho lindo oh, eu tô gravando ta?
Me dá uma força, me tira da rua Pepe Moreno
Canta pra mim, vai, eu tô ouvindo, canta!

Minha vida é desse jeito não escondo de ninguém
A tristeza no meu peito machuca e fere também
Meus olhos choram fumaça durmo no banco da praça
Enquanto o guarda não vem

Oh Pepe Moreno! Me ajuda!
E rapaz, num chora não, moço
Oh a sua música é muito bonita, viu?

Tenho fé na mãe de DEUS
Toda noite eu peço a ela
Pra mudar o meu destino
Me dar outra vida bela.

A de volta a sorrir
Me leve embora daqui
Em nome do filho dela

Tenha fé em DEUS que você vai encontrar
A sua mãe e seu pai tô rezando por você
Vou lhe ajudar

Você vai me ajudar?

Venha logo me buscar me faça esse favor
Sou um garoto de rua sei que não tenho valor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor

Vou te ajudar olha

Para reflexão:
Música: Menino de rua

1- Na música, há presença de uma história?

Sim, conta que um menino morava na rua e era maltratado pela vida.

2- Há presença de personagens?

O menino de rua e o cantor Pepe Moreno

3- Em que local se passa a história?

O menino estava em um orelhão na rua e Pepe Moreno estava no estúdio

4- Qual o conflito da história?

O conflito se inicia a partir do momento em que o menino se perde do irmão.

5- Em que consiste a história?

O menino de rua se perde do seu irmão; depois isso ele vive com sua carrocinha, catando latinhas. Depois ele liga para Pepe e começa pedir ajuda em uma canção.

6- Como a história é concluída?

A história tem o fim da chamada "Substância de" que a ligação caiu e Pepe Moreno não conseguiu falar novamente com o menino.

Exemplo 39 de resposta de atividade sobre a música "Menino de rua"

LETRA DA MÚSICA: Menino de rua (Pepe Moreno)

Tô ligando pra você de um orelhão aqui da rua
Pra pedir para o senhor que me tire da rua
Você tem muito valor Pepe Moreno, por favor
Conto com ajuda sua

Cê tá me ouvindo, Pepe Moreno?
Num desliga não!

Não, canta, vai, tá legal, vai!

Foi no centro de São Paulo
Me perdi do meu irmão
Eu só tenho 9 anos
Quero encontrar minha mãe
Perdi tudo que eu tinha
Sou catador de latinha
Ferro velho e papelão

Pepe Moreno, cê tá gostando?
Você vai me ajudar?
Pode cantar, eu tô gostando vai!

Quando eu ando pelas ruas os carros me jogam lama
Bate em minha carrocinha todo mundo só reclama
Ninguém que ser meu amigo vivo correndo perigo
Sinto que ninguém me ama

Garotinho lindo oh, eu tô gravando ta?
Me dá uma força, me tira da rua Pepe Moreno
Canta pra mim, vai, eu tô ouvindo, canta!

Minha vida é desse jeito não escondo de ninguém
A tristeza no meu peito machuca e fere também
Meus olhos choram fumaça durmo no banco da praça
Enquanto o guarda não vem

Oh Pepe Moreno! Me ajuda!
E rapaz, num chora não, moço
Oh a sua música é muito bonita, viu?

Tenho fé na mãe de DEUS
Toda noite eu peço a ela
Pra mudar o meu destino
Me dar outra vida bela.

A de volta a sorrir
Me leve embora daqui
Em nome do filho dela

Tenha fé em DEUS que você vai encontrar
A sua mãe e seu pai tô rezando por você
Vou lhe ajudar

Você vai me ajudar?

Venha logo me buscar me faça esse favor
Sou um garoto de rua sei que não tenho valor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor

Vou te ajudar olha
Como é teu nome?

1) Boa reflexão...
música: Menino de rua

1) Na música, há presença de uma história.
Sim, conta que um menino mora na rua e era maltratado pela vida.

2) Há presença de personagens?
Sim, o menino de rua e o Pepe Moreno.

3) Em que local se passa a história?
Em um orelhão na rua de São Paulo. É o Pepe Moreno em um estúdio.

4) Qual o conflito da história?

O conflito é quando o menino se perde de seu irmão no centro de São Paulo.

5) Em que consiste a história?

O menino de rua se perde de seu irmão, então a pos vai ele vive com sua carrocinha atando latinhas e papelão. Depois ele liga para Pepe e começa a pedir ajuda em uma câncão.

6) Como a história é conduzida?

Com o garoto pedindo ajuda, Pepe oferece sua ajuda e pergunta seu nome e assim que pergunto ligadas eu.

Exemplo 40 de resposta de atividade sobre a música "Menino de rua"

LETRA DA MÚSICA: Menino de rua
(Pepe Moreno)

Tô ligando pra você de um orelhão aqui da rua
Pra pedir para o senhor que me tire da rua
Você tem muito valor Pepe Moreno, por favor
Conto com ajuda sua

Cê tá me ouvindo, Pepe Moreno?
Num desliga não!

Não, canta, vai, tá legal, vai!

Foi no centro de São Paulo
Me perdi do meu irmão
Eu só tenho 9 anos
Quero encontrar minha mãe
Perdi tudo que eu tinha
Sou catador de latinha
Ferro velho e papelão

Pepe Moreno, cê tá gostando?
Você vai me ajudar?
Pode cantar, eu tô gostando vai!

Quando eu ando pelas ruas os carros me jogam lama
Bate em minha carrocinha todo mundo só reclama
Ninguém que ser meu amigo vivo correndo perigo
Sinto que ninguém me ama

Garotinho lindo oh, eu tô gravando ta?
Me da uma força, me tira da rua Pepe Moreno
Canta pra mim, vai, eu tô ouvindo, canta!

Minha vida é desse jeito não escondo de ninguém
A tristeza no meu peito machuca e fere também
Meus olhos choram fumaça durmo no banco da praça
Enquanto o guarda não vem

Oh Pepe Moreno! Me ajuda!
E rapaz, num chora não, moço
Oh a sua musica é muito bonita, viu?

Tenho fé na mãe de DEUS
Toda noite eu peço a ela
Pra mudar o meu destino
Me dar outra vida bela.

A de volta a sorrir
Me leve embora daqui
Em nome do filho dela

Tenha fé em DEUS que você vai encontrar
A sua mãe e seu pai tô rezando por você
Vou lhe ajudar

Você vai me ajudar?

Venha logo me buscar me faça esse favor
Sou um garoto de rua sei que não tenho valor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor
Se você me ajudar eu prometo estudar
E um dia ser doutor

Vou te ajudar olha
Como é teu nome?

02110198

Memória de rua:

1- Na música tem presença de uma história?

Sim, ^{com} um menino que ^{investigou} perdeu a sua família.

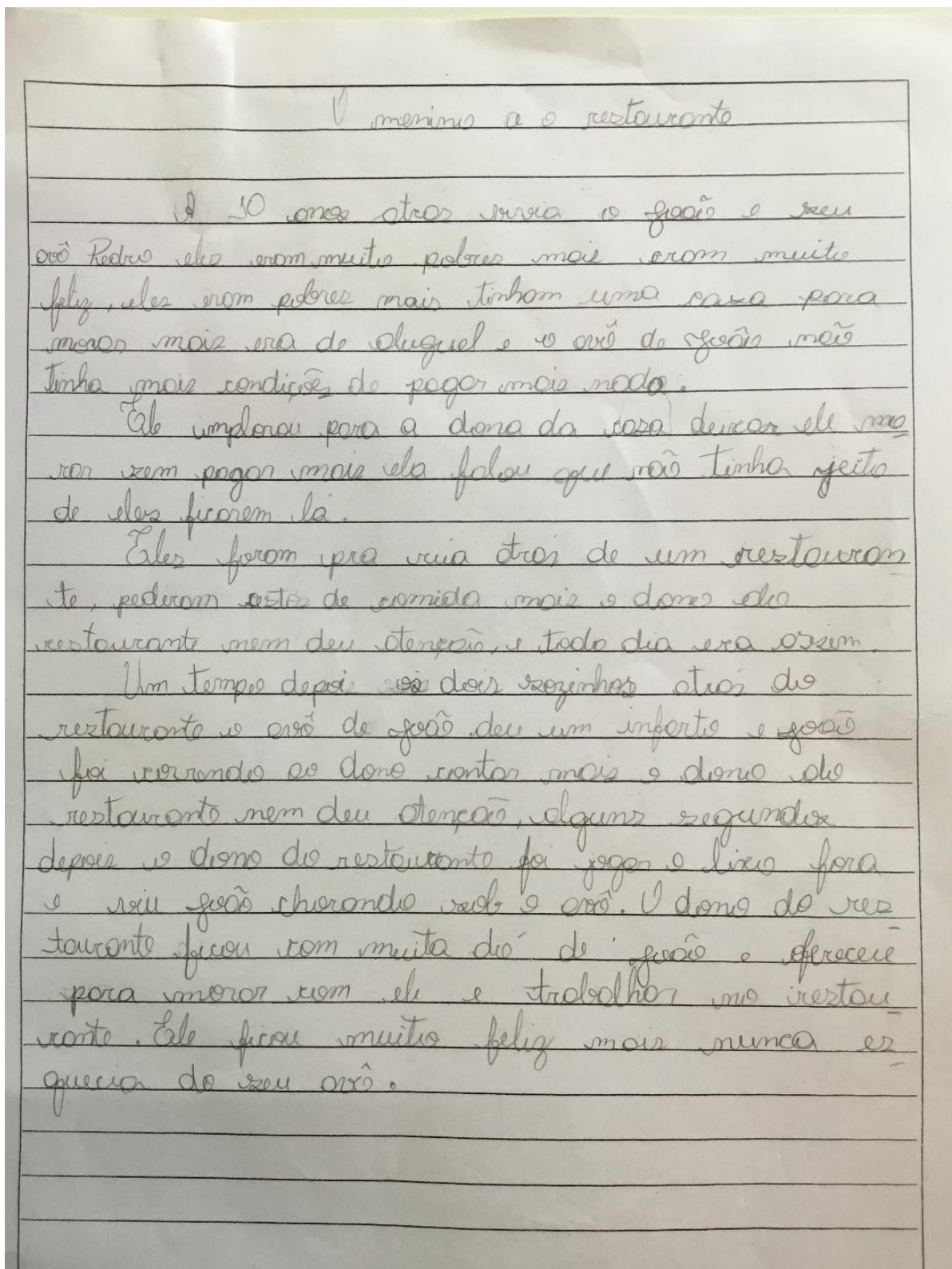
2- Há personagens?

Sim, o menino de rua e o famoso homem.

3- Em que local se passa a história? A história se passa em um orelhão da rua.

ANEXO C – PRIMEIRA PRODUÇÃO DE CONTO

Exemplo 41 de produção de conto



Exemplo 42 de produção de conto

Nunca Tenha medo de nada.

Em um dia de ventania, um garoto chamado João estava com seu tio José, que era a única coisa preciosa dele. Eles estavam com sua sacolinha catando latinhas e papéis, mas o vento foi muito forte e quase todos os papéis voaram. Alguns caíram na rua outros na calçada e outros embaixo de um riadulto.

Embaixo do riadulto haviam muitas pepas, merendonas e doces de leite. Também, João e seu tio ficaram espantados. Um dos merendões disse:

— Olá, por favor não me machuque.

Aqui embaixo deste riadulto é minha família. Se não for mes machucar você pode ficar nela também, aqui somos todos unidos.

E José respondeu:

— Eu não vou machucar ninguém. Eu Também quero ficar com esta família.

E assim foi, João ficou muito contente, e todos fizeram uma festa com muitos papéis e latinhas. Naquela noite um baúlho estranho foi ouvido.

Exemplo 42.1 de produção de conto

O baúlho foi ouvido por João, cutucou seu tio mas não acordou. Um homem misterioso começou a andar e ver que estava em um lugar cheio de mendigos e moradores de rua, e o homem disse:

-Ódio isso, esse povo nem aqui e acaba com meu espaço.

Era o prefeito, tirou sua arma do bolso e atirou para cima. Todos acordaram assustados e o prefeito disse:

-Povo fazer uma negociação, se todos forem embora eu não matarei ninguém agora se não, terei que pensar diferente. Todos levantaram do chão e começaram a discutir, com ele dizendo:

-Mas aqui é minha casa, não temer para onde ir.

Todos diziam a mesma coisa. Então o prefeito começa a atirar em todo mundo e acerta aquele morador, suas últimas palavras foram:

-Oi, eu que tivesse você aqui. Me desculpe eu só quero dizer mais uma coisa, meu nome é Lucas. É João, Nunca tenha medo de nada.

E logo depois disso o prefeito aponta a arma para João e seu tio e eles morrem.

Exemplo 43 de produção de conto

A generosidade é
TUDO?

Existia uma mansão perto de minha casa, e lá morava um menino que se chamava Davi, ele era muito mimado e todo chatinho, e olha que ele já tinha 11 anos. Um dia bem ensolarado Davi foi passear com sua família, sua mãe, seu pai e seu irmão mais velho Fábio, foram para um parque lindo de se ver, mas Davi não satisfeito queriu somente gastar, foi para o centro de sua cidade. Bolo Horizonte, entrou em uma loja enorme fácil de se perder, cada um foi ver uma coisa quando sua mãe recebeu uma mensagem assim:

— Acabei pra vocês, saubamos tudo! HAHHAH!

A mãe assustada, foi procurar sua família, quando encontrou ficou doída para chegar na sua casa. "Todos" entraram no carro e quando chegaram na porta de sua casa se malas deles estavam do lado de fora.

Sem dinheiro e sem casa, só tiveram uma opção, morar na RUA. Fábio inconformado disse:

— Não é possível eu não vou morar aqui!

E sua mãe já um cheque disse:

— Fábio, se tivermos outra opção, nós não estaríamos aqui, por favor, estabore!

Estavam todos chorando, muito tristes, quando perceberam um coisa, onde estava Davi?

Exemplo 43.1 de produção de conto

Ele estava perdido naquela loja enorme, procurando por sua mãe:

— Mãe onde você está? (repetitivamente.)

De repente um homem aparece, o mesmo homem que tinha roubado sua família. O homem disse:

— Tudo bem? Sua mãe mandou eu te buscar aqui.

O menino pensando que era um materialista que iria te buscar, foi com o homem. O homem não foi a direção de sua casa. O menino bastante intrigado perguntou:

— Para onde você está me levando?

O homem respondeu:

— Para a rua, onde agora será sua casa!

O menino ficou pensativo... Quando chegou, todos estavam lá ocupados com os mínimos.

Depois de um mês se conformaram com o que tinha acontecido e foram cortar latinhas e papéis para vender e ganhar uma moedinha.

Todos se arrependeram de ser quem eles eram no passado, e não agüentaram mais essa vida de mendigo, tão perigosa...

Passaram-se 3 meses, a mãe faleceu com uma gripe muito forte, com essa morte Davi ficou muito abalado e prometeu para Deus que se ele desse a vida que ele tinha de volta ele seria um bom menino para todos, porque ele sentiu de sua própria pele.

Chegou a noite, e eles colocaram seus papéis para dormir, quando chegou um homem e disse:

— O que aconteceu com você?

O pai conta toda a história.

O homem quis ser generoso e deu uma casa, comida, emprego e escola para os meninos.

Davi desde então foi sempre generoso com as pessoas.

Exemplo 44 de produção de conto

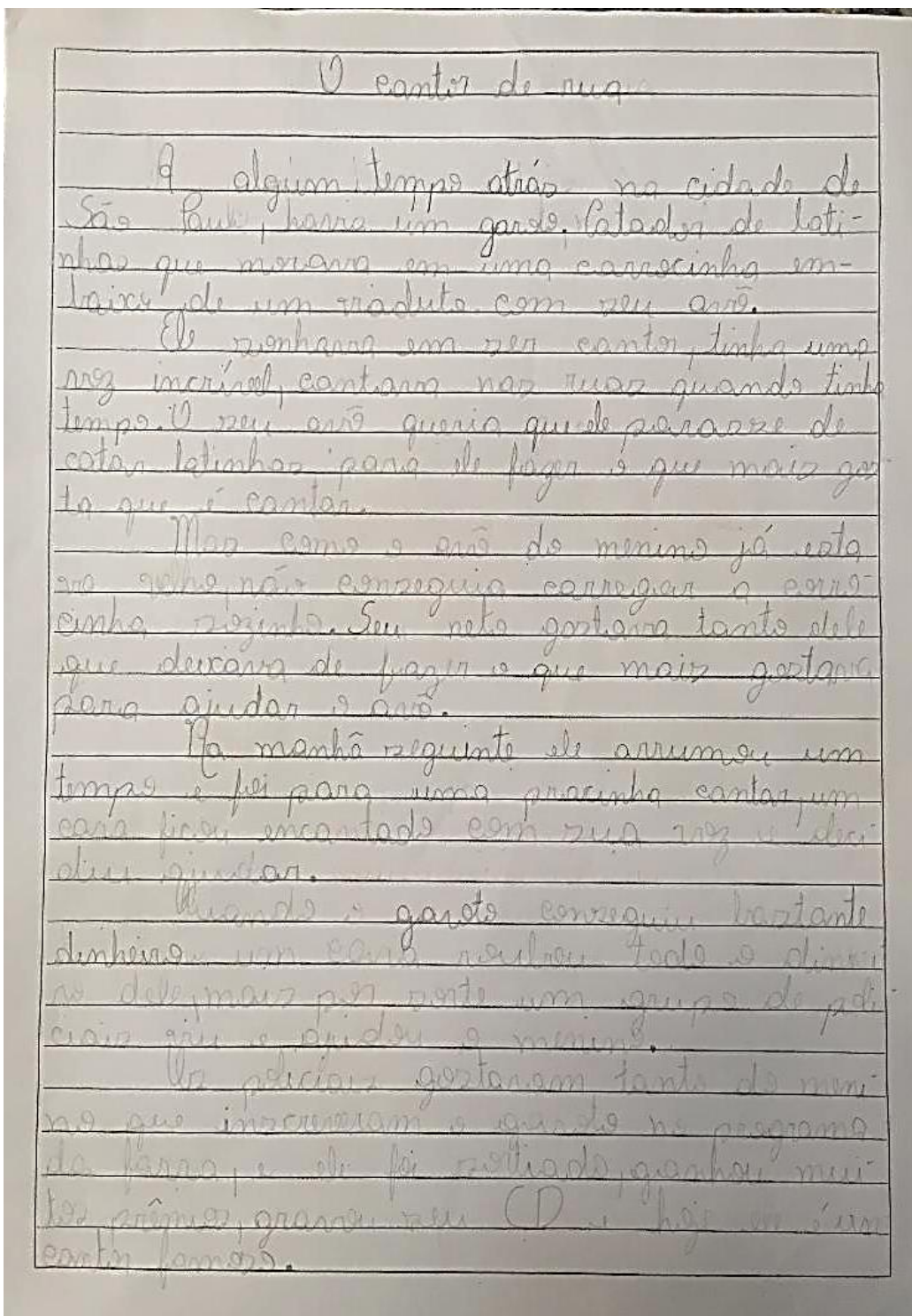
O garoto de rua!!

Em uma noite mais ou menos às 20:00 horas, um homem passa na rua de escuridão e é um carrão bem rígue.

Ele passa na rua e vê um menino de rua, o homem viu um garoto sentado na calçada com muito fome, e com um espelho na mão pedindo esmola ele vendo aquilo morreu muito com ele.

Então ele foi no supermercado comprar água, comida e pães para o menino de rua. Chegando lá na calçada onde o garoto estava, o homem com muito pena daquele menino se aproximou do garoto e fez várias perguntas para o menino. Ai o homem perguntou para ele: Onde está o seu família? O menino responde: Eu fugi de casa e não quero voltar nunca mais. Porquê? E sempre tem estar perto da família disse o homem. Eu fugi de casa por que minha mãe me obrigou o trabalhar. O homem lá: Você quer passar o mês no meu casa hoje? Claro que queis. Chegando no casa grande do homem. Lá deixaram de carro e o homem chamou a mulher dele para ver o menino, quando a mulher chegou no sala e o viu, gritou bem alto: O que está menino sup isto. Quando no minha casa? Quando o homem fez responder a mulher interrompeu e disse: Vai embora agora por não vai chamar a polícia e o menino continuou a viver na rua.

Exemplo 45 de produção de conto



Exemplo 46 de produção de conto

I que a vida me faz

Havia um menino chamado Ilerick ele morava com seus pais a 5 anos. Ele foi andar de bicicleta, e ele andou, andou tão longe que se perdeu de sua casa, pegou a rodagem e foi parar em outra cidade e quando pensou "Tenho que ir para casa."

Quando viu onde estava falou:

— Uei, onde estou? Será que andei tanta assim? Vou perguntar alguém onde estou e como voltar para casa.

Como nessa época ele só tinha 4 anos a primeira pessoa que passou. Passou um homem estranho e ele perguntou: omo

— Mas onde estou?

O homem respondeu:

— Na cidade chamada Dolime.

Ilerick respondeu:

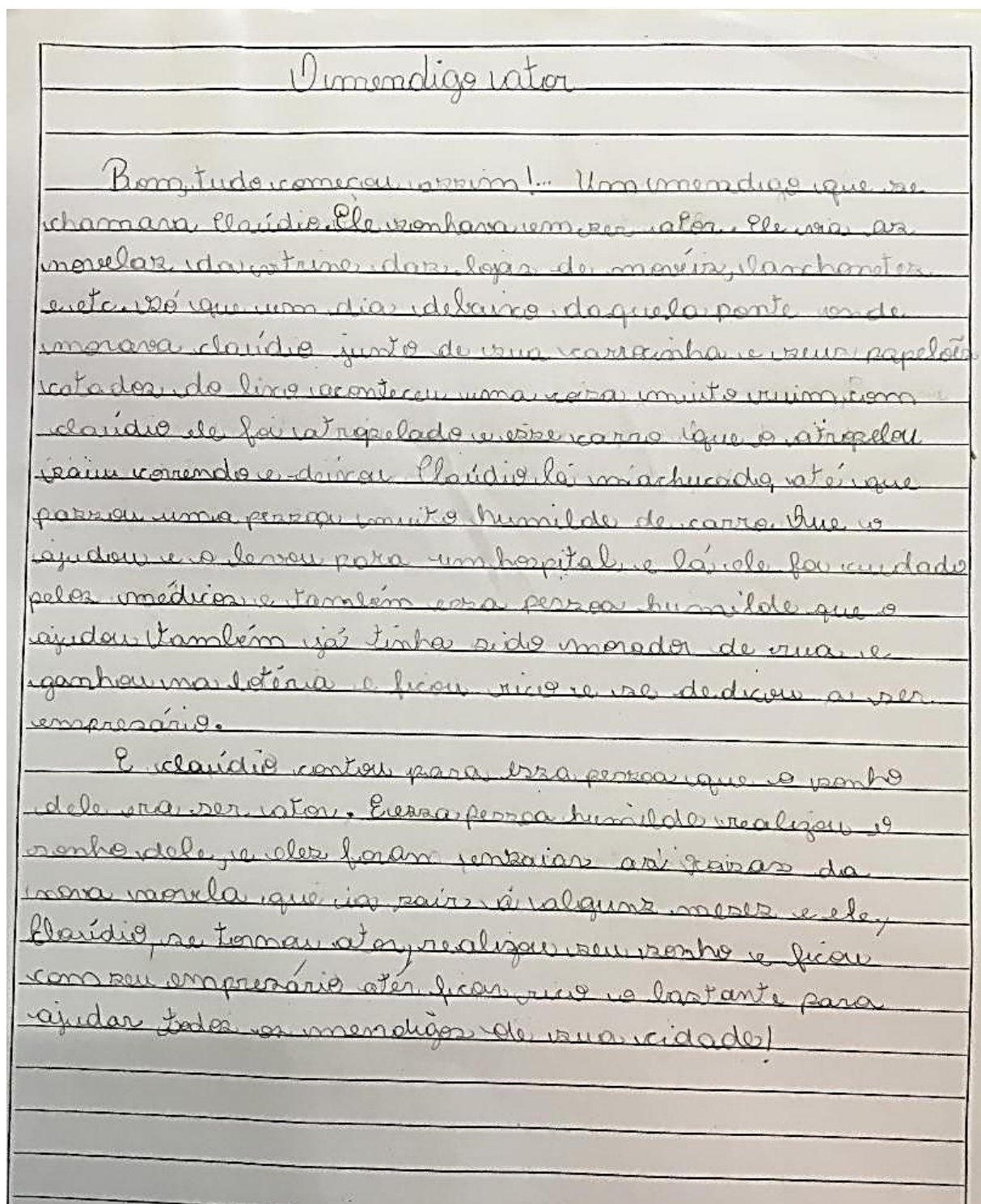
— Mas aqui não é Wilowis?

O homem respondeu:

— Nunca foi e nunca será. Tchau menino.

E assim ele nunca mais encontrou seus pais e hoje vive sem estudar, sem trabalhar e hoje vive rotando latinha e garrafa e ele mora em um beco frio e escuro, triste e sujo e hoje ele tem apenas 9 anos.

Exemplo 47 de produção de conto



Exemplo 48 de produção de conto

O menino de rua

- O menino de rua era uma criança que vivia juntando latinha em sua em sua. Ele juntava latinha nos centros todos dias que ele via. Ele ia de uma lado do nos dias para ele ver se tinha uma latinha em todos os dias. Ele juntava uma sacolinha de latinha no dia seguinte. Ele saiu de manhasinha com o dinheiro da latinha. Ele foi comprar um ^{pão} para ele começar a jornada. Ele saiu para ele ir estar latinha. Ele saiu do centro em São Paulo para ele ir para outros bairros e nos outros bairros. Ele adoece tanta latinha que ele teve que voltar no centro para ele e ele carregou a sacolinha cheia de latinha. Ele voltou para o bairro e foi pegar mais para ele vender e para ele junta mais porque ele tinha que vender para fazer o lucro dele. Ele chamou um homem mais grande do que ele para comprar as latinha. Ele juntou tanta latinha que ele teve que juntar o dinheiro e cada compra uma casa. Ele teve três filhos que ele juntava latinha. Ele chegou para trás e viu a mãe dele lá fora muito amor que ele não via a mãe dele. Ele se deu um abraço nela e começou a chorar. Ele amou dela muito. Ele e a sacolinha dele e vendeu. Ele ficou muito rico. Ele teve três filhos que ele foi morar com a mãe dele. Ele fez de rico.

Exemplo 49 de produção de conto

o menino de rua

Um menino mora na rua ele catava latinhas de refrigerante e papéis. Ele mora numa casa com seu pai e mãe todos os dias ele perguntava sobre seu pai e mãe quando falou sobre seu pai o pai disse: seu pai te deixou na rua mãe pegue você e cuide de você como se fosse meu filho e a mãe foi pro quarto e chorou aí, a mãe disse isso não pode ser não você quando a mãe não dormiu nenhuma noite com ela, aí a mãe disse aí o pai não tem dia não. Lá tinha de refrigerante e papéis tinha muito aí de tarde aí veio um menino muito feio aí o menino disse que é o seu pai: meu pai é jurista porque não me leva na rua mãe e a mãe disse: Eu quero minha casa e o menino disse: Eu quero estudar numa escola aí veio um homem aí menino veio sua família Eu quero minha casa e o pai chegou aí mandou. Ele aí para casa e aí um dia a mãe e o pai foram aí ele fugiu aí o menino viu seu pai lá na rua, aí o pai disse: não deixe esse gato por você porque se eu estiver morto não te deixar aí chegam a polícia aí levou para polícia aí as mulheres ficaram com o garoto e o gato.

Exemplo 50 de produção de conto

Londres

Dois detetives investigaram um caso de um ato terrorista na cidade.

Era uma sexta-feira chuvosa e a chegada da noite uma sombra um tanto peculiar se aproximava de uma livraria diferente das outras, a sombra abriu a direita e pegou uma mala, logo em seguida entrou em um carro preto, era um carro de luxo.

Logo em seguida houve uma explosão na praça central.

— Obriçada rapazinho, disse um dos detetives.

— Aquele menino de rua pediu muita ajuda na casa, disse o outro detetive, interessado. O menino sabia mais sobre o assunto, sabia onde seria o próximo alvo dos terroristas, a estação de trem. O menino tentou explicar a autoridade, mas ninguém iria acreditar em um menino de rua.

No sábado ambos os detetives foram investigar o caso do crime, bem mais tarde encontraram uma mala preta a mesma que estava na livraria na mala, isto no horário (19:30 horas), o horário em que o atentado aconteceu. Vamos falar sobre tal menino!

Ninguém sabia o seu nome mas era bem conhecido na cidade.

— Ah e agora o que quer você fazer? — Não tem nada pra comer aqui!

Foi quando os dois detetives apareceram. O menino fez um pedido para os dois.

— Me dá algo pra comer. — Disse o menino, — Toma frita sobre meu Hamburger.

O menino agradeceu o detetive e rapidamente foi.

— Qual é o seu nome? Perguntou um dos detetives.

— É Michael! Respondeu o menino. — Michael, você sabe de algo sobre o atentado na cidade?

— Sim. — Eu acho que o próximo atentado vai ser na estação central. — Como você sabe? — Eu li numa cadernetinha que achei.

Exemplo 50.1 de produção de conto

— O mole você achou a tal caderneta?

— Perdoe-me, doutor, numa cidade onde também vivem homens pegando uma maleta preta e um tempo depois ouvi uma explosão e bem vocês já devem ter visto né?

— Sim foi uma foto linda de aquela estátua era linda.

Um dos detetives perguntou ah por bem o quê? Não se lembra?

— Qual o seu maior sonho?

— É ser artista de teatro.

O detetive ficou interessado na história do menino.

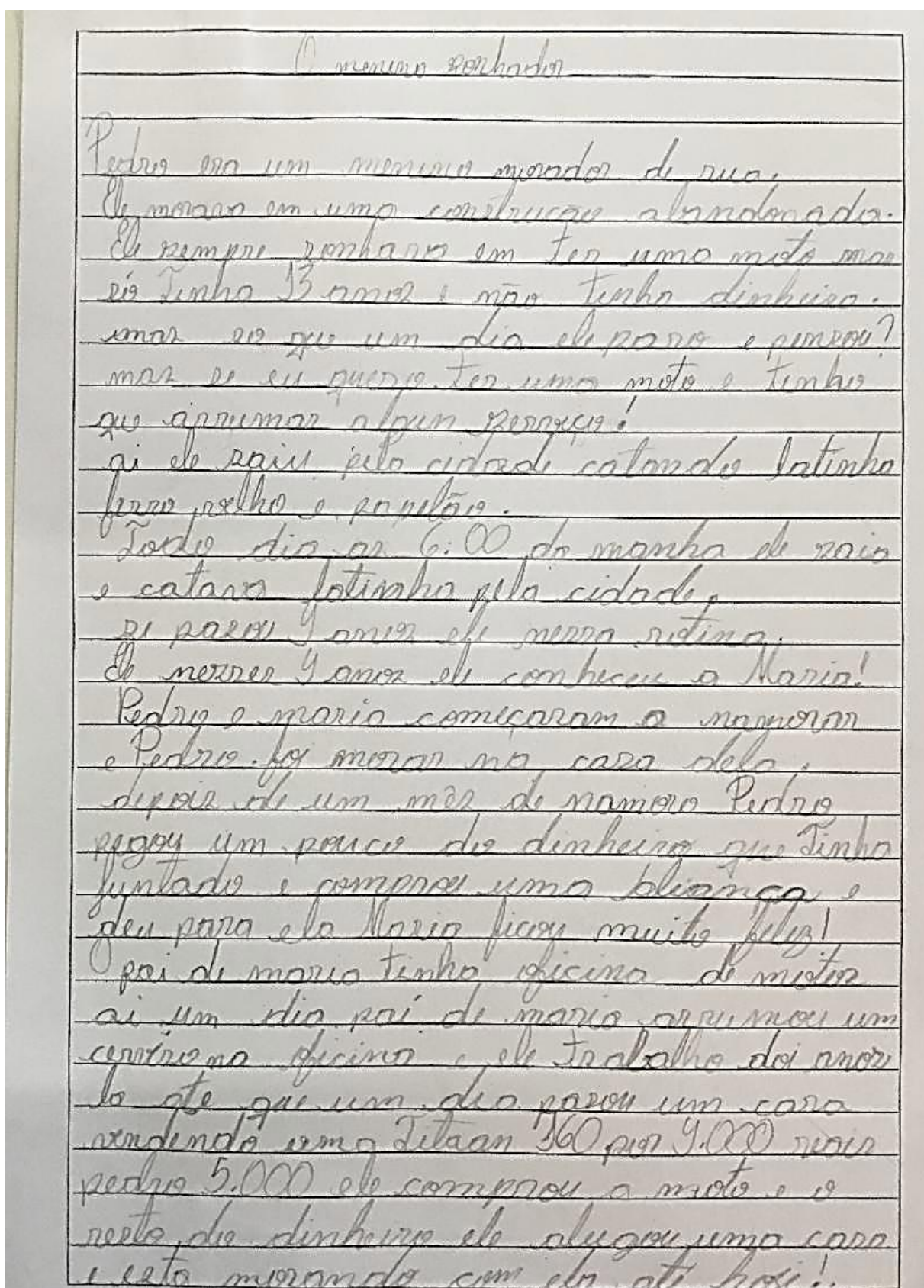
No fim o detetive editou o menino e tornou um ator no teatro.

Mas não me esqueci do atentado terrível.

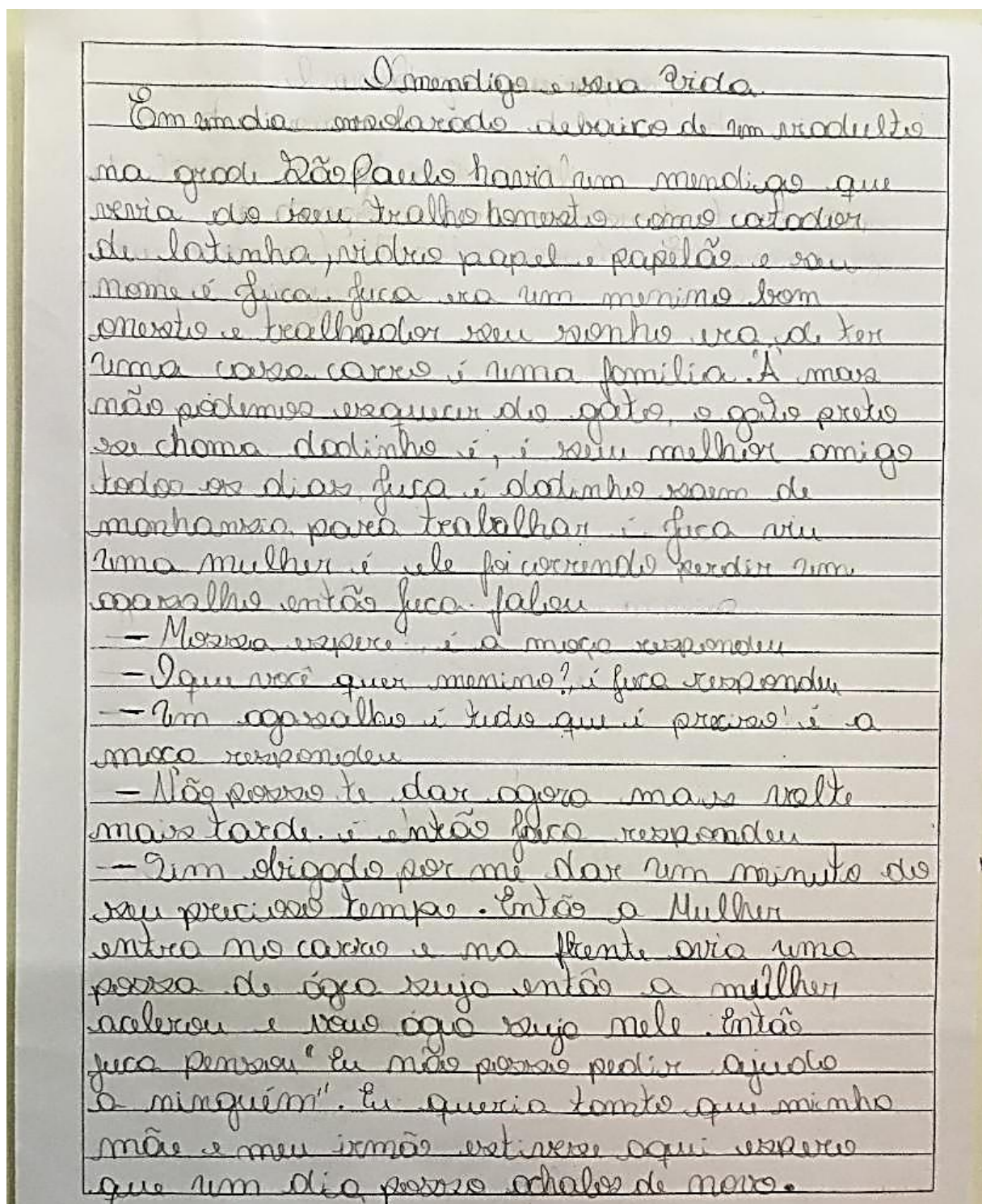
Eles conseguiram descobrir a casa mas um dos detetives morreu.

E o detetive e o menino seguiram desvendando casos apresentando peças e curtiendo a vida.

Exemplo 51 de produção de conto



Exemplo 52 de produção de conto



Exemplo 53 de produção de conto

Um pequeno anjinho

Em um dia ensolarado, um garoto foi passear com seus avós no shopping. Era um dia de solido, e come todas as sobras dos restaurantes lotado de pessoas. Algumas com pressa, outros irritados, isso já era uma coisa normal nos dias de hoje.

Enquanto ele ficava observando as pessoas, notou que já não estava com seus avós. O menino procurou, procurou, e procurou mas não conseguiu encontrar eles. Ele estava com medo, pois nunca tinha ficado sozinho, junto a tantas pessoas que ele nunca viu. Então o garoto correu para o estacionamento onde seus avós tinha estacionado o carro, pelo menos, ele achou que os carros estavam lá, mas era enganoso. Saiu correndo sem orientação alguma, já chorando e totalmente perdido ele se deu conta de que estava sozinho, sem seus avós, sem seus pais, sem ninguém, sem que ele pudesse ajudar.

Desde então o menino vive na rua, já mais velho ele se lembra de como ele perdeu as pessoas que ele mais amava. Ele vive com um menino, ele se como seu irmão mais novo. O pequeno tem exatamente a idade de quando o menino se perdeu. O menino não lembra como pequeno a tanto tempo, não sabe nem o nome de mesmo, ele o chama de anjinho, pois tem traços angelicais, e os anjos é super responsavel, até mais que o menino.

O anjinho, também não sabe o nome do menino, às vezes ele até tenta perguntar, mas nunca recebe uma resposta decente. Ele sempre recebe uma resposta como "Porque o interesse?" ou "Você não precisa saber o meu nome!"

Exemplo 53.1 de produção de conto

Mas o anjinho também se pergunta "Qual é o meu nome?" e "Será que eu tenho um?" E o menino sempre responde "Você tem um nome, mas não se lembra qual!"

Alguns dias depois os dois meninos estavam andando na rua, e um casal, que parecia ter chorado muito, gritou "Miguel!?" os dois meninos se assustaram, olharam quem é Miguel? Eles ficaram se olhando assustados, até que o homem se aproxima do pequeno anjinho e o abraça, a mulher foge e mesmo, e ela para o garoto mais velho, e diz "Quem é você?" o menino arregala o olho e responde "Como você sabe o meu nome?" a mulher corre e diz, "Você é o filho da minha irmã!" e continua "Eu ainda me lembro, de dia, em que você reuniu no shopping. A minha família ficou doente por causa!" a mulher abraça o garoto, e diz com toda a sua sinceridade "Vamos voltar para casa, e viver todos os anos que ficamos sem você!" O garoto abraça, com seus olhos cheios de lágrimas, mas não de tristeza e sim de alegria por ter encontrado sua família. Logo a um pequeno anjinho, chamado Miguel.

ANEXO D - REESCRITAS

Exemplo 54 de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado João estador de litorais. Ele morava em uma carruagem embaixo de um radote com seu avô.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, cantava nas ruas quando tinha tempo. O seu avô chamado Beto, queria que ele parasse de estar batendo para ele fazer o que mais gosta, que é cantar.

Mas como Beto já estava velho, não conseguia carregar a carruagem sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar o avô.

Na manhã seguinte, João arrumou um tempo e foi para uma praça cantar.

Enquanto ele cantava passou um homem de terno branco muito rico que ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando João conseguiu bastante dinheiro, passou um cara que ficou com muita inveja roubou todo o dinheiro de João!

Por sorte, um grupo de policiais viu o acontecido e ajudou João, e prenderam o ladrão.

Os policiais gostaram tanto do João que inscreveram o João no programa da fama, ele foi sorteado, ganhou muitos prêmios, gravou seu primeiro CD e hoje é um cantor famoso, mais conhecido como João da carruagem.

Exemplo 55 de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado Felipe, ele mora em uma carruinha embaixo de um radute bem antigo e mora com seu avô, Tião.

Ele gosta em ser um cantor famoso, ele tem uma voz incrível.

Quando Felipe tinha um tempo de pegava o seu radute, e ia para o centro de São Paulo cantar. O avô de Felipe queria que ele parasse de estar latindo, para o menino fazer o que mais amava que é cantar.

Mas como o avô do Felipe já estava comado e velho, mas conseguiu mais coragem e carruinha vizinha. O neto de Tião gostava muito do seu avô que deixava de fazer o que mais gosta para ajudar o seu avô Tião.

Na manhã seguinte ele tinha um tempinho vago, então o menino foi para o centro para poder ganhar dinheiro para comprar comida para ele e para o avô.

Passou um mês e ficou montado com o seu canto e decidiu ajudá-lo.

Quando Felipe conseguiu bastante dinheiro e estava o comendo do supermercado

chegou um bandido armado e roubou todo o dinheiro de Felipe, ele andando e chorando assistiu um policial e se exortou chamando tudo para eles, os policiais com pena responderam ele no programa do jornal.

Felipe ansioso para o prêmio começou a gritar pensando que não ia ser ele o ganhador, ele levantou do cadeiro pensando que ia ter que voltar para sua e viver cantando no centro. Ao chegar no posto do guarda ele ouviu o nome dele para ganhador começou a chorar mais ainda. Ganhou muitos prêmios. É hoje um cantor muito famoso. Gravou o seu CD e ficou mais famoso e rico.

Exemplo 56 de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás, uma cidade de São Paulo, havia um garoto chamado João Kaleb, ele era de uma família muito rica e eles ficaram pobres e nessa família tinha a mãe, o pai, o filho e o avô.

Um dia se separaram o pai e a mãe foram para um lado e o avô e o filho foram para outro, e eles nunca mais se encontraram, e hoje João Kaleb e seu avô vivem na rua.

Além de pequeno João Kaleb tinha o sonho de ser cantor, e ele tinha uma linda voz, e ele tentou um dia cantar em uma praça e ele fez muito sucesso, e seu avô queria que ele seguisse o seu sonho.

Mas ele tinha que ajudar o seu avô a catar a comida. Deu muita vontade que ele começasse a seguir seu sonho para acompanhá-lo.

No dia seguinte ele foi cantar na mesma praça, e ele começou a cantar, um homem ficou encantado com sua voz e ajudou ele.

Quando o garoto conseguiu muito dinheiro um ladrão foi roubar o seu dinheiro mas sorte que tinha um vigilante prendeu o ladrão e ajudou emime.

Os policiais gostaram tanto do menino que os policiais ofereceram ele no programa da festa, e ele ganhou 800 mil reais ele comprou uma casa, ganhou um CD, ele ficou conhecido como JK.

Exemplo 57 de reescrita do conto

O cantor de FUA

A algum tempo atrás, em uma cidade de São Paulo, havia um garoto, lotado de latimbas que morava em uma casquinha, um bico de um residêto com seu pai.

Ele cantava em seu cantor, tinha uma voz incrível, cantava com amor, mas quando tinha tempo. O seu pai que ele parasse de cotar latimbas para ele fazer o que mais gostava, cantar.

Mas como o pai (que) já estava velho, não conseguia carregar a casquinha sozinho. Seu pai gostava tanto dele que decidiu fazer o que mais gostava para ajudar o pai.

Na manhã seguinte ele assumiu um tempo e foi fazer uma pequena canton, um cara ficou curioso com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro, um cara viu todos os detalhes dele, mais por sorte um grupo de policiais que viraram o que tinha acontecido e decidiram ajudar o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que usaram o garoto no programa da fua e ele foi sortido, ganhou muitas pedras, ganhou seu CD e hoje ele é um cantor famoso.

Exemplo 58 de reescrita do conto

O Contador de rios.

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um gaúcho contador de rios. Catador de latimha e papelão ele morava em uma casquinha embaixo de um exodulto com seu avô.

Ele sonhava ser cantor, ele tinha uma voz incrível, ele contava mais rias quando tinha tempo. O seu avô gostava que ele parasse de catar latimhas e papelão para ao menos fazer o que mais gostava que é cantar.

Mas como seu avô já estava velho, e não conseguiu levar a casquinha sozinho. Seu neto gostava tanto dele que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar o avô.

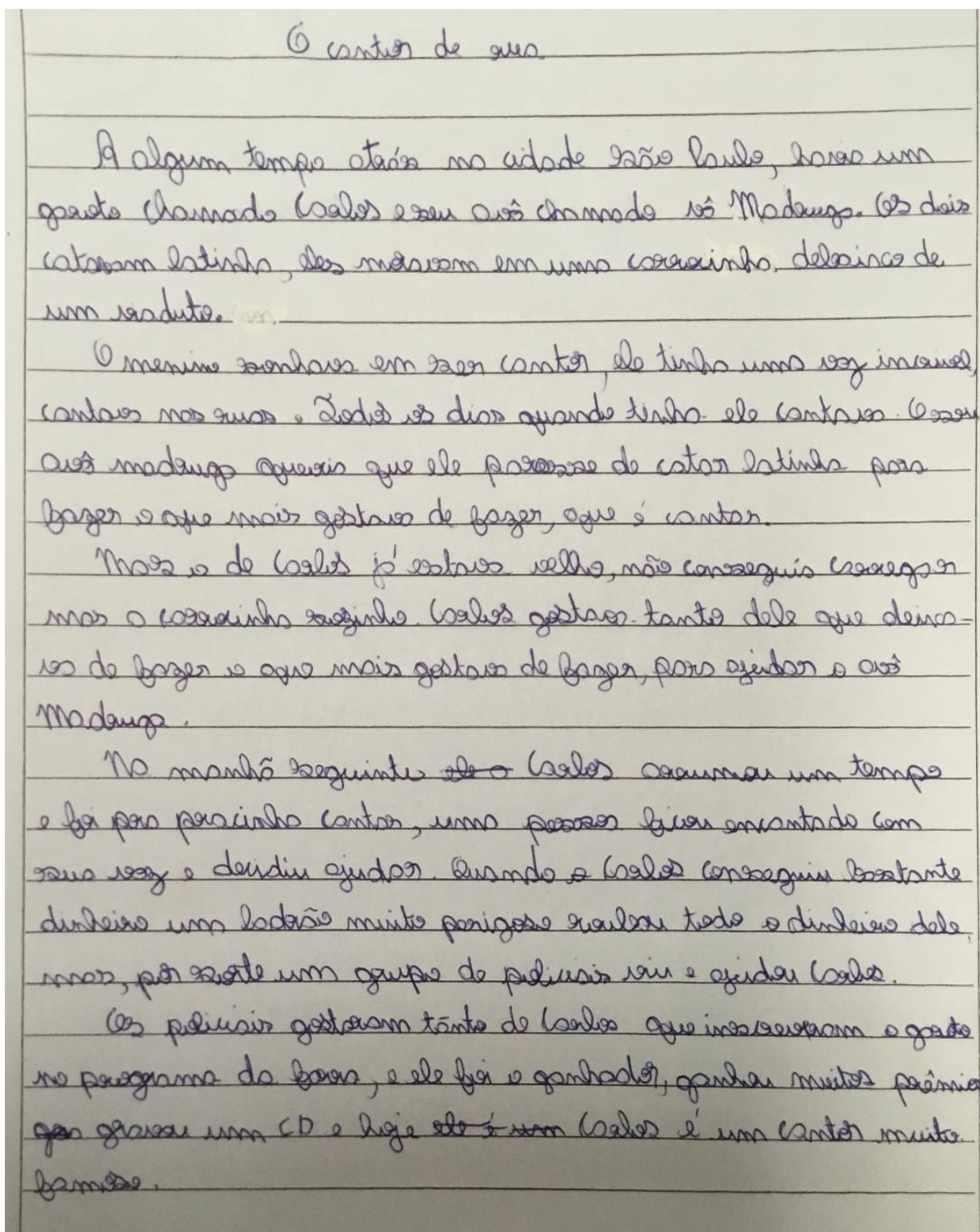
Na manhã seguinte ele arrumou um tempinho e foi para os centros de São Paulo cantar, um homem ficou encantado com sua voz e decidiu pagar.

Quando o gaúcho conseguiu bastante dinheiro um ladrão roubou todo o seu dinheiro, mais por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o gaúcho.

Os policiais adoraram ao menos que eles se inscreveram em um programa de música, e ele foi premiado vencedor do concurso de música, e ganhou

vários prêmios, gravou seu primeiro CD e hoje ele é um cantor famoso

Exemplo 59 de reescrita do conto



Exemplo 60 de reescrita do conto

Pedrinho o Cantor de rua

À algum tempo atrás na cidade de Rio de Janeiro havia um garoto que se chamava Pedrinho, latador de latinha que morava em humilde casinha perto de um mercado, com seu pai.

Ele ganhava em ser mc. Tinha uma voz incrível contava nas ruas quando tinha tempo. O seu pai queria que ele parasse de cantar latinha para ele fazer o que mais gostava que era cantar para ajudar o pai.

No mesmo seguinte ele chegou um tempo e foi para uma praça cantar, um cara que era dono da Kondzilla estava na praça viu o menino cantar e decidiu fechar um contrato.

Uma semana depois dele ser contratado ele fez um show.

No hora que ele foi receber o dinheiro do show passou um homem e pegou o dinheiro dele mas por sorte tinha um grupo de policiais que viu e ajudou o menino.

Depois de essas músicas gravadas ele virou um Mc. O Mc Pedrinho.

Exemplo 61 de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo havia um garoto chamado Diego. Ele era catador de latinhas que morava numa carruagem embaixo de um viaduto com seu avô.

Ele sonhava em ser um jogador de futebol tinha um talento muito bom. Ele jogava todos os dias no campo. O seu avô queria que ele parasse de catar latinhas para fazer o que mais gostava que é ser um jogador de futebol.

Mas como o avô do menino já estava velho não conseguiu carregar a carruagem sozinho seu neto gostava tanto de jogar que deixava de fazer o que mais gostava para ajudar o avô.

No momento seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma praça jogar futebol um cara ficou impressionado com seu talento.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um cara roubou todo o dinheiro dele mas por sorte um grupo de policiais viu e ajudou o menino.

Os policiais gostaram tanto do menino que inscreveram o garoto no grupo de futebol e ele foi nomeado primeiro capitão e ele ficou muito feliz e seu sonho foi realizado.

Exemplo 62 de reescrita do conto

O Cantor de Rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado David. Catador de latinhas e papelão que morava embaixo de um viaduto em uma carruagem onde ele dormia e passava a maior parte do tempo.

O David sonhava em ser cantor, ele tinha uma voz incrível, cantava nas ruas e praças quando tinha tempo. Viu até muito bom para o garoto queria que ele passasse de catar papelões e latinhas para David fazer algo mais gostoso que era cantar.

Mas como o avô de David estava já idoso, não conseguia carregar a carruagem sozinho. E David gostava tanto de seu avô que deixou de cantar para ajudar seu avô.

Numa manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi cantar em uma praça, uma pessoa chamado José ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar David:

- Que voz linda, você nasceu para ser cantor!
- É o que eu mais sonho! disse David feliz.
e José responde:

- Bom, trabalhe com absoluta de talento! e se doze dias você aceita fazer um teste?

- Claro! Nem estou acreditando, digamos e tem pagamento?

- Sim você vai receber R\$10,000 por dia?
- fala José

- Sim, vamos entrar pronto para o teste.

David passou no teste e ganhou muito dinheiro! e passou uma pessoa muito má e roubou todo o seu dinheiro. E depois de alguns dias o menino procurou a polícia e em algumas horas a polícia encontrou o dinheiro do menino e os policiais gostaram tanto do menino que escreveram ele no programa da rádio onde gravaram seu CD e hoje ele é um cantor muito famoso com seu avô.

Exemplo 63 de reescrita do conto

O cantor de rua.

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado Marcos. Catador de latinhas que morava em uma carruinha embaixo de um prédio com o seu avô José.

Ele cantava em seu canton e tinha uma voz incrível, cantava nas ruas sempre que podia. O seu avô queria que ele parasse de catar latinhas e sim que cantasse para as pessoas, que era o que Marcos mais gostava.

Mas como seu avô já estava velho, não conseguia carregar a carruinha sozinho. Marcos gostava tanto dele que deixava de cantar para ajudar seu avô.

Na manhã seguinte ele ocorreu um tempo e foi para uma praça cantar, um homem ficou encantado com sua voz.

Quando o garoto conseguiu bastante dinheiro um homem misterioso roubou todo o dinheiro, mas Marcos teve tanto sorte que um grupo de policiais viu e ajudou o menino. A partir daí teve mais esperança em seu avô.

Os policiais gostaram tanto de Marcos, que inscreveram ele no programa da faixa, e ele foi eleito o ganhador muitos prêmios, ganhou seu CD e hoje Marcos é um cantor muito famoso.

Exemplo 64 de reescrita do conto

O cantor de rua.

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um menino que se chamava André. Ele estava latimhas, morava em uma carruinha, embora de um viaduto, com seu avô fofo.

Ele sonhava em ser cantor, tinha uma voz incrível, quando tinha tempo cantava na rua. Seu avô fofo queria que ele parasse de estar latimhas, para ele fazer o que mais gostava, CANTAR. Mas seu avô já estava velho, não conseguia carregar a carruinha sozinho, e seu neto com muita dó, do seu avô largava de cantar para lhe ajudar.

Já manhã seguinte ele arrumou um tempo e foi para uma praça cantar. A praça estava bem movimentada, então passou um homem e foi conversar com André, o homem disse:

— Olá, meu nome é Roberto, e trabalho em Discoberta de Talentos, você se interessa em entrar em um programa?

O menino respondeu!

— Claro! Mas tem pagamento?

— Sim? Temha amigo. — disse Roberto.

Chegaram lá? Ele tinha ganhado muito dinheiro. Todos conheciam André, mas tudo aquilo era um roubo. André foi roubado.

Os policiais chegaram e prenderam os ladrões. André estava muito triste com o que tinha

acontecido então os policiais decidiram inscrever o menino no Programa da Fava. Ele ganhou vários prêmios, gravou seu CD, e hoje ele é um cantor super famoso.

Exemplo 65 de reescrita do conto

O cantor de rua

A algum tempo atrás na cidade de São Paulo, havia um garoto chamado Gustavo. Ele era cantor de latimbar, e morava em uma carruinha vendendo de um adulto com seu avô.

Ele lembrava em ser cantor, tinha uma voz incrível, e cantava nos seus quando tinha tempo. Seu avô queria que Gustavo parasse de cantar latimbar para ele realizar seu sonho.

Mas como o avô de Gustavo já estava velho, não conseguia corrigir a carruinha vendendo. Gustavo gostava tanto de fazer de fazer e que mais gostava para ajudar seu avô.

Na manhã seguinte Gustavo arrumou um tempo e foi para uma praça cantar, um cara que estava no local ficou encantado com sua voz e decidiu ajudar.

Quando o menino conseguiu bastante dinheiro, um cara passou e roubou tudo que ele tinha conseguido. Por sorte tinha um grupo de policiais rondando pela praça, eles viram o que tinha acontecido e foram atrás do homem que roubou Gustavo.

Ele conseguiu recuperar seu dinheiro e os policiais gostaram tanto do garoto que inscreveram ele no programa da praça. Gustavo foi sorteado, e ganhou muitos prêmios, ganhou seu CD e hoje ele é um cantor muito famoso.